



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

NOS BAILES DA HISTÓRIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E IDENTIDADES EM
FOCO NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS DE 1950-1960

JANIELLY SOUZA DOS SANTOS

CAMPINA GRANDE - PB

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**NOS BAILES DA HISTÓRIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E IDENTIDADES EM
FOCO NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS DE 1950-1960**

JANIELLY SOUZA DOS SANTOS

Orientadora: Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, junto à Linha de pesquisa 2: Cultura, Poder e Identidades, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S237n Santos, Janielly Souza dos.

**Nos bailes da história: relações de gênero e identidades em foco nas
Braúnas/Baraúnas de 1950-1960 / Janielly Souza dos Santos. – Campina Grande, 2012.
161 f. : il. color.**

**Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Humanidades.**

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Regina Coelli Gomes Nascimento.

Referências.

1. Identidades. 2. Gêneros. 3. Sociabilidades Históricas. I. Título.

CDU 94 (813.3)(043)



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

JANIELLY SOUZA DOS SANTOS

**NOS BAILES DA HISTÓRIA: RELAÇÕES DE GÊNERO E IDENTIDADES EM
FOCO NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS DE 1950-1960**

Aprovada em ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento (UFCG)
Orientadora

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCG)
Examinador Interno

Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo (UEPB)
Examinadora Externa

Prof. Dra. Eronides Camara de Araújo (UFCG)
Examinadora Externa (Suplente)

Prof. Dra. Juciene Ricarte Apolinário (UFCG)
Examinadora Interna (Suplente)

Às minhas avós, Otilia e Maria da Guia, pelo carinho e pela inspiração na realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Pedi mais uma vez inspiração a Deus para escrever meus agradecimentos, como tantas outras inspirações foram requisitadas durante a escrita deste trabalho. Como um amigo incondicional, de todas as horas e minutos; na saúde e na doença, na alegria e na tristeza como num casamento no qual se deseja para toda a vida. Agradeço a ti, meu Deus, pelas lágrimas que me fizeram crescer como pessoa e como historiadora, como também pelos sorrisos que coloriram meus dias nublados, fazendo-me acreditar que tudo é possível quando nos deixamos segurar pela tua mão.

Ao meu pai José, que me incentivou na caminhada, mesmo sem saber ler e escrever apoiou-me, encorajou-me nessa jornada, além de ter compartilhado comigo muitas madrugadas frias na espera do ônibus que me conduziria a Campina Grande, para que pudesse cursar as disciplinas do mestrado. A minha mãe Maria que sempre acreditou em mim, socorrendo-me nas aflições e no desespero, aplaudindo meus acertos e ajudando a consertar meus erros.

José e Maria dois nomes comuns, já que muitas famílias os colocaram em seus filhos e filhas, inspirados nos nomes do pai e da mãe de Jesus. Dois nomes únicos na minha vida, pois sei quantas privações eles passaram ao longo de suas vidas e o quanto lutaram por mim e por minha irmã. A eles o meu eterno agradecimento.

A minha irmã Janafna que soube dedicar horas de seus dias, para estar comigo nessa árdua caminhada do mestrado. Cúmplices nos momentos de alegrias e de tristezas, força dedicada no momento preciso.

A meus amigos e amigas, eternos confidentes. Em especial aqueles que estiveram diretamente ligados a esta conquista: a Elane que bastante me ajudou a retirar pedras do caminho, rumo à concretização deste mestrado. Quantas noites em claro trocando experiências, ajudando uma a outra; a Erica, que sempre ao necessitar, esteve disposta a me ajudar, sobretudo, a me ouvir; a Gutemberg, um ombro amigo acessível quando requisitado, quantas conversas travadas pessoalmente ou mesmo por telefone; a Rômulo, que mesmo sem o corpo presente soube transmitir seu apoio e carinho.

A todos e todas que fazem as escolas EMEF Iran Coelho Dantas e EMEF Santa Ana Albuquerque por me apoiarem na caminhada.

Ao Programa de Pós-Graduação em História representado pela professora Juciene Ricarte Apolinário, por ter contribuído na realização de um sonho. Vale ressaltar que o sorriso desta professora, bem como o seu olhar, muito me incentivou no percurso.

Não esquecerei também o carinho e a atenção dedicada por nosso secretário Arnaldo, que muito fez por nós, e em especial por mim.

A toda a turma 2010, pelos momentos compartilhados, pelas experiências divididas, pelas amizades que ficaram.

Aos professores Gervácio e Marinalva, o meu muito obrigado pelo conhecimento partilhado e pelas inspirações recebidas.

Como poderei esquecer Iranilson. Se Deus mandou anjos a terra, um deles foi o professor Iranilson, que em um dos momentos mais difíceis da minha vida, durante o percurso aqui transcorrido, soube trazer palavras amigas, transmitir força, carinho e vontade de continuar lutando. Modelo de inspiração. O meu carinho e meu sincero agradecimento.

A professora Regina, orientadora que me guiou pelos caminhos da escrita. Educadora, mãe, amiga, companheira que me acolheu como pupila, e me dedicou afeto, compreensão e amizade. O meu emocionado obrigado.

Agradeço ainda as contribuições do professor Durval Muniz, produzidas junto ao exame de qualificação.

Não posso esquecer a professora Patrícia, que compartilhou comigo das emoções da defesa da monografia em 2007 junto a Universidade Estadual da Paraíba e que anos mais tarde, veio me prestigiar com sua presença e suas sábias colocações na defesa da dissertação. Obrigada.

Não poderia deixar de citar e agradecer ao meu mestre Josemir Camilo, meu par no bailado da construção monográfica, exemplo de humildade e sabedoria.

Reservo ainda meu carinho e agradecimentos a peças fundamentais na produção deste trabalho, os depoentes. Sem eles e elas, sem as sensibilidades narradas, este trabalho não seria possível.

Meus agradecimentos a todos e a todas que fazem parte da minha vida.

RESUMO

Os estudos de gênero, no cenário da historiografia contemporânea, configuram-se em terreno rico em reflexões, na medida em que buscam problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da dimensão relacional que ela abrange. Neste sentido, este trabalho busca problematizar a construção histórica das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960 a partir dos relacionamentos entre os gêneros nos espaços de sociabilidades e lazer produzidos. Discorre ainda, acerca das identidades construídas para o homem e para a mulher neste espaço social e cultural, como elas eram instituídas e as possibilidades de rompimento. Deste modo, com base na análise de fontes orais, registros paroquiais, fotografias e músicas, construíram-se três capítulos, assim denominados de bailes. O primeiro baile se coloca pela construção histórica do espaço das Braúnas/Baraúnas a partir das sociabilidades promovidas junto à capela, à feira e ao grupo escolar. No segundo baile, adentrou-se ao terraço construído entre a capela e a bodega como espaço privilegiado na produção de lazer e sociabilidades, investigando e problematizando as relações de gêneros e identidades colocadas junto as novenas, as festas da colheita e da padroeira, o boi de reis, as exposições de filmes, e o 'pano de roda'. E no terceiro, propõe-se à análise dos forrós enquanto espaços culturais praticados pelos gêneros e produtores de sensibilidades partindo dos cinco sentidos. Nesta última perspectiva, reflete-se a produção de paisagens visuais, auditivas, táteis, olfativas e gustativas na construção do espaço em festa. Ao longo dos capítulos foram diluídas discussões referentes aos namoros e casamentos, no momento que atuaram na construção da sociedade estudada, na temporalidade em questão. Para concretização desta pesquisa, dialoga-se com alguns autores, a exemplo de Certeau com suas reflexões sobre história, cotidiano, cultura e práticas do espaço; Del Priore e Pinsky com discussões sobre os relacionamentos entre os gêneros; também nos aproximamos dos estudos de Hall e Pesavento acerca da produção de identidades e sensibilidades, respectivamente.

Palavras-chave: Identidades. Gêneros. Sociabilidades Históricas.

ABSTRACT

The studies focused on type, in the Field of the contemporary historygraphy, include a great space for reflections in relation to man and woman being; and their identities, so that they can be revised and analysed in a relationship context. So, this work seeks to solve questions about the historical formation of the "Braúnas"/"Baraúnas" in the 1950's and 1960's, from the relationships among types in the social spaces and leisure produced. It also focuses on the identities formed for the man and woman in this social and cultural space, as well as they were established and dissolved. This way, according to analyses based on oral sources, parish records, pictures and songs, it gave rise three chapters named "bailes". The first one is defined by the historical formation of the "Braúnas"/"Baraúnas" thorough social meetings next to the chapel, the second one takes the terrace built between the chapel and the tavern on consideration (that were important in the organization of leisure and social meetings), in addition to investigating and questioning the relationships of types and identity formed through the nine-days of devotion and prayer, the crop and holy lady event, the "boi de reis", the movies show-off and the "pano de roda". The last one analyses the "forró" as cultural spaces done by types and sensitivity creators, through the five senses. From this perspective, the production of visual, hearing, touch, smell and flavor scenery, is showed in the construction of the space as celebration. Over the chapters, it was discussed dates and marriages, as well as their participation in the formation of the society in question along the time. So that this study would concluded, some authors were questioned. Such as Certeau, who reflects about history, everyday, culture, and actions in the space; Del Priore and Pinsky, who discuss relationships among types; Hall and Pesavento, who know about identity and sensitivity formation, respectively.

Keywords: Identities. Types. Historical Social Meetings.

LISTA DE IMAGENS

DESENHOS

5. DESENHO DA PRIMEIRA CAPELA DAS BRAÚNAS p.48

FOTOS

1. ÁRVORE BARAÚNA p.37
2. ESPINHOS NOS RAMOS DA ÁRVORE BARAÚNA p.37
3. CAPA DO LIVRO DE SEVERINO PASSOS p.39
4. CONTRACAPA DO LIVRO DE SEVERINO PASSOS p.39
6. SEGUNDA CAPELA NO INÍCIO DE SUA DEMOLIÇÃO p.48
7. PRIMEIRA COMUNHÃO REALIZADA NA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS p.52
8. CASAMENTO REALIZADO NA CAPELA DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS p.56
9. SOCORRO DE ZÉ LOURENÇO p.69
10. SOCORRO DE ZÉ LOURENÇO, MARIA DO SOCORRO ASSUNÇÃO (PROFESSORA) E OS ALUNOS EM FRENTE AO GRUPO ESCOLAR p.69
11. BALIZAS QUE ABRIRAM O DESFILE DE 7 DE SETEMBRO EM BARAÚNAS EM 1966 p.70
12. PARADA DO DESFILE DE 7 DE SETEMBRO EM FRENTE O GRUPO ESCOLAR p.70
13. MENINOS POSANDO PARA FOTO COM SUAS CALÇAS CURTAS E SUSPENSÓRIOS p.71
14. CRAIBEIRA EM ESTÁGIO DE FLORAÇÃO AO LADO DA CASA DE FELIPE RODRIGUES DE LIMA p.74
15. LAGOA DA CARAIBEIRA p.74
16. DESFILE DAS GARÇONETES NO TERRAÇO NA FESTA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DO DESTERRO p.82
17. ZÉ LOURENÇO DANÇANDO A VALSA COM UMA GARÇONETE p.83
18. FESTA DA COLHEITA COM DESFILE DE RAINHA EM 1962 p.88
19. COROAÇÃO DA RAINHA DA FESTA DA COLHEITA DE 1962 p.90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PREPARATIVOS PARA OS BAILES	12
1º BAILE:	
“EU VI BARAÚNA NASCER E ESTOU VENDENDO BARAÚNA CRESCER”: SENSIBILIDADES HISTÓRICAS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DAS BRAÚNAS/BARAÚNAS	36
1.1 E TUDO COMEÇOU DE UMA ÁRVORE... SOBRE BARAÚNAS/BRAÚNAS	37
1.2 DO ENTRELAÇAMENTO DO ORAL E DO ESCRITO	38
1.3 SENSIBILIDADE E SOCIABILIDADES NA(S) CAPELA(S): PLANTANDO A PALAVRA, COLHENDO FIÉIS	47
1.4 “AH! A FEIRA FOI UM SUCESSO”: VENDENDO MERCADORIAS, CONQUISTANDO MORADORES	60
1.5 EDUCANDO GÊNEROS, PRODUZINDO UM DISTRITO	65
1.6 PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES DA CRAIBEIRA	73
2º BAILE:	
“SE AQUELE TERRAÇO FALASSE”: SENSIBILIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS DO ESPAÇO EM FESTA	76
2.1 DAS NOVENAS COM BALÕES ÀS GARÇONETES DA PADROEIRA	77
2.2 COLHENDO O MILHO, ESCOLHENDO A RAINHA	86
2.3 NO EMBALO DE CATIRINA E DE PAI MATEUS: HISTÓRIAS DE BOI DE REIS NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS	94

2.4 TRAZENDO O ASSENTO PARA FICAR MAIS ATENTO	101
2.5 E O PANO DE RODA ENTRA EM CENA... ..	104
2.6 QUANDO UM TERRAÇO FALA... ..	108
3º BAILE:	
DO PISAR NO PÉ A TROCA DE BONÉ: SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES DE GÊNEROS NOS FORRÓS	111
3.1 TROCANDO OLHARES, TECENDO HISTÓRIA(S)	113
3.2 “NO RESFOLÊGO DA SANFONA ATÉ O SOL RAIÁ”	124
3.3 PODE PAGAR A COTA E BAILAR PELO SALÃO NO RONCO DA CONCERTINA	132
3.4 COMO UM “TOQUE DE AMOR” A INEBRIAR O SALÃO	135
3.5 FORRÓS: EU QUERO UM PRA DEGUSTAR	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ÚLTIMOS MOMENTOS NOS BAILES	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151

ANEXO

INTRODUÇÃO: PREPARATIVOS PARA OS BAILES

Em uma manhã do primeiro semestre de 2003, adentrei nos corredores do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba, e no grupo de pessoas que estavam para realizar a matrícula da primeira entrada do curso de História noturno, deparei-me com uma menina brincalhona, falando de sua cachorra, chamada Mel, para alguns conhecidos que estava com ela. Não sabia naquele momento que aquela menina, anos mais tarde, seria uma das minhas melhores amigas: Elane, a quem se juntaria no cotidiano das primeiras semanas do curso, Érica. Numa sala de apenas cinco meninas, impossível seria não estabelecer relações e vínculos de amizade com os meninos: Gutemberg, Alex, Fabrício, Alexander, Charles, Sansão [...], Rômulo.

Mas, por que Rômulo depois das reticências? Porque foi com ele, Elane e Érica, que adentrei o mundo dos encontros de História, da produção de trabalhos acadêmicos. Dizem que “a primeira vez agente nunca esquece”, o encontro de Cajazeiras em 2006 foi inesquecível. Recebemos até um nome para o grupo; *Quarteto Luiz Gonzaga*, pois na maioria dos trabalhos que lá apresentamos, Luiz Gonzaga estava presente junto as suas músicas¹. De quem foi a ideia de trabalhar as músicas de Luiz Gonzaga? De Rômulo.

Comprei dois livros sobre Luís Gonzaga, em um deles havia algumas das letras das músicas que ele cantava. Rômulo conseguiu alguns CDs. Escrevemos os resumos. Dos quatro que mandamos, e que foram aceitos, três eram de temáticas ligadas às músicas cantadas por Luiz Gonzaga. No mês de junho de 2006², passamos alguns dias e noites, trabalhando juntos, fazendo os trabalhos para enviar para os ANAIS do evento. Talvez as pessoas que o leram ou leem não os considerem de relevância social e acadêmica, porém acredito terem sido os melhores, mesmo nas falhas, incentivaram-me o gosto pela pesquisa em História, a paixão que tenho pelo que faço.

Neste encontro, conheci Iranilson Buriti e Marinalva Vilar, recentemente meus professores na Pós-Graduação. O primeiro personagem era o Coordenador do Grupo de

¹ A maior parte das músicas cantadas por Luiz Gonzaga não foi ele quem escreveu, ele teve que se aliar a outros parceiros para colocar na escrita o que estava em sua cabeça. “Eu me lembrava do Nordeste, eu queria cantar o Nordeste. E pensava que o dia em que encontrasse alguém capaz de escrever o que eu tinha na cabeça, aí é que eu me tornaria um verdadeiro cantor.” (LUIZ GONZAGA apud DREYFUS, 1996, p.105)

² Na terra e no mês do “Maior São João do Mundo”, o forró, as músicas que embalavam lá o parque do povo, estavam cá numa residência do Bairro do Catolé, embalando nossas reflexões e primeiros momentos junto à pesquisa e a escrita de algo também nosso.

Trabalho em que apresentamos dois destes quatro trabalhos, pelos quais recebemos nossas primeiras críticas e nossos primeiros incentivos a continuar na caminhada.

Caminhada um pouco dura. Quando lembro o percurso de 114 km percorrido de segunda à sexta de Baraúna a Campina Grande, quando saía de casa às 16:00 h e somente retornava a 00:00 h; isto quando o transporte não quebrava e tínhamos que dormir nas estradas, ou quando levávamos a sorte de ser em Campina Grande, em um posto ou na Rodoviária, até que no outro dia viesse socorro da Prefeitura Municipal de Baraúna para consertar o transporte. Quando o problema era sério e não dava para consertar logo, nos dias subsequentes, tínhamos que pegar carona em transportes de outras cidades, caso quiséssemos chegar às aulas. Ainda acrescento um detalhe, muitas das vezes, tínhamos que fazer este percurso de ida e volta em pé, pois não havia poltrona onde sentar.

Paralelamente ao meu percurso no curso de História noturno da Universidade Estadual da Paraíba, trabalhei como Agente Comunitário de Saúde durante o dia, em Baraúna. Por que falar disso? Porque foi no cotidiano como “Agente de Saúde” que despertei para minha temática de pesquisa, bem como, para a metodologia de pesquisa que deveria utilizar.

Muitas vezes, ao chegar à casa de senhoras e senhores idosos, deixava-me envolver por suas histórias de vida. E eu que sempre fui de ouvir, permitia que eles falassem por algum tempo. Ligava minha vida as suas temáticas, na maioria das vezes relacionadas ao passado, nosso objeto de reflexão enquanto historiador. Estes senhores e senhoras gostavam de contar suas vivências, sentiam necessidade de ser ouvidos, já que poucas eram as pessoas que paravam um pouco para escutá-los, viajar com eles ao passado.

Foi nas idas e vindas, junto a estes idosos, bem como, junto a alguns trabalhos que desenvolvia para os encontros de História, ainda sobre reflexões acerca do forró, das letras de músicas cantadas por Luiz Gonzaga que, em 2007, despertei para a temática da minha Monografia. Quando as pessoas falavam dos bailes ao som do fole de oito baixos, mais adiante da sanfona, havia relacionamentos com as músicas entoadas por Luiz Gonzaga. Resolvi então conversar com minhas avós³, para saber qual a importância para elas destas festas, destes espaços de sociabilidades criados. Foi quando passaram a narrar com desejo e emoção essas festas, que acolhi o tema da minha monografia.

Intitulada “Memórias que produzem História: Práticas culturais dos “forrós” em Baraúna – PB (Anos 50 e 60)”, sob a orientação do professor Josemir Camilo de Melo. Esta

³ Minhas avós, porque um avô meu tinha falecido quando não era nascida ainda, e o outro era tímido e não falava da sua vida conosco. Inclusive foi neste ano, em 2007, que o perdi. Exatamente no dia e na hora que acabei de transcrever minha primeira entrevista para monografia (vale observar que a entrevista não foi com nenhuma das minhas avós).

monografia não procurou pensar o forró junto às músicas de Luiz Gonzaga, mas procurou refletir a partir das memórias dos idosos, como os forrós, enquanto festas, “bales” que se produziram no cotidiano dos sujeitos sociais e culturais que habitavam os espaços que constituem hoje o município de Baraúna eram realizados, que códigos sociais se colocavam a partir deles, e as tramas do praticado que se davam nestes espaços.

Dando continuidade a minha caminhada acadêmica, no primeiro semestre de 2008 comecei uma especialização em História do Brasil e da Paraíba. No segundo semestre do mesmo ano, paralelamente a especialização, cursei a disciplina *Gênero, Etnia e Identidades na Pós-Modernidade*, como aluna especial no Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, com a professora Juciene Ricarte Apolinário, que me fez redefinir a temática de pesquisa, inserindo questões de gênero. E foi no mesmo semestre, sob a inspiração da professora Regina Coelli Gomes Nascimento, em outra disciplina como aluna especial, *Cultura, Linguagens e Práticas*, que iniciei a escrita do projeto de mestrado, que somente viria a se concretizar no ano seguinte, junto à escrita do meu artigo final da especialização⁴.

Fruto desta caminhada cheia de espinhos, sofrimentos, desencantamentos, bem como, flores, alegrias, encantamentos e amizades, nasce esta dissertação de mestrado que agora apresento para o público, e que se apresentou a mim a partir de pesquisas, de leituras e muitas reflexões.

DA TEMÁTICA A SER DISCUTIDA

Esta dissertação constrói-se com o objetivo de problematizar a produção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais das Braúnas/Baraúnas, refletindo a construção do espaço e os lugares atribuídos historicamente ao homem e a mulher nas décadas de 1950 e 1960.

Mas, por que pensar a construção do espaço conhecido atualmente como Baraúna, assim como as sociabilidades e os relacionamentos entre os gêneros, problematizando ainda as identidades construídas? Primeiro, porque cada espaço, enquanto construção social e cultural, que perpassa ainda as dimensões econômicas, religiosas e políticas, tem sua(s)

⁴Artigo intitulado “Experiências que povoam, corpos que inscrevem: Relações de gênero nos “forrós” das “Braúna”” e que teve como orientadora a professora Eronides Camara de Araújo.

história(s). Esta(s) produzida(s) pelos sujeitos que habitaram e habitam este espaço, colocando-o enquanto produto de suas vivências cotidianas. Segundo, porque foi nos relacionamentos entre os sujeitos, e neste caso, entre os gêneros, que houve a possibilidade de surgir vínculos de amizades, namoros, que mais adiante puderam dá espaço ao casamento, e conseqüentemente a construção de famílias que necessitavam de estabelecer-se e construir novos vínculos espaciais. Partindo destes princípios, nas habitações do espaço Baraúna - PB foi sendo construída.

Nos relacionamentos entre os gêneros, masculino e feminino, sejam familiares, amigáveis e/ou amorosos, há a construção do espaço e de códigos sociais para convivência. Nos lares das décadas de 1950 e 1960, havia códigos comportamentais que deveriam ser seguidos, e que acabavam por contribuir para construção do homem e da mulher, além de se estender ao cotidiano da vida em sociedade, para a além do espaço do lar.

Neste âmbito, é inicialmente nos códigos do lar, de como deviam se portar um homem e uma mulher, sejam eles casados ou solteiros que se propuseram normas de condutas e identidades, que deveriam se estender a outros espaços, inclusive junto às práticas de sociabilidades e solidariedade. Deste modo, quem dentre o códigos de condutas sociais e culturais optasse por quebrar as regras, deveria acatar as possibilidades de punição⁵.

Os amigos e/ou amigas deveriam também atentar para as normas de conduta desta sociedade. As amizades entre os gêneros, muitas vezes, necessitava de ser vista sob suspeita. Nos relacionamentos amorosos antes do casamento, esta suspeita era mais evidente. A paquera e/ou o namoro deveriam ser comedidos e vigiados, principalmente no caso das moças de família.

No momento em que a capela, a feira e o grupo escolar, por exemplo, foram espaços de cruzamentos de gêneros em suas possibilidades de movimentos cotidianos, estes espaços se colocaram historicamente frente à produção das Braúnas/Baraúna(s). Neste jogo, o firmamento de regras e normas de conduta era evidente, mas também os possíveis deslizos destas.

As novenas, os boi de reis, os 'pano de roda', as festas da colheita e da padroeira, os forró⁶ e demais festas, o que tem a ver com tudo isso? Muito, na medida em que estes foram espaços privilegiados de sociabilidades e solidariedades, bem como, no momento em que as

⁵ Conforme Pesavento (2004, p.167): "[...] A vida em comum impõe suas regras e a transgressão deve ser punida de forma exemplar para ter o efeito do acatamento à ordem [...]".

⁶ Festas geridas pelo som do fole, concertina e/ou sanfona, também chamada nas Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960 de samba.

normas de conduta entre os gêneros, proposta pela sociedade, deveriam ser também evidenciadas nestes espaços.

Como já advertido, dizer que estas regras foram favorecidas não que dizer que elas não podiam ser burladas. As possibilidades poderiam ser inventadas no cotidiano que se praticara a cada momento. Podemos também dizer, que nessas festas, a produção de identidade(s) poderia ser favorecida, de acordo com preceitos da sociedade, assim como nos atenta Guarinello (2001, p.972)⁷,

[...] dizer que a festa produz identidade não significa afirmar que produza, necessariamente, consenso, muito pelo contrário. A festa é produto da realidade social e, como tal, expressa ativamente essa realidade, seus conflitos, suas tensões, suas censuras, ao mesmo tempo que atua sobre eles.

Partindo destas perspectivas, qual relevância esta dissertação tem para com a academia, para a sociedade, assim como para a minha pessoa? No que concerne à Academia, podemos destacar a necessidade de trabalhos que discutam as sociabilidades a partir do relacional e dos gêneros, que procurem pensar as festas como parte importante e integrante na construção da sociedade, por serem espaços de lazer onde habita a solidariedade.

Os espaços do lazer/de festa se entrelaçam a nossa história, no momento que estabelecem vínculos cruciais com a produção da vida em sociedade. Não é por acaso que para celebrar um casamento depois da comilança, viesse um forró para animar os presentes na festa. No período de colheita, fizessem a festa com escolha da rainha; em espaço previamente preparado, fosse realizada a festa da padroeira numa mistura de sagrado e profano, de novenas onde eram entoadas ladainhas, e bailes ao som da sanfona, atraindo assim as atenções do público.

Podemos acrescentar também a relevância que esta dissertação tem diante da sociedade baraunense, na medida em que se propõe, enquanto fruto da História desta sociedade, que somente tem escrita, até o momento, um pequeno livro de memórias do senhor Severino Ramos de Araújo, publicado em 2005 e intitulado “Memória viva: A história de Baraúna baseada na memória e pesquisa de Severino Passos”, o qual não procura pensar estes momentos de sociabilidades e lazer.

Nesta dissertação, entra em cena além de narrações do senhor Severino Ramos de Araújo, outros personagens e documentos. Personagens e documentos passíveis de

⁷ Ao longo de todo o trabalho adotamos a ABNT NBR 14724, que para as citações recomenda a adoção da ABNT NBR 10520. Baseada nesta última, estruturamos nossas citações.

desaparecimento, e por este motivo necessitam ser ouvidos, refletidos. A necessidade de propor em cena memórias até então não evidentes pela escrita, e que pela finitude da vida podem ser perdidas no tempo e no espaço, é um exemplo da relevância que esta dissertação tem para a sociedade em questão.

Por fim, venho somar a relevância pessoal que esta pesquisa apresenta, no momento em que é fruto da minha história, por envolver a minha família, já que direta ou indiretamente a história de Baraúna, dos espaços de sociabilidades da missa, da feira, da novena, do boi de reis, das festas da colheita e da padroeira, dos forrós, e também dos namoros, dos casamentos entrelaçam-se aos meus.

Sabendo que Baraúna, assim como as outras sociedades, é o que é porque também houve espaços de sociabilidades, relacionamentos entre os gêneros, que originaram namoros, casamentos, bem como produção de identidades. Exponho esta dissertação como relevante à historiografia que se constrói continuamente.

DO ESPAÇO E DA TEMPORALIDADE

Na década de 1950, povoação das Braúnas; na década de 1960 Baraúnas, distrito do Município de Picuí; já em 1994, com a emancipação política, Baraúna. Apresento, pois o meu espaço de pesquisa. Por que este espaço? Porque sou fruto dele. Pelo desejo enquanto historiadora e professora de saber sobre o espaço habitado, sobre a história local, sobre os códigos sociais e culturais que me construíram; e conseqüentemente, outras pessoas antes e depois de mim. Por saber que este espaço foi, e é parte integrante de um Estado, de um País, do mundo, e que se relacionou e relaciona com estes espaços em diferentes intensidades.

Por que muitas vezes, refiro-me a Baraúna e não as Braúnas ou Baraúnas? Não seria um anacronismo? Sim e não. Sim, porque o Município de Baraúna não existia oficialmente nas décadas de 1950 e 1960, a cidade de Baraúna, como muitos dizem. E não, porque, além das nomenclaturas serem bem parecidas, muitas vezes confundidas, no momento que trabalho com narrativas orais de memórias, entra em cena, na maioria das vezes, o nome Baraúna e não Braúnas ou Baraúnas. Neste campo de ação, cabe observar com Delgado (2006, p.12) que “[...] entre os muitos desafios da história oral, destacam-se portanto, o da relação entre as múltiplas temporalidades, visto que, em uma entrevista ou depoimento, fala o jovem do passado, pela voz do adulto, ou ancião do tempo presente.”

Este espaço também foi escolhido porque foi fruto dele, das memórias dos sujeitos que o habitaram que surgiu à problemática da minha pesquisa. Foi junto às memórias dos idosos desta comunidade, que escolhi a temática de pesquisa. Poder-se-ia pensar em pesquisá-la e problematizá-la junto a outros espaços, como o próprio município de Picuí, tão grande em extensão territorial, inclusive ainda hoje, e com uma bagagem histórica em termos temporais considerada por muitas pessoas, como de maior relevância; ou ainda junto a outros municípios circunvizinhos. Todavia, as pessoas que estavam ligadas ao produto inicial, ao projeto de pesquisa, estavam no município de Baraúna, no meu espaço de vivência, o que facilitaria minha pesquisa; bem como, fruto da pesquisa, estaria no produto final, à dissertação, algo em que estas pessoas, embora vigiadas pelos saberes acadêmicos, pudessem estar presentes.

Com relação ao recorte temporal escolhido, décadas de 1950 e 1960, podemos elencar algumas proposições para a escolha. Primeiro porque é nesta temporalidade que estava em formação⁸ o espaço que conhecemos hoje oficialmente como município de Baraúna. Foi nesse momento histórico que as pessoas passaram a habitar com maior intensidade o que hoje vem a ser a cidade, e que outras pessoas, da zona rural que compõem hoje este município passaram a se relacionar com este espaço, e passaram a colocá-lo como ponto de referência, ‘vamos pras Braúnas’, ‘domingo vamos para a feira de Baraúnas’⁹.

Num segundo momento, podemos apontar os depoentes que usaram de suas narrativas para contribuir na construção da nossa paisagem de pesquisa. Quando pensamos as décadas de 1950 e 1960, especificamente ligando esta temporalidade aos espaços de lazer e sociabilidades, temos que ter em mente que esses sujeitos para narrarem os espaços e práticas tinham que ter ‘anos de vida e experiência’ na temporalidade em questão. Para habitar os forrós, o salão de dança e os relacionamentos, que poderiam gerar namoros, somente a partir de certa idade.

Partindo do princípio de que passamos por diversas narrativas de memórias na pesquisa, devemos perceber que nas décadas de 1950 e 1960, alguns dos nossos informantes poderiam estar no âmbito da paquera, do namoro, do noivado, do casamento, na posição de

⁸ Em termos de povoamento, de agrupamentos de casas e pessoas, principalmente no âmbito da sede, do que hoje conhecemos como a cidade de Baraúna.

⁹ Segundo Araújo (2005, p.13): “As mudanças pelas quais a comunidade passava, demonstrava o ritmo de crescimento da povoação. [...] Desta forma, ainda em 1958, em plena campanha eleitoral, o vereador Paulo Hipácio de Araújo fez o seguinte comentário numa das palestras políticas ‘As Braúnas está crescendo, eu vou botar um projeto na Câmara criando uma feira’ [...] O prefeito teria se comprometido com a proposta do vereador. Assim em 1959 foi criada a feira livre de Baraúna conforme decreto de Lei 63 de 04 de junho de 1959 e após deferido o projeto foi aprovado, a feira de Baraúnas, postalou-se em 09 de agosto do mesmo ano, aos domingos, para não concorrer com a feira livre de Picuí que era aos sábados. [...]”

pai ou mãe de família, e que necessariamente, no momento da pesquisa, estavam (estão) vivos para poderem narrar à temporalidade escolhida se justifica.¹⁰

Cabe aqui observar que não deixaremos de nos remeter, quando relevante ao texto, e ao presente estudo, aos anos anteriores a 1950, tampouco aos posteriores a 1960. Neste último caso principalmente, porque no momento que lidamos com relatos de memórias e pessoas ainda vivas, estamos nos relacionando diretamente com o presente.

Outro ponto a ser pensado é que os boi de reis, a festa da colheita e da rainha, os forrós, que ora estão sendo chamados à reflexão, encontram espaço nas Braúnas/Baraúnas e/ou seus arredores nas décadas de 1950 e 1960 no momento que se propõem como possibilidades de lazer e entretenimento em meio ao dia-a-dia regrado a muito trabalho, no roçado, no comércio e/ou nas prendas domésticas. No caso dos forrós, principalmente aqueles que aconteciam nos sítios circunvizinhos às Braúnas/Baraúnas, davam-se com maior intensidade, seja aquele mais organizado em comemoração a um casamento, seja o mais corriqueiro, a 'brincadeira'¹¹ de final de semana. Inclusive quando pensamos em termos nacionais e regionais¹² o forró começa a adquirir representatividade, já a partir da década de 1940 com Luiz Gonzaga.

Acrescento ainda, outras fontes integrantes à pesquisa que nos remetem as décadas de 1950 e 1960, como fotografias, registros paroquiais e músicas. Fotografias encontradas junto a álbuns de família, registros paroquiais pesquisados na Paróquia de São Sebastião em Picuí – PB, e músicas lidas, ouvidas e analisadas de livros e sites da internet¹³. Nesse campo de ação, convém refletir junto à Pinsky e Luca (2009, p.7), “A História se utiliza de documentos, transformados em fonte pelo olhar do pesquisador.” Um olhar que pressupõe uma temporalidade e um espaço a serem problematizados, bem como, a temática de interesse, em meio ao tempo e ao espaço em foco.

DA LINHA DE PESQUISA

¹⁰ Rousso (2007, p.288) salienta que “[...] O ator-testemunha, utilizado ou não, instrumentalizado ou não, constitui uma presença a qual o historiador é obrigado a considerar [...]”.

¹¹ O senhor José Galdino dos Santos (77 anos) nos informa que “[...] era na casa sempre, nessas casas veia antiga, tudo era um salão grande, viu. Daí o povo fazia, aquela brincaderinha mesmo na casa própria.” Entrevista realizada em 15 de Outubro de 2007.

¹² Convém observar que a divisão regional a qual fazemos parte e que denominamos atualmente de Nordeste não existia. Sabendo que até meados da primeira década do século XX, o Nordeste não existia, podemos pensar com Albuquerque Júnior (2001, p.39) que o Nordeste “[...] é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre ‘Norte’ e ‘Sul’.”

¹³ Podemos citar como exemplo o site *Luiz Lua Gonzaga*. (<http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php>)

Partindo da premissa que “toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção” (CERTEAU, 2008a, p.66), esta se propõe diante do relacionamento com o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, que tem como área de concentração *História, Cultura e Sociedade*, construindo-se, mais especificamente, junto à Linha de Pesquisa II, *Cultura, Poder e Identidades*.

Sobre *História, Cultura e Sociedade*, debruçamos uma reflexão não prolongada, porém pertinente já que estes três conceitos se relacionam entre si, entrecortam-se, entrecruzam-se e favorecem a construção da escrita que se segue. Nesse conjunto, pensemos primeiro a história, numa perspectiva de produção, a partir do jogo da vida, e muitas vezes, na relação com a morte.

Quando pesquisamos, estudamos e escrevemos sobre o passado, estamos propondo um jogo que tem como peça fundamental a vida. A vida da qual se fala, a vida para quem se fala, e a vida da pessoa que fala. No momento em que escrevemos história, produções das experiências dos homens no tempo e no espaço, estamos lidando com a vida de pessoas, inclusive personagens do tempo presente. Estamos atuando e talvez, modificando a vida de quem lê o nosso escrito. Estamos ainda usando dentro do texto a nossa própria vida.

Ao mesmo tempo, quando propomos reflexões sobre o passado dos sujeitos, estamos jogando também com elementos de morte, aquilo que se conta sobre o passado, as marcas das vivido, elementos de uma sociedade que não é mais. A história diferencia o tempo presente de uma sociedade, daquele que não é mais, propondo a reflexão de elementos que foram recobertos, mas que ainda estabelecem relação com o presente. Nesse âmbito, a narrativa histórica ainda presentifica as experiências do passado e institui a história do homem em sociedade.

A sociedade se propõe a partir de relacionamentos cotidianos entre os sujeitos. É nas práticas cotidianas de afetividade, solidariedade, assim como de conflitos entre os sujeitos, que se constrói uma sociedade. Nesse campo de ação, entra em cena a cultura. Cultura, um conceito que não deve ser pensado a partir da condição de estabilidade. Como nos adverte Certeau (1995, p.103-104), “A relação da cultura com a sociedade modificou-se: a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades [...] ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos.”

A cultura deve ser pensada como um campo de batalha em constante movimento, passível de intrigas e negociações; ela não é mais singular, mas plural¹⁴. Assim, acrescenta-se ainda, que haver cultura, não é necessário que se tenha apenas práticas sociais, mas que estas tenham significado, relevância para o indivíduo que a produz(iu), bem como, para o corpo social do qual faz parte.

Pensar a produção histórica desta dissertação junto à sociedade baraunense das décadas de 1950 e 1960, com suas possibilidades de namoros nas missas e novenas, nas festas da colheita e da rainha, nos forrós pressupõe cultura, no instante em que se configuram em práticas carregadas de significados, afetividades e sensibilidades. Práticas culturais que contribuem na construção histórica da sociedade das Braúnas/Baraúnas. Nesse sentido, a produção da História Cultural, e por extensão dos estudos culturais, está intimamente ligada ao social. Como nos fala Prost (1998, p.137), “Toda a história é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, social e cultural.”

Sobre *Cultura, Poder e Identidades*, linha de pesquisa que tem como fruto esta escrita, respaldada no trabalho com práticas culturais cotidianas, na reflexão de ações e pensamentos de homens e mulheres, por isso abarcando discussões de gênero, que a partir dos estudos culturais problematiza a construção de identidades.

Primeiro falemos sobre o poder, conceito que aqui não se coloca como foco de discussão, mas que se entrelaçou a pesquisa e a escrita. Quando por exemplo, pensarmos as fontes que analisaremos no decorrer da produção dissertativa, principalmente no que se refere às narrativas orais de memórias, levou-se em consideração que o discurso proclamado é carregado de poderes e perigos. Foucault (2007, p. 9) nos atenta: “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.”

Durante as entrevistas, um depoente pode silenciar e não dizer aquilo que lhe veio à memória naquele momento, o que viveu ou presenciou. Dependendo do relacionamento que o entrevistador estabeleça com ele, pode falar em *off*, quando o gravador estiver desligado, recomendando não aparecer na utilização da pesquisa, e ainda os próprios recortes que o historiador faz sobre as entrevistas, colocam-se como uma relação de poder.

Partindo do pressuposto que estamos trabalhando com a problemática da construção histórica das Braúnas/Baraúnas, envolvendo os espaços de sociabilidades e a atuação os gêneros, impossível seria dizer que os conceitos de cultura e de identidade são irrelevantes. É

¹⁴ Certeau (1995, p.241-242) considera que “[...] A cultura no singular impõe sempre a lei de um poder. [...] A cultura no plural exige incessantemente uma luta.”

justamente o inverso. Na presente produção, tais conceitos são primordiais e se colocam um com o outro, numa relação de reciprocidade.

No instante em que o discurso histórico que se constrói nesta dissertação analisa identidades de uma sociedade que não é mais, que está no passado, acaba por problematizar identidades que construíram a sociedade que é hoje, e que se relacionam com as identidades do presente. Se tomarmos como ponto de partida as relações entre os gêneros, podemos observar que nas décadas de 1950 e 1960 foram construídas identidades múltiplas para estes sujeitos e por estes sujeitos. Dentro das diferenças, por exemplo, propunham-se produções do corpo masculino e do feminino, do que deveria ser homem e do que deveria ser mulher para e na sociedade em questão.

Disto, podemos observar um primeiro ponto abordado durante todo o percurso desta escrita historiográfica. Trabalhamos com o conceito de identidade(s) em construção e não na perspectiva de algo que se quer ajustar como modelo pronto, representar um espaço em sua homogeneidade.

Nesse campo de ação, quando, por exemplo, discutimos a construção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais dos forrós, propomos uma análise com Hall (2000, p.108), quando ele propõe: “O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional.”

Não nascemos com uma identidade pronta e acabada que nos acompanha durante todo o nosso período de vivência. A construção de identidades é um processo nunca acabado, sempre em mutação, em negociação, a partir das relações que se estabelecem com as práticas culturais cotidianas do viver em sociedade(s).

DA HISTORIOGRAFIA SOBRE O TEMA

Problematizar como a construção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais, contribuiu historicamente na construção da sociedade das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960 propõe-se como temática a ser abordada. Nesse sentido, convém propor reflexões acerca do tema, em meio às possibilidades de abordagem historiográfica nos meandros da Paraíba e do Brasil.

Primeiro, começo por deixar registrado que até o presente momento não há uma pesquisa/trabalho que aborde tal temática nos seus desdobramentos. Isso, principalmente

quando observamos a sociedade em questão, nas suas práticas de sociabilidades junto à capela, a feira, ao grupo escolar, ao boi de reis, as festas da rainha (colheita) e da padroeira, aos forrós. Experiências do vivido produzidas diante de aparatos culturais de uma coletividade em uma temporalidade, e também por práticas de subjetivação individuais. Como nos atenta Reis (2009, p.64), “para indivíduos diferentes e mesmo para o mesmo indivíduo em condições diferentes, minutos, horas e dias metricamente idênticos não são vividos como iguais”.

No que se refere à produção histórica sobre as Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, a lacuna é enorme, pois somente temos o livro de memórias do senhor Severino Ramos de Araújo, Severino Passos, que proclama em poucas páginas uma história de Baraúna das origens ao ano de 2005, numa visão ligada muito a economia e a política. É importante frisar que estes escritos colocaram-se, e ainda se colocam, como importantes, frente à comunidade, já que esta não tinha nada escrito sobre o tema¹⁵. Temos ainda que perceber que ele não teve a pretensão de estar propondo discussões acadêmicas.

Como já adiantado anteriormente, em 2007, fruto do curso de graduação em história, vem a minha monografia¹⁶, trazer Baraúna para os debates históricos/acadêmicos. Nesse conjunto, apesar dos problemas atualmente encontrados no texto, pelas mudanças sofridas pela autora em termos conceituais/teóricos, esta produção possuiu relevância acadêmica por trazer problematizações e questões teóricas pertinentes no momento; relevância social por narrar à atuação de múltiplos sujeitos na construção da história da sociedade baraunense nas décadas de 1950 e 1960, porém, colocando-se a partir de um viés ligado ao cultural; e ainda pessoal, porque apesar dos problemas de construção que agora me chamam atenção, contribui para a produção histórica do meu espaço de vivência, e me inseri no universo da escritura de si e dos outros.

No que tange à historiografia paraibana sobre o tema, a análise da produção sobre festas, ligada aos forrós, um dos objetos de estudo aqui proposto, apresento Lima (2002), com seu livro “A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano”¹⁷. Nesse livro, a autora discute como a festa junina é inventada no espaço urbano de Campina Grande, partindo das memórias do São João do passado à fabricação da festa como um espetáculo a ser visto. Ela analisa a festa do “Maior São João do Mundo”, como uma estratégia política e

¹⁵ “Vendo a dificuldade de minha neta Allana, ao fazer um trabalho escolar sobre a história de Baraúna, senti a necessidade de relatar o que conheço sobre sua história.” (ARAÚJO, 2005, p.9)

¹⁶ Ver SANTOS, Janielly Souza dos. **Memórias que produzem história: práticas culturais dos “forrós” em Baraúna – PB (Anos 50 e 60)**. Campina Grande: UEPB, 2007.

¹⁷ LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Idéias, 2002. Este livro foi resultado de sua tese de doutorado junto ao Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará.

investimento econômico. É somente no último capítulo, quando discute “O Maior São João do Mundo” na mídia, no cordel e na música, que chega a destacar o forró.

Durante a construção do livro Lima (2002) não se propõe a discutir o forró enquanto uma festa, um baile, apenas coloca nuances das festas juninas ligadas ao forró, ainda o colocando, quando se propõe a falar dele, enquanto gênero musical, que vem colorir e cantar as noites das festas juninas, no caso, junto ao “Maior São João do Mundo” e sua estética de produção.

No caso da temática que fomos instigados e que aqui se apresenta, o forró, no âmbito das festas juninas, não escapa à discussão; porém, o forró vai ser problematizado enquanto espaço do festejar, que não se colocava somente no mês de junho, mas durante o cotidiano, no decorrer do ano todo, sempre que fosse convocado a fazê-lo. Dessa forma, a análise das relações de gêneros nos forrós das Braúnas/Baraúnas, constitui-se em tema e problemática inovadora.

Certeau (2008b, p.31) citando Paul Leuilliot nos chama a atenção para percebermos que “O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), [...] Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com essa fadiga, com este desejo [...]”. Homens e mulheres acordaram nos dias que construíram as décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas e regiões circunvizinhas, e frente ao seu trabalho diário, pensaram nas possibilidades de produção daquele dia, que escolhas iriam fazer para suas vidas. Uma dessas escolhas poderia se relacionar aos divertimentos. Escolher participar ou não de um espaço de sociabilidades e lazer era a proposta aberta aos gêneros, neste caso principalmente o masculino, já que a maioria das mulheres não tinha o direito de escolha, este residia no homem da casa.

Nesta perspectiva a análise a categoria de gênero é importante a este trabalho, no momento que nos possibilita pensar os relacionamentos de gêneros – masculino e feminino – no cotidiano, e os códigos sociais colocados a cada um deles, em meio aos relacionamentos estabelecidos. Neste sentido, devemos ter em mente que a categoria de gênero nasce a partir dos estudos sobre o feminismo, dando seguimento com a história das mulheres, que a princípio estava intimamente ligada a história política e econômica¹⁸, mas que depois vai propor novas problemáticas de análise.

¹⁸ Ver PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

É na década de 1980 que o gênero vai se constituir enquanto tema de reflexão, todavia ele passa historicamente por mutações até chegar à proposta de análise relacional que nos propomos a trabalhar junto a esta dissertação. Ao observarmos o gênero na perspectiva relacional, refletimos com Stearns (2007, p.16) que “[...] um gênero só pode ser compreendido se comparado com o outro.”

No que concerne aos estudos de gênero no Brasil, o percurso não é diferente. Se pensarmos, por exemplo, os estudos de Margareth Rago do livro “Do cabaré ao lar”¹⁹ aos estudos que ela propõe atualmente, com suas ressalvas, o percurso de transformação durante a caminhada acompanhou também o que se colocava em outros países.

Não esqueçamos junto ao livro “Do cabaré ao lar” a originalidade temática, a riqueza das fontes, além do recorte teórico e metodológico interessante e inovador para a época de produção, e que ainda a partir dele novos estudos puderam ser colocados nos meandros da temática. Desse modo, o livro “Os prazeres da noite”²⁰, por exemplo, aponta para outro momento da autora, outras leituras de si e do outro. Contudo, sem ofuscar a primeira obra da autora.

Diante de uma larga produção historiográfica no Brasil e no mundo sobre os gêneros, não convém aqui elencar nome por nome, pois ficaria cansativo e monótono. Apresento algumas autoras durante o percurso, entrando em cena as brasileiras²¹, com suas reflexões, apontadas e problematizadas durante a escrita que se segue.

Com relação à problemática dos namoros e dos casamentos, que estarão percorrendo e estabelecendo sensibilidades junto aos capítulos, podemos pensar o texto “Mulheres dos Anos Dourados”²² de Bassanezi (2004), que nos coloca nos anos 50 do século XX, trazendo contribuições no que concerne a ser mulher. Ser uma moça, uma mãe de família ou leviana eram possibilidades para as mulheres da sociedade brasileira na temporalidade em questão. A autora quando escreve esse texto, observar os códigos culturais e identitários propostos para a mulher, mas esta em relação ao homem.

Apesar de não propor uma discussão dos anos 1960 o referido texto contribui para nosso trabalho. Neste âmbito, não tomamos o texto de Bassanezi (2004) para justificar ou

¹⁹ RAGO, Luiza Margareth. *Do cabaré ao Lar: utopia da cidade disciplinar: Brasil 1830-1930*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1985.

²⁰ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1991.

²¹ Podemos elencar Carla Bassanezi Pinsky, Maria Izilda S. Matos, Mary Del Priori, a própria Margareth Rago, entre outras.

²² BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.607-639.

comprovar nossa escrita, mas para estabelecer relacionamentos, pontos de união, de separação e de conflito, na observação de que ela escreve a partir de uma pesquisa e de um lugar de ação e de produção. Nessa perspectiva, também faremos uso do livro “História do amor no Brasil” de Del Priore (2011a)²³, mais especificamente observando a terceira parte, quando toma para reflexão o século XX.

Tomar para análise produções historiográficas sobre a temática escolhida na dissertação, pressupõe uma maturidade enquanto historiador(a) já que é a partir do(s) outro(s) que nos construímos. Aqui, apresento uma historiografia sobre o tema fragmentada em conceitos, mas foi esta que se colocou junto à problemática escolhida, através da pesquisa.

DO APORTE TEÓRICO

No nosso dia-a-dia somos chamados a fazer escolhas. Uma vez um amigo me disse: “Você faz suas escolhas e suas escolhas fazem você”. Algumas escolhas são mais fáceis de fazer, outras são bem difíceis. Deixam-nos em dúvida por um bom tempo, e quando finalmente tomamos a decisão, pode voltar a dúvida. Fizemos a escolha certa ou errada?

Frente a este problema, proclamar nossas escolhas teóricas na escrita deste trabalho não foi uma tarefa fácil, partindo do princípio de que há toda uma gama de teóricos e teorias ligadas à história, bem como a outros campos do saber²⁴, que podem enriquecer um trabalho e chamar nossa atenção. Não sei se existe a escolha certa, mas no que concerne a presente dissertação fizemos escolhas teóricas que consideramos interessantes ao nosso trabalho.

Ao começar, colocamo-nos diante da Nova História para que possamos pensar nossas análises e nossa escrita. O termo “Nova História” é mais conhecido a partir da França, mais especificamente ligado à chamada Escola dos Annales, que propunha uma reação ao paradigma tradicional de se escrever e de se pensar a história. Todavia, Burke (1992), nos chama a atenção para percebermos que esta expressão é anterior aos Annales, e que possui uma ancestralidade razoavelmente longa.²⁵

²³ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

²⁴ Burke (1992, p.31) salienta que “[...] Quer gostem, quer não, os historiadores estão tendo de se preocupar com questões que por muito tempo interessaram a sociólogos e a outros cientistas sociais. [...]”

²⁵ Segundo Burke (1992, p.19) “[...] O que é novo não é sua existência, mas o fato de seus profissionais serem agora extremamente numerosos e se recusarem a ser marginalizados.”

Diante de outras possibilidades de pensar a História, a Nova História não exclui nem a história política, nem a econômica, mas traz novas discussões, novos problemas, novas fontes para o campo da história. Partindo desse princípio, com a nova história aprendemos a refletir a história como produto do social, do cultural. E, é justamente no âmbito do cultural, de uma Nova História Cultural²⁶, que este trabalho se relaciona com os teóricos escolhidos.

Neste campo de ação, a História Cultural propõe-se a partir de uma nova postura da história e/ou dos historiadores frente à sociedade e aos sujeitos que a compõem; propõem-se com outros olhares a interrogar o passado, a formular novos objetos, novas questões e a refletir a cultura em sua pluralidade. Diante do exposto, e ainda de uma larga atuação de historiadores e pensadores no âmbito da (Nova) História Cultural, com posturas teóricas e/ou conceituais diversas, fizemos mais uma vez escolhas. Escolhas que nos colocam diante dos estudos culturais pensando a história como nos aponta Albuquerque Júnior (2007, p.173):

A História seria movimento, seria ação criativa, invenção constante de novos lances, mesmo que seus sujeitos estejam limitados por regras, por normas, tenham que obedecer a regulamentos. A História é possível porque os homens, mesmo limitados por um dado contexto, por um conjunto de regras e prescrições, mesmo atuando em um espaço e um tempo delimitados, são capazes de driblar a potência do mesmo e a imposição da repetição e criar o diferente, a novidade, de produzirem a surpresa e o inesperado.

Para construirmos nossa escrita, percebendo esse movimento dos sujeitos na constituição da história, propomos alguns conceitos/teorias que nos auxiliaram durante o percurso nos capítulos e seus respectivos pensadores/problematizadores. Começamos com as sensibilidades.

No momento em que a História Cultural trouxe para os domínios da História a problemática das subjetividades, as sensibilidades passaram a ser preocupação do historiador. São através delas, e de uma re-educação do olhar dos historiadores, que os sentimentos, afetividades de uma temporalidade, muitas vezes já escoada, podem ser discutidos, juntamente com os códigos e valores que fizeram parte de um cotidiano passado, de uma coletividade/individualidade. Pesavento (2005b, p.2) nos propõe que “as sensibilidades são uma forma do *ser* no mundo e de *estar* no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada.”

²⁶ Sobre esta temática Pesavento (2005a, p.14) considera: “Por vezes, se utiliza a expressão Nova História Cultural, a lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural. [...] Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico.”

Quando, por exemplo, discutimos os namoros nas décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas, colocamo-nos diante do jogo dos sentimentos. Sejam nas alegrias ou nas tristezas, os namorados atuaram junto às sensibilidades. Nesse caso, estamos lidando com “as sensibilidades de um *outro tempo* e de um *outro no tempo*, fazendo o passado existir no presente.” (PESAVENTO, 2005b, p.2)

Sensibilidades que nos possibilitam pensar os códigos sociais e culturais atuantes na sociedade, propondo uma construção histórica a partir deles, mas também do drible, das formas de fazer diferente. De tal modo, é interessante percebermos alguns conceitos em Certeau (2007, p.201-203). Primeiramente, podemos refletir o de lugar e o de espaço. O lugar estaria para o instituído, o planejado. O forró enquanto baile a ser realizado é um lugar. Já o espaço se configura em lugar praticado, jogo das relações mutáveis. Os usos do forró pelos sujeitos que o produzem, o transformaram em espaço, em lugar praticado, onde o inesperado, muitas vezes, impera.

Somando aos conceitos de lugar e espaço, Certeau (2007, p.97-102) ainda nos propõe os conceitos de estratégia e tática. A estratégia está para o instituído, à procura de postular um lugar, um lugar de poder – um código comportamental que se procura efetivar. Já a tática está para um não-lugar, para jogar com o que lhe é imposto, o terreno do outro – a quebra de códigos comportamentais, mesmo que de maneira sutil.

Neste campo de atuação, pensar os estudos de gênero no cenário da historiografia brasileira contemporânea é debruçarmo-nos sobre um terreno rico em reflexões, na medida em que busca problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da categoria de gênero e da dimensão relacional que ela abrange.

Neste campo reflexivo, Rago (1998, p.89-98) chama-nos a atenção para a necessidade de problematizarmos as diferenças instituídas entre os gêneros, masculino e feminino, como fruto de construções históricas e culturais. Já Matos (1998, p.67-75) analisa esta possibilidade de reflexão, acrescentando a ela a observação de que estas diferenças não estão localizadas num ponto fixo – o masculino –, mas que estão presentes nas tramas históricas.

Diante do exposto, no momento em que há uma busca de problematizar a construção identitária dos gêneros nos processos de sociabilidades culturais, convém ainda analisar o conceito de identidade. Em um primeiro momento, é interessante percebermos que a identidade, assim como o gênero, não se propõe exatamente em meio à afirmação da unidade, da igualdade, mas no contexto das diferenças. De acordo com Hall (2000, p.110), “[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.” Identidades femininas das

décadas de 1950 e 1960, foram muitas vezes, propostas a partir do masculino, do diferente, do que não deveria ser.

Num segundo momento, ainda estabeleço relacionamentos com Hall (2000, p.111-112) quando ele propõe:

[...] Utilizo o termo 'identidade' para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós.

No viver em sociedade, numa espacialidade e numa temporalidade, somos chamados a compartilhar hábitos²⁷, o que não exclui a inventividade, as táticas; nesse âmbito, a produção de identidade(s) atua como ponto de encontro entre esses hábitos e os possíveis dribles. Como um processo que não pode ser ajustado por toda a vida, a(s) identidade(s) estão sempre em construção.

DAS FONTES E METODOLOGIA

A construção da narrativa histórica exige registros, marcas de historicidade, fontes passíveis de serem problematizadas pelo historiador²⁸. As experiências do sensível no mundo, partilhadas ou não, pelos sujeitos devem se colocar, através da pesquisa, enquanto fontes para o historiador. Nesse campo de ação, diante das fontes, o historiador necessita encontrar caminhos metodológicos para traduzir²⁹, problematizar as subjetividades que se colocam pelas marcas do vivido.

²⁷ “[...] Por ‘hábito’ de um grupo, Bourdieu entende a propensão de seus membros para selecionar respostas de um repertório cultural particular, de acordo com as demandas de uma determinada situação ou de um determinado campo. Diferentemente do conceito de ‘regras’, o hábito tem a grande vantagem de permitir que seus usuários reconheçam a extensão da liberdade individual dentro de certos limites estabelecidos pela cultura.” (BURKE, 1992. p.34)

²⁸ De acordo com Pesavento (2005b, p.5), “[...] Mesmo que se admita que a História é uma espécie de ficção, ela é uma ficção controlada, não só pelo método mas sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado, onde os homens sentiam e agiam de forma diferente.”

²⁹ “[...] Ora, traduzir é dizer um outro, é adaptar significados, é converter lógicas de pensamento e ordenação do mundo, é adequar temporalidades, até então incompatíveis.” (PESAVENTO, 2004, p.9)

As fontes acolhidas e problematizadas na pesquisa se colocam pelas narrativas orais de memórias de pessoas que habitaram o espaço das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, bem como, os espaços de sociabilidades produzidos. Acrescentamos ainda músicas tocadas, cantadas e/ou ouvidas durante os forrós e festas de casamentos; fotografias de celebrações cristãs e de espaços de lazer/divertimentos; e registros paroquiais das referidas décadas.

Ao iniciarmos com as narrativas orais de memórias, fonte primordial do nosso trabalho, é importante observar que nelas confluem temporalidades diferentes, que são negociadas no ato do narrar e podem propor um discurso que de acordo com os usos, pode colocar-se como História Oral. Como nos atenta Albuquerque Júnior (2007, p.202), “a experiência estabelece o passado e o presente e a relação entre eles; estabelece a representação do passado que é convocada pelos quadros sociais do presente.”

Neste âmbito, percebemos o conceito de experiência manuseado nestas reflexões, a partir de Larrosa (2004, p.163), quando este nos alerta a observarmos que “é experiência aquilo que nos passa, ou nos toca, ou nos acontece e ao nos passar nos forma e nos transforma.” Conceito que está intimamente ligado ao de cultura, apontado em discussões anteriores.

As narrativas orais, enquanto experiências, criam relações entre o passado e o presente. Na medida em que o sujeito é transformado pelas experiências que vivenciou e vivencia, não pode narrar o passado como ‘realmente foi’³⁰, e por isso suas narrativas não devem ser apreendidas como ‘a verdade’, mas como possibilidades de análises.

Deste modo, diante dos propósitos da pesquisa, da temática que nos propomos a analisar, e ainda diante do dilema de utilizar entrevistas temáticas ou de histórias de vida, optamos por ambas, partindo do princípio que:

As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido, enquanto as de história de vida têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou. (ALBERTI, 2005a, p.37-38)

Acreditamos que nesta pesquisa houve e há cruzamentos necessários entre estes dois tipos de entrevistas, o que favoreceu a produção do presente trabalho. Neste âmbito, para

³⁰ ALBERTI (2005a, p.16) nos informa que, “Ao mesmo tempo, o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação.”

podermos refletir essas narrativas na nossa escrita, elas foram transcritas, o que transforma o oral em escrito. Neste momento de passagem, devemos ter cuidado para não deixar de lado, as sensibilidades das emoções e dos gestos apontados durante a entrevista.

No que se refere ao uso de músicas como fonte, essas foram escolhidas a partir das narrativas orais de memórias realizadas durante a pesquisa e que ainda devemos notá-las inscritas, além do universo da oralidade, no mundo dos sentidos, das sensibilidades.

A música atua nas pessoas. No caso da temática estudada, mais especificamente dos forrós, as músicas poderiam atuar antes, durante e depois. Quantas moças não realizaram suas tarefas domésticas cantarolando canções que lhes chegavam pelo tocador no forró, que remetiam aos enlaces amorosos? Quantas músicas não eram cantadas a partir dos espaços de divertimentos, estabelecendo relações de afetividades por estarem presentes no dia-a-dia dos sujeitos, diante das atividades agrícolas, a exemplo de músicas que falavam do trabalho no roçado, de seca, de chuva etc.?

Neste espaço, quando propomos a música enquanto fonte histórica, é interessante perceber que “enquanto fenômeno a ser estudado, remete a um objeto impreciso em sua definição, imaterial, sujeito às inflexões dos sentidos, de difícil observação, especialmente quanto a sua descrição e sobre a qual se colocam ainda associações aos efeitos do mundo [...]” (OLIVEIRA, 2006, p.249).

Lidar com músicas requer cuidado, assim como outras fontes, pois devemos perceber que as músicas se colocam pelas letras e melodias, um conjunto que atua no sentido da audição e junto às sensibilidades. Deste modo, a partir dos sujeitos que as ouviram, se sensibilizaram e deixaram habitar as memórias, podemos pensar o espaço como produto também das paisagens sonoras. Segundo Albuquerque Júnior (2007, p.116),

[...] Os sons convocam o arquivo de imagens de espaços que temos em nossa memória, exigindo que os situemos para que façam sentidos, para que ganhem contexto de significação. A partir de um signo sonoro toda uma cena, uma paisagem pode se abrir à frente deste olho que se ausenta. [...]

Trabalhar com músicas é notar paisagens sonoras que nos fazem perceber que nossa sensibilidade é histórica, que os sentidos também são testemunhos de um tempo e de uma espacialidade. Neste âmbito no perambular junto às fontes, passamos do sentido da audição para o da visão junto às fotografias.

Historicamente observamos que o historiador olhava com desconfiança a lida com fontes que não fossem oficiais e escritas, sobretudo, por ele estar mais a vontade e ter um

maior arcabouço teórico-metodológico. Neste conjunto, ao ser convocado muitas vezes a trabalhar com imagens, e neste caso, com fotografias, as utilizava apenas como modelos ilustrativos.

Diante do posicionamento de utilização das fotografias, percebeu-se que esta fonte visual não pode ser vista como prova de verdade no campo da história, mas como testemunho, que provoca e evoca memórias de um passado, de experiências carregadas de significados que precisam ser questionados.

Nas fotografias apresentadas durante a dissertação, colocaremos a princípio uma paisagem visual que não é mais, uma vez que aquele momento não pode ser posto novamente como igual, mas que nos ajuda a pensar a construção da sociedade que foi, e ainda a que é hoje. Nessa concepção, convém observar que uma fotografia pode ainda ter significados diferentes para cada indivíduo, bem como, para cada grupo social³¹ e para o próprio pesquisador/historiador.

Nesse jogo, em meio à preocupação com a construção de sentidos, a produção de práticas de significação, a fotografia alcançou uma nova posição em relação às fontes, aos documentos históricos. Antes utilizadas apenas como ilustrativas frente ao estudo que se colocava, agora necessita ser problematizada.

Desse modo, nos usos das fotografias temos que levar em conta o acervo disponível, e as que podem possibilitar a análise da temática escolhida, para em seguida, podermos pensar as práticas de significação, que podem estar ligadas a diversos momentos da vida cotidiana, da vida familiar, da vida em sociedade, momentos que estão interligados as experiências do sensível.

Já quando nos propomos aos usos dos registros paroquiais de casamento, enquanto fonte interessante ao nosso trabalho, há a necessidade de observar que eles contribuem além da perspectiva demográfica, na sociocultural, nas relações sociais de poder e de práticas culturais. Nesse sentido, Bassanezi (2009, p.143) nos atenta,

Por se tratar de fonte nominativa (documentos que trazem nomes de pessoas), esses registros se prestam a cruzamentos entre si e com outras fontes nominativas. Aos historiadores persistentes, possibilitam, por exemplo, a reconstituição de famílias e de rede sociais e a identificação de diversos aspectos que marcaram as vidas de pessoas e grupos, relacionados, por exemplo, às hierarquias sociais, às práticas religiosas, aos sistemas de compadrio.

³¹ Segundo Carvalho e Lima (2009, p.42) “[...] A resposta está no significado que uma mesma imagem pode ter para cada um, para cada cultura, para cada segmento social. [...]”

No caso dos registros de casamentos das décadas de 1950 e 1960³² da Paróquia de Picuí - PB problematizados aqui, eles nos deram suporte junto às narrativas orais de memórias, visto que foi a partir deles que pudemos encontrar pessoas para narrar os seus casamentos, tendo ainda como referencial um documento escrito, que pudéssemos fazer um cruzamento de informações e informantes.

“Pelas normas tridentinas, o registro de casamento deveria conter: a data do casamento, o nome de cada cônjuge e sua filiação, residência, naturalidade e a assinatura do sacerdote.” (BASSANEZI, 2009, p.151). Ainda podendo ser acrescido o local da realização de casamento, a idade dos cônjuges, os nomes das testemunhas etc. Neste campo de análise, devemos estar atentos a não só perceber o conteúdo informativo mais direto, mas como este é dito.

Partindo do princípio de que as fontes históricas colocam-se a partir de experiências do sensível junto às práticas do espaço, em uma temporalidade, cabe ao historiador refleti-las como ferramenta de uso social e cultural que atuaram nas produções de códigos sociais e de memórias, e que por isso, necessitam ser refletidos junto a esta dissertação. Deste modo, Pesavento (2005b, p.5) nos interpõe:

Toda a experiência sensível do mundo, partilhada ou não, que exprima uma subjetividade ou uma sensibilidade partilhada, coletiva, deve se oferecer à leitura enquanto fonte, deve se objetivar em um registro que permita a apreensão dos seus significados.

Significados que atuaram em uma espacialidade e temporalidade, que nos permitem construir narrativas históricas sensíveis do passado. Narrativas que colocam em jogo os hábitos, mas também as possibilidades de burlá-los; que colocam o lugar e a estratégia, mas também as práticas do espaço e as táticas.

DOS CAPÍTULOS

³² A pesquisa foi realizada junto ao livro de casamento dos anos 1959 a 1969. O livro da década de 1950, anterior a 1959 não foi possível o acesso por se encontrar, segundo informações, bastante danificado pelo tempo, motivo pelo qual a paróquia não liberou a pesquisa.

O baile coloca-se como uma reunião formal de pessoas para se dançar. Já a dança é expressa pelos signos de movimentos, acompanhados pelo som e o compasso, envolvendo ainda sentimentos. As pessoas nos usos de seu cotidiano reúnem-se, produzindo movimentos que atuam na construção da vida em sociedade, carregada de sensibilidades, o que poderíamos chamar de baile da vida. Dançar conforme a música remete ao acompanhamento do som e do compasso na festa, já nos bailes da vida nos indica que as atuações dos sujeitos, masculinos e femininos, devem ser colocadas a partir das normas de conduta produzidas na e pela sociedade. Na gíria, o baile pode significar superação do adversário, na história a possibilidade de fazer diferente, de jogar com o instituído.

Diante do exposto, a construção desta dissertação coloca-se nos bailes da história, na medida em que procura problematizar os movimentos produzidos pelos gêneros, no bailado histórico da vivência em sociedade, e nos relacionamentos junto aos espaços de sociabilidades.

Dançar a noite inteira em um baile cansa, mas para quem gosta é prazeroso. Desta forma, construir os capítulos que se seguem se constituiu em uma tarefa em grande medida cansativa, porém, muito prazerosa. Diante da produção, a satisfação de um trabalho realizado seguindo as normas acadêmicas, sem contudo, deixar de lado as afetividades presentes junto a temática escolhida. Em síntese, apresentamos os capítulos aqui construídos, que optamos por chamá-los de bailes, a partir de discussões de ideias, de trocas de experiências, de entrecruzamentos de olhares, pensando a história no seu fazer-se.

O primeiro baile coloca-se pela construção histórica do espaço das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960 a partir das sociabilidades produzidas junto à capela, a feira e ao grupo escolar, além de outros espaços, através das narrativas de memórias, escritas, orais e imagéticas, e de suas possibilidades de análise. Nesse âmbito, buscamos pensar a constituição do espaço como fruto de ações cotidianas dos gêneros, que estavam envolvidos em redes de solidariedades, principalmente nos momentos de sociabilidades na capela, na feira, e nos desfiles de 7 de setembro produzidos pelo grupo escolar. Para tal empreitada, percorremos o caminho das atuações individuais e partilhadas a partir do que nos foi narrado, bem como, pelo uso de fotografias.

No segundo baile adentramos o terraço construído entre a capela e a bodega de Zé Lourenço como espaço privilegiado de lazer e sociabilidades, procurando problematizar as relações de gêneros e identidades colocadas juntos aos eventos realizados: a novena, a festas da padroeira e da colheita, a festas de casamentos, ao boi de reis, as exposições de cinema e ao 'pano de roda'. Ainda procuramos discutir a relevância histórica, social e cultural que este

espaço alcançou junto à construção da sociedade das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960. Sendo o mesmo construído a partir do jogo do instituído, mas também dos cruzamentos de móveis, da participação cotidiana dos sujeitos, o terraço colocara-se enquanto produtor de sensibilidades dos gêneros e reproduzidor dos códigos sociais e culturais vigentes. Nessa tarefa fizemos uso das narrativas orais de memórias, postas pela metodologia da história oral, e ainda nos usos da fotografia como fonte e possibilidade de análise do imagético.

No terceiro, e último baile, propomos à análise dos forrós enquanto espaços culturais praticados pelos sujeitos e produtores de sensibilidades, frente à sociedade que também se construía neste universo. Neste conjunto, problematizamos estes espaços do festejar como construtores, ou não, de lugares do feminino e do masculino, atuando na produção de identidades.

Chamamos a atenção, também neste capítulo, para pensarmos as festas ao som da concertina, fole e/ou sanfona pelos usos dos cinco sentidos. Pelas paisagens sonoras, escuta que dá contornos, significações privilegiadas das espacialidades; pelas paisagens táteis, experimentação e significação do espaço; pelas paisagens olfativas, que define contornos, espaços, pelo cheiro; pelas paisagens gustativas, espacialidades lidas pelas sensações da ingestão; e por fim pelas paisagens construídas pela visão, mas procurando outro olhar, para além do que fomos educados. O olhar como instrumento privilegiado de significação deve ser repensado, reeducado constantemente para que não seja convocado às construções das narrativas históricas fechadas.

Na realização dessa narrativa histórica dos bales, sambas ou forrós, utilizamos as narrativas orais de memórias e as músicas propagadas à época, estabelecendo possibilidades de relações de aproximação, e de distanciamento, quando for o caso, entre as fontes. Nisso, discutimos os forrós realizados nas festas de casamentos, com direito a palanque³³, e àqueles de finais de semana, ocorridos nas salas das casas de moradias das pessoas.

Que comecemos, pois, os relacionamentos com os capítulos. Que as afetividades presentes no trabalho que se segue possam ser apaixonantes e estimuladoras a novas pesquisas. Que comecem os bailes!

³³ Segundo nos informou o senhor José Galdino dos Santos, em entrevista realizada em 15 de Outubro de 2007, "Conforme seja a festinha aquele antecipado, fazia uma latada na frente, viu, e circulava com paia de coco." Essa estrutura era o chamado palanque.

1º BAILE:**“EU VI BARAÚNA NASCER E ESTOU VENDO BARAÚNA CRESCER”:
SENSIBILIDADES HISTÓRICAS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DAS
BRAÚNAS/BARAÚNAS**

Foi a partir de uma pequena casa de taipa, construída no final da primeira década do século XX, que ganhou expressividade a povoação de Baraúna, quando ainda predominava o verde das baraúnas, ou braúnas como eram chamadas. Quatro décadas mais tarde, essa casa vem abaixo, para deixar de ser de madeira e barro para ser de tijolo e telha. A partir desta construção, um povoado se ergueria (Braúnas), mais tarde³⁴ um distrito (Baraúnas), e na década de 1990 um município (Baraúna).

Nesta paisagem de pesquisa, colocamo-nos a partir de agora, diante de relatos do sensível, nos meandros do tempo e do espaço³⁵ que vieram a construir Baraúna – PB³⁶ nas suas múltiplas facetas. Tempo e espaço marcados por destruições, construções, transformações; e também por permanências do sensível, muitas vezes, materializadas a partir de memórias, das suas narrativas. Memórias que podem ser pensadas a partir de relatos orais, de fotografias, e de documentos oficiais, entre outros, que podem evocar cheiros, gostos, sons, emoções, sensibilidades.

Sensibilidades, partilhadas ou não, que podem contribuir na produção historiográfica a partir de suas marcas de historicidade. Marcas que podem ser encontradas, pensadas a partir de textos, imagens, gestos, práticas, palavras, trajetórias de vida. Trajetórias como a do senhor Severino Ramos de Araújo (80 anos³⁷), mais conhecido como Severino Passos³⁸, que exprimiu emoção ao dizer: “Eu vi Baraúna nascer e estou vendo Baraúna crescer.”³⁹

³⁴ Na década de 1960, mais precisamente no final no ano de 1961.

³⁵ Segundo Albuquerque Júnior (2008, p.104) “[...] Tempo e espaço que se traduzem mutuamente. Espaços marcados pelo tempo, construídos e destruídos no tempo, espaços que guardam, materializam e falam do tempo, de um dado tempo e de um dado espaço.”

³⁶ Município que faz parte da microrregião do Seridó Oriental Paraibano, que fica situado a 231 km de João Pessoa, e que abarca uma população de 4.222 habitantes, segundo o último censo realizado em 2010. Ver mapas em anexo.

³⁷ No decorrer de toda a dissertação quando nos referirmos a idade de nossos depoentes, estaremos colocando esta a partir da data da realização da entrevista.

³⁸ O primeiro é o nome registrado nos documentos, e o segundo, registrado junto à comunidade. Neste sentido, optamos por colocar seu nome oficial quando nos remetermos a seu livro, por ser de ordem pública, e em consonância com as normas acadêmicas; e Severino Passos quando nos remetermos às entrevistas, realizadas junto ao mesmo, por se tratar de uma relação mais afetuosa e íntima com o trabalho ora em foco, já que foram produzidas para este.

³⁹ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

1.1 E TUDO COMEÇOU DE UMA ÁRVORE... SOBRE BARAÚNAS/BRAÚNAS

Schinopsis brasiliensis, popularmente conhecida como baraúna ou braúna, árvore brasileira típica da caatinga, tem sementes de germinação difícil e demorada, contendo espinhos em seus ramos. Espinhos como aqueles encontrados no dia-a-dia da constituição de si e da sociedade em que vivemos, a qual se constrói historicamente de flores e de espinhos. Momentos de trabalho duro, suor; momentos de tristezas, lágrimas; momentos de lazer e alegrias, risos; entre outras possibilidades e sensibilidades.



Imagem 1: Foto da árvore baraúna./ Imagem 2: Foto dos espinhos nos ramos da árvore baraúna.
Fonte: Fotografia: SANTOS, Janielly Souza dos. Agosto de 2011.

Foi junto a uma fonte de água, rodeada por baraúnas ou braúnas, que surgiu a denominação do espaço de estudo aqui proposto. Como nos é colocado por Araújo (2005, p.9):

[...] A bebida, uma fonte natural passou a reunir todo o gado da região, e passou a ser ponto de encontro dos vaqueiros das fazendas próximas. Como neste local havia muitas árvores conhecidas como Braúnas, os vaqueiros diziam: onde a gente se junta? Nas Braúnas, daí surgiu à origem da denominação do povoado de Baraúnas.

Assim como em muitos espaços do Brasil, nomes de árvores são dados a nomes de cidades. Todavia, enquanto “árvore” continua a ser escrita com inicial minúscula, o espaço passa a ser escrito e inscrito com inicial maiúscula.

Árvores junto a uma fonte de água é um local acolhedor e uma boa pedida para vaqueiros que passavam com seus cavalos e gado, e necessitavam de “sombra e água fresca”, além de um espaço para prostrar, e quem sabe, ‘ferrar o estomago’. É essa paisagem recortada junto ao espaço que daria origem a Baraúna, e que nos convida a fazer um paralelo com o processo de interiorização do Nordeste brasileiro a partir da pecuária.

A partir do momento em que o gado começou a incomodar às lavouras de cana-de-açúcar no litoral paraibano, assim como aconteceu em toda a região produtora de cana-de-açúcar do Nordeste brasileiro, este vai ser colocado, juntamente com alguns homens, rumo ao interior. Neste âmbito, as fazendas e as pastagens começam a se proliferar no interior paraibano, sempre o mais próximo possível de leitos fluviais, o que não vai ser diferente com a região que dará formato a Baraúna, embora que mais tardiamente.⁴⁰

1.2 DO ENTRELACAMENTO DO ORAL E DO ESCRITO

Te conheci no passado
 Com o teu jeito honrado
 Muito bonita e singela
 Tu tens o braço da vida
 Nunca serás esquecida
 [...]
 Com teu passado bonito
 Baraúna foi distrito
 Da cidade de Picuí
 Nos anos noventa e quatro
 Desfizeram esse pacto
 Ficou cidade daqui
 Pequenina e modelada
 Baraúna terra amada
 Com teu jeito varonil
 Até nós nos dedicamos
 Sempre te homenageamos
 A vinte nove de abril.

⁴⁰ “Por volta de 1870 já existia algumas fazendas de gado na região, como a Fazenda Algodão dos Inácio do Sr. José Inácio da Silva, a Fazenda Santa Rita do Sr. Miguel Gomes, a Fazenda Catolé dos Galdinos, ainda tendo como representante o senhor José Galdino de Araújo, compadre Borrego. A Fazenda Tanque Redondo, pertencia a Francisco Israel, Fazenda Cabeça do Boi, do Capitão José de Barros, pai do saudoso Padre Barros (Cônego José de Barros).” (ARAÚJO, 2005, p. 9)

Ao tomarmos como referência este fragmento do Hino de Baraúna, composto em 2011 pela senhora Maria da Conceição Gomes de Sousa, num primeiro momento o utilizamos para chamarmos a atenção para a construção histórica das Braúnas/Baraúnas, objetivo deste capítulo. Num segundo momento, convidamos à percepção do relacionamento entre a oralidade e a tessitura da escrita a partir destes versos. Partindo do princípio que um hino é produzido para ser cantado, a oralidade se faz junto com a escrita. E neste caso, o entrelaçamento do oral com o escrito se coloca desde a constituição dos versos, para produção da sonoridade desejada, a entoação do hino junto à comunidade na produção de sentidos.

Nesta perspectiva, na construção histórica das Braúnas/Baraúnas aqui proclamada, caminharemos por duas vias, que apesar de distintas, entrelaçam-se na história e nas narrativas mais adiante elencadas. Por meio de via escrita e a oral. No caso da via escrita, além dos versos citados anteriormente, tomaremos o livro “Memória Viva” do senhor Severino Ramos de Araújo. Neste caminho, é interessante notar que este livro foi fruto de quatro anos de pesquisa, dos anos 2001 a 2005, como podemos observar nos dados escritos na capa e na contracapa do referido livro:

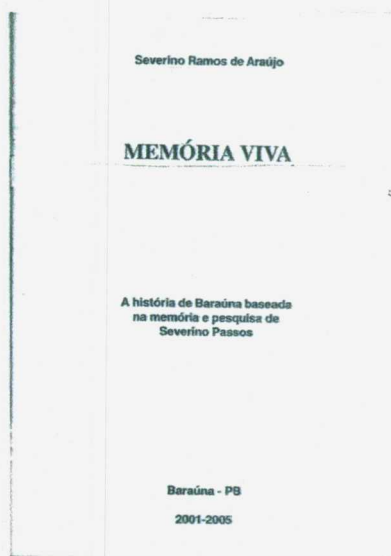
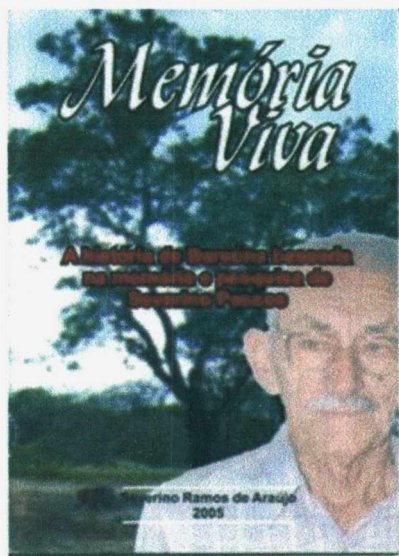


Imagem 3: Capa do livro de Severino Ramos de Araújo/ Imagem 4: Contracapa do livro de Severino Ramos de Araújo
 Fonte: ARAÚJO, Severino Ramos de. **Memória viva: A história de Baraúna baseada na memória e pesquisa de Severino Ramos de Araújo**. Baraúna, PB: [s.n.], 2005.

Outro ponto interessante a ser considerado é que esta escrita não foi realizada a próprio punho, ou teclado; e ainda esteve interligada a oralidade. Quando nos agradecimentos coloca “A meu sobrinho [...], que pacientemente, transcreveram meus relatos” (ARAÚJO, 2005, p.5), chama-nos a atenção para que percebamos uma escrita não somente pertencente a

este senhor. Deste modo, devemos pensar a escrita deste livro como resultado de uma seleção dupla, de quem narrou e supervisionou e de quem transformou as palavras e pesquisas realizadas em escrito. Neste campo de ação, este texto ao servir de fonte a nossa produção dissertativa deve ser pensado, como resultado de uma seleção dupla do que se quer e do que se pode escrever.

No que se refere à oralidade, necessitamos refletir as entrevistas aqui propostas como fontes, cruzadas quando necessário com o livro, no jogo transitivo do oral para o escrito. Neste sentido, devemos pensar até que ponto uma entrevista se colocar como oral se no momento da transcrição ela prende a oralidade em palavras escritas, como nos adverte Albuquerque Júnior (2007, p.232-233),

[...] Horas de entrevistas registradas, horas de escuta atenta, horas de emoções partilhadas, horas de troca de experiências, e afinal chega o momento de se produzir o conhecimento histórico. É preciso, antes de tudo, transcrever aquelas falas, ou seja, torná-las escritas, traduzi-las para um outro código, e as primeiras dúvidas assaltam o historiador das oralidades: será que não se vai perder muita coisa? O que vai restar do oral no escrito? [...]

A concordância com Albuquerque Júnior é a aqui estabelecida, no momento em que essa angústia necessita fazer parte de nossas reflexões, para que não possamos tomar uma entrevista, principalmente depois de transcrita, como representante da oralidade em sua fase sublime, muito pelo contrário. Mas, como depois da angústia vem à possibilidade de seguir em frente, necessitamos seguir observando com cuidado o caminho escolhido. Como o próprio Albuquerque Júnior (2007, p.234), afirma “[...] a história oral faz de sua (in)definição ou de sua (im)possibilidade o seu charme, o seu encanto, a sua produtividade”. Adotemos, pois, uma posição fecunda em meio aos conflitos e as possibilidades enfrentadas no trabalho com narrativas orais de memórias, ora transformada em história oral por nós historiadores.

Como apresentar nosso depoente, Severino Passos, um senhor que falou e transmitiu emoções durante as nossas entrevistas/depoimentos? Morador do espaço hoje conhecido como Baraúna desde 1960, mas frequentador, desde a década de 1930. Filho de agricultores, herda de seus pais o ofício de cultivar a terra, e de sua mãe ainda a possibilidade de ler e escrever, já que fora esta quem o alfabetizou. Não teve como dá prosseguimento aos estudos, mas se coloca para além da agricultura, quando toma para ofício o comércio. Os relatos de experiências, suas e alheias, que se encontram no decorrer da presente dissertação, fazem com

que haja um relacionamento entre a história do espaço e do tempo em questão, com a da sua própria vida⁴¹.

Acompanhemos uma das narrativas do senhor⁴² Severino Passos, que elenca um dos pontos iniciais da história da povoação das Braúnas:

Baraúna quando começou, a fazenda, [...] aí houve uma epidemia de bexiga, bexiga taboca como eles dizia, aí o Chico Italiano era meio estribado, concordaro, tinha muita pouca gente, mas já tavam chegando. Aí concordaram pra fazer um voto a Nossa Senhora do Desterro, se aquela bexiga passasse, ele fazia uma capelinha em homenagem a Nossa Senhora do Desterro e dava uma cinquenta de terra, essa aqui ta na terra da santa. Tudo bem, passou, aí se lembraro.

— Seu Chico e a promessa.

Ele disse:

— Vamo pagar.

Aí ele não aceitou a ajuda de ninguém, era, tinha dinheiro, fez ao punho dele, a capelinha [...]

Chamou o Padre Luís Santiago da Paróquia de Cuité, 29 de Agosto de 1929, pra celebrar uma missa e marcar o lugar da capela. 6 de janeiro de 1930 foi inaugurada a capela, pelo Padre Luís Santiago da Paróquia de Cuité. Aí Baraúna levantou-se, começou chegar mais gente [...]

Aí melhorou muito o, o lugar, por esse motivo. Aí começou a chegar gente, não na sede.⁴³

Na primeira década do século XX José Ferino de Oliveira constrói a primeira casa próximo ao riacho das Braúnas, onde juntamente com sua família passa a criação de gado no local e a lavoura de subsistência. Anos mais tarde, chega do Rio Grande do Norte, o senhor Francisco Soares da Silva, já viúvo, que fica conhecido como Chico Italiano, devido à fala embarçada, e se casa com a filha de José Ferino, a jovem Antônia. Como era de costume, a família recém formada, passa a residir na fazenda, tornando-se mais adiante herdeira da já chamada Fazenda das Braúnas.

Por volta da segunda metade da década de 1920, passa a ocorrer na região um surto de varíola, chamada de bexiga taboca. Como não se tinha muito conhecimento sobre a doença, os hábitos cotidianos ajudavam a espalhá-la, chegando a dizimar algumas vidas. Foi nesse momento que, no local aonde hoje vem ser a sede do município de Baraúna, é feita uma

⁴¹ Não pretendo aqui tomar os relatos do senhor Severino Passos, ou de qualquer outro depoente, como a verdade sobre determinado tema ou história, mas como possibilidade de construção, no instante em que foi personagem que viveu e experimentou o tempo e o espaço em questão. Cabe ressaltar que o senhor Severino Passos, por ter uma relação de afetividade com a história de Baraúna, também foi e é um pesquisador desta história, mesmo que sem pretensões acadêmicas.

⁴² No decorrer de toda a dissertação, utilizaremos os termos senhor e senhora ao nos referirmos a nossos depoentes, no momento que partimos do presente e observamos as suas idades.

⁴³ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

promessa⁴⁴ que viria a atuar diretamente sobre a construção do povoado. Uma promessa que dá origem a capela, que seria ponto de encontro entre os moradores da região. Espaço de oração e devoção, mas também de sociabilidades. E mesmo quando Chico Italiano vem a morrer na década de 40, deixando sua casa/fazenda 'abandonada', a capelinha permanece ativa.

No conjunto da narrativa citada anteriormente, é necessário aqui fazer uma reflexão quanto ao momento em que o senhor Severino Passos coloca 'essa aqui tá na terra da santa', em dois pontos. Primeiro porque ele exprime, durante a nossa conversa/entrevista, uma relação de afetividade com a religião católica, e nesse caso ter sua residência na 'terra da santa' é de certa maneira estabelecer uma relação de sacralização do espaço. Segundo, porque no momento em que pronuncia esta expressão, remete a si mesmo e a nós, ao presente, às relações que são estabelecidas entre o passado e o presente. Como nos propõe Amado e Ferreira (2006, p.21), "[...] narrativas orais referem-se tanto ao passado quanto ao presente, organizando-os e unificando-os [...]".

Nesta organização/unificação das narrativas do passado em relação ao presente, convém observar que a história da capela está intimamente ligada a uma doença, que segregava e que estabelecia relações de dor e sofrimento, não somente pelo físico, mas pelo afetivo, emocional. Uma doença que impunha, no tempo e no espaço, formas de lidar com ela e com o sujeito que a hospedava. O senhor Severino Passos coloca:

Olhe, teve uma doença muito grande, bexiga taboca, hoje é varíola. Quando um, tinha um doente de bexiga, ia lá pra uma casa e o tratador, o tratador ficava tratando, de preferência a casa virada pra o nascente. O cabra ficava lá dentro, aí o que ia levar o comer, botava o comer assim, empurrava assim, quando era pra tirar a roupa, eles ia espetava assim aquela roupa, botava numa vasilha d'água. [...] Quando morria um bexiguento enterrava no roçado, no mato.⁴⁵

Além do sofrimento físico causado pela doença, o sofrimento emocional colocava-se presente na segregação da pessoa bexiguenta, colocada como o outro, que não se quer ou não se pode estabelecer relação. Tendo como referência a citação acima, podemos observar que existia a segregação na vida, enquanto doente, e até na morte.

A doença que se transmitia de pessoa para pessoa, por meio de gotas de saliva expelidas pelo doente, pela roupa ou objetos contaminados, espalhou-se pela Fazenda das

⁴⁴ Equiparada a um juramento, a promessa geralmente está associada à tradição cristã. Colocada perante Deus ou um santo, neste caso, a Nossa Senhora do Desterro, ela busca emitir segurança no atendimento do pedido, e em agradecimento a graça alcançada será cumprido o prometido.

⁴⁵ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

Braúnas e fazendas circunvizinhas na segunda metade de 1920, apesar da vacina ter chegado ao Brasil no século XVIII. Um episódio conhecido de nós historiadores, ligado a esta doença, foi à chamada Revolta da Vacina no ano de 1904, o que nos remete a pensar que apesar da luta em favor da prevenção proposta a partir da vacina, ter sido proclamada ainda na primeira década do século XX no Brasil, a vacinação não atingiu todos os espaços, o que acabou por gerar um surto nessa região.

Surto este que deixou marcas não somente no corpo, mas na memória. Quando o senhor Severino Passos nos convida a pensar os detalhes do tratamento, colocam-nos de frente com marcas de memória a partir da doença. Neste campo de ação, é interessante observar que uma das formas de aliviar o sofrimento do bexiguento era a folha da bananeira,

[...] O Zé Sebastião teve uma bexiga tão grande, ficou insuportavi, o que tinha de proteger ele era uma coberta de tiá, porque era uma fazenda grossa danada. Aí pipocou o corpo todim, quando começou a estorá, aí o sofrimento drobou, aí ensinaro palha de bananeira.

[...]

Ah! Quando botaro essa folha de bananeira ele reviveu, porque sofria demais. Aí ficou bem arripiadim, passou uns tempo sem fazer barba. Esse foi um dos que a casa é virada pro nascente, botaro ele lá e botaro o tratador. Quando ele tomou o banhe morno, banhe quente, banhe morno, quebrado a da frieza, o banhe frio, tomando o banhe frio tava bom. Aí vamos difumá a casa. O gado, naquele tempo havia muito pasto, aonde ele fazia feze esse ano, caia ficava aqueles bolão assim, o ano que entra tava seco. Aí juntaro aquela [...] trazia em caçuá, fazia um fogão [...] era uma porta e uma janela, ainda existe essa casa lá, fazia o fogo e a fumaça tomava conta. Botava um dia, no outro dia botava na porta do mei, até saí fora com aquele rabo de fumaça. E ainda o povo ficaram com medo de morar na casa.⁴⁶

Nessa narrativa, podemos observar os hábitos cotidianos perante a doença, que vai da folha de bananeira, aos banhos e por fim a defumação do espaço habitado pelo bexiguento. Defumação esta feita com “fezes de gado seca”, e que não era suficiente para afugentar o medo da doença que habitou aquele espaço. Com relação aos banhos, é importante notar que esta prática não estava presente apenas quando se colocava casos de cura da varíola, ou ‘bexiga taboca’, mas também quando do resguardo da mulher que tivera bebê.

As práticas cotidianas partilhadas contribuem para a constituição do espaço no momento em que estabelecem maneiras de cuidar, de lidar com determinada doença e/ou situação. O ensinamento da folha de bananeira para aliviar os males da ‘bexiga taboca’, por exemplo, implica a produção de redes de sociabilidades e solidariedades entre os sujeitos. Redes que acabaram também por construir um jogo de significação perante a sociedade, a

⁴⁶ Entrevista realizada com Severino Passos em 02 de Agosto de 2011.

exemplo dos banhos. Tomar banho frio nos primeiros momentos da doença era correr o risco de ‘recolher’⁴⁷ a bexiga. Neste campo de discussão, Albuquerque Júnior (2008, p.108) possibilita percebermos que “[...] São as práticas que trabalham este espaço, que o tornam vivência e experiência, são os sentidos que seus praticantes lhe dão, [...] que o constitui como espaço social, cultural e histórico. [...]”

Na construção histórica de um espaço, muitas vezes, um lugar/espaço necessita de ser destruído para produção de outro, que passa a ter sentido(s) diferente(s) para os seus praticantes. Com Baraúna não foi diferente, a ‘casa velha’ da Fazenda das Braúnas veio abaixo para se erguer outra, que passará a ser palco para muitas histórias, que marcaram vidas. Palco de uniões e separações, prosas entre amigos, algumas vezes regada por ‘lapadas’ de cachaça. Observemos a narrativa que se segue:

Então pronto, quando Zé Lourenço comprou, essa fazenda tinha se acabado, porque Chico italiano tinha morrido em 40, aí ficou tudo abandonado. Aí ele botou essa casa veia aqui abaixo e fez de tijolo e telha, que ela era de madeira e barro. Os pedreiro, porque tinha a de taipa que era assim atravessado, dessa aqui era impezim assim, vertical. Então um pedreiro rebocava de cá outro rebocava daqui, pra o barro encontrar pra não se derramar. [...] Era um vei muito intiligente que teve aqui, Ananias Firino [...]

Em 1950, em janeiro de 1950 ele comprou, logo na outra semana demoliu essa casa velha, que ela já não prestava mais, abandonaro ela, e fez essa que era na frente de comadre Dadá, e fez aqueles armazéns e butou uma grande casa de negócio, um bodega naquela época, comprando toda nossa produção e vendendo tudo que agente consumia [...]⁴⁸

De um fim, surge um começo, ou recomeço para alguns. A partir da destruição de uma casa, produziu-se a construção de um espaço, que se colocaria como praticado pelos sujeitos que passariam a transitar cotidianamente⁴⁹, por pessoas que viriam estabelecer relações com o senhor José Lourenço e sua família; relações comerciais, já que a bodega coloca-se como centro distribuidor de mercadorias, havia o armazém de negociação do sisal, conhecido como agave, e poucos anos depois até uma venda de tecidos da qual a senhora Socorro⁵⁰, sua esposa a partir de 1956, tomava conta, mas também relações familiares, de amizade e de compadrio. Relações familiares que acabaram por implicar num recomeço para o senhor Zé Lourenço. Como nos narra mais uma vez o senhor Severino Passos:

⁴⁷ Neste sentido, as pústulas, pequenas bolhas cheia de pus, ao invés de se colocarem no corpo externamente, ficariam no seu interior.

⁴⁸ Entrevista realizada com o Severino Passos em 02 de Agosto de 2011.

⁴⁹ Vale aqui ressaltar que a ‘casa velha’ também foi um espaço praticado, seja pela família que morou lá, ou pelas pessoas que estabeleceram relações com ela.

⁵⁰ Maria Amélia de Araújo Dantas (nome de casada).

Não, era casado com outra mulhé, Lurde. Ela até já ta in memória. Aí ela traiu ele, vivia, já vivia com um namorado. Mas saiu de três hora da tarde, o namorado era Perto Dantas, Mané de Perto Dantas, desse Dantas aqui de Chico Dantas, eram primos. Ela arranhou um namoro com ele, ela era uma mulhé, Deus a tenha lá, ela era uma mulher depravada, num assumiu como se diz, responsabilidade de casada, também num sabia comprar, num sabia vender. Ela arranhou um namoro com ele, aí eles trataram pra fugir, e ela com as mala pronta. Aí quando foi um dia de quinta-feira, ela mandou dizer [...] o porta-voz era Naldim de Zé Aluizo.

— Diga a Mané que pode vim que Zé Lourenço foi pra Cobra.

Três horas da tarde, eu num tava, ele chegou, mandou ela entrar pra buléa e disse ao motorista [...], subiu, butou as mala in cima e disse ao motorista:

— Num é pra parar pra ninguém.

[...]

Ele já tava com uma casa alugada lá em Currais Novos, passou direto, foi parrar em Currais Novos, aí aquele problema, aquele, no outro dia ele mandou o povo, o empregado dele voltar, abastecendo as [...] Aí parou na porta de Zé Lourenço, tinha uma estaca assim, essa eu também num vi. Ele disse:

— Tire esse carrim daqui antes que eu quebre ele de cacete e sua cabeça também. (risos).

Pronto, quer dizer que aí se separou, Lurdes se separou, ficou ele, aí tempos depois, arranjaram essa amizade, vamos supor. Aí Zé Lourenço subiu, levantou a moral. Porque Socorro era aquela pessoa, que ainda hoje é, muito intiligente, muito comunicativa, muito comerciá, aí Zé Lourenço levantou-se no comércio, inté que depois de um certo tempo a mulher lá morreu e eles casaram e ta aí vivendo muito bem, quer dizer, num tão mais, porque Zé Lourenço [...] (faleceu)⁵¹

O recomeço de Zé Lourenço, em termos afetivos, segundo o senhor Severino Passos, serviu para levantar sua moral. Moral no que se refere aos relacionamentos e também ao comércio. Não que este último estivera em decadência, mas sem o modelo de esposa a cuidar da casa, e por consequência, do comércio quando este estivera fora, o crescimento econômico não era favorecido.

Quando com Bassanezi (2004, p.609) refletimos que, “Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. [...] maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidade de contestação.” Podemos perceber que a primeira esposa do senhor Zé Lourenço, quando não se encaixou neste modelo, passou a ser considerada “uma mulher depravada”.

Historicamente foi construído o modelo de mulher a ser cultivado na sociedade, este relacionado diretamente a figura masculina, onde esta última detinha autoridade sobre a primeira. Quando este modelo é rompido pelo gênero feminino, este passa a ser desqualificado perante a sociedade. Neste campo de atuação, Araújo (2008, p.1) considera:

[...] Na questão da infidelidade feminina, a cultura produziu historicamente o masculino e para ele a governabilidade do corpo do *outro*, (o feminino). Na medida em que o corpo do *outro* é desejado por alguém e esse desejo é permitido, o *eu* se

⁵¹ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

sente em processo de desgovernabilidade, configurando-se assim, em um ato de infidelidade para o governante. [...]

Infidelidade que marca relações de gêneros. Na medida em que a infidelidade é praticada pela figura feminina, esta passa a ser sinônimo de impura, desonesta, desleal. Colocando-se no posto de esposo traído, a figura masculina ganha apoio da sociedade, que no caso de não vir a conviver mais com a adúltera, a traidora, é purificado e torna-se um bom partido junto a algumas moças. O que, neste caso, ocorreu com Zé Lourenço.

Já no caso da infidelidade masculina os padrões sociais e culturais apontados era outro. De acordo com Bassanezi (2004, p.635) “[...] Se o marido infiel mantivesse minimamente as aparências e continuasse provendo sua família com bens materiais, as esposas não deveriam se queixar. [...]” Afinal, desde que não afetasse a instituição familiar a infidelidade masculina era permitida, e à mulher casada com um esposo infiel cabia-lhe a resignação para manter seu casamento e sua postura de senhora honrada perante a sociedade.

Nisto, é importante refletir junto com Pinsky (2010, p.34) que os gêneros devem ser pensados a partir da relação, “[...] Um ‘lado’ só pode ser compreendido se comparado com outro e, mais do que isso, num movimento de interação. E, se o feminino existe relacionado ao masculino, qualquer definição ou redefinição de um deve levar em conta o outro.”

Após a prática de infidelidade da primeira esposa, a segunda chance para o senhor Zé Lourenço veio em 1956, quando vem do Sítio Salgado, juntar-se a ele a Senhorita Maria Amélia, que mais adiante ficou conhecida como Socorro de Zé Lourenço. Maria Amélia/Socorro, mesmo jovem em relação ao senhor Zé Lourenço, se colocou no modelo de mulher, esposa e mãe, motivo pelo qual Severino Passos lhe rendeu elogios na narrativa apresentada anteriormente.

Com relação à nomenclatura que se desenhou nas décadas de 1950 e 1960, e que perdura até hoje, de chamar ‘Socorro de Zé Lourenço’, é importante perceber que era uma prática de gênero da sociedade das Braúnas/Baraúnas, bem como de outras espacialidades. O nome da mulher, ou da moça ser associado à figura masculina do pai ou do marido indicava a posição central que o homem se encontrava na sociedade patriarcal.

Neste campo de ação, podemos ainda pensar outro código social evidenciado nas Braúnas/Baraúnas das décadas de 1950 e 1960, e em toda sociedade brasileira, a não possível

eliminação dos laços matrimoniais junto a Igreja Católica, e também as leis brasileiras⁵². O senhor Zé Lourenço somente pôde contrair matrimônio com Maria Amélia/Socorro, anos mais tarde, quando do falecimento da primeira esposa, como nos coloca a própria Socorro⁵³: “Não, ele era casado, eu vim me casar depois. Criança [...] Ele terminou de me criar. (risos) Aí eu casei com ele depois [...] Não oficialmente, a oficiá veio depois.”⁵⁴

Alguns momentos da vida de nossa depoente foram apontados anteriormente, porém é interessante apresentar mais um pouco de sua história. Dona Socorro, uma jovem que viveu e estabeleceu suas relações de amizade e afetividade até os seus quinze anos no Sítio Salgado, município de Cuité – PB interessou-se por Zé Lourenço em uma das festas promovidas por ele, juntamente com a comunidade, entre sua casa/sua bodega e a capelinha. Em 1956, une-se a ele e vem habitar a povoação das Braúnas, onde permanece até o ano de 1968, quando se muda, juntamente com sua família para Picuí – PB, depois de já ter ajudado na construção de Baraúna juntamente com seu esposo. Teve oito filhos, dos quais, um⁵⁵ ainda reside no município de Baraúna.

1.3 SENSIBILIDADE E SOCIABILIDADES NA(S) CAPELA(S): PLANTANDO A PALAVRA, COLHENDO FIÉIS

Sobre a construção das Braúnas/Baraúnas, convém notar que esta não foi somente em termos estruturais do fazer casas/prédios, mas também em termos de laços de solidariedade, divertimentos entre outros jogos do fazer cotidiano que envolvia as sensibilidades do convívio e das sociabilidades, já que Dona Socorro juntamente com Zé Lourenço, continuou a realizar eventos entre a sua casa e a capela, que estavam ligados tanto ao sagrado quanto ao profano.

O ano de 1956 foi marcante para a vida do senhor Zé Lourenço e Dona Socorro, mas não somente para eles, mas também para a comunidade católica da povoação emergente das Braúnas, e sítios circunvizinhos. Outro momento que se colocaria diante da transformação do espaço. No instante em que as necessidades cotidianas produzem historicamente as

⁵² “O divórcio, considerado por muitos um veneno para a estabilidade social por enfraquecer a instituição familiar ou servir como porta de entrada para o amor livre, só passou a fazer parte das leis brasileiras na década de setenta.” (BASSANEZI, 2004, p.637)

⁵³ Maria Amélia, nome de batismo, Socorro/Socorro de Zé Lourenço, como ficou conhecida, aqui utilizarei Socorro de Zé Lourenço quando me referir a ela enquanto depoente e as suas falas.

⁵⁴ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

⁵⁵ Auri Araújo Dantas.

espacialidades, a demolição da primeira capela e construção da segunda influenciou diretamente no cotidiano e na história dos sujeitos e da sociedade que se coloca nas Braúnas.

As imagens que seguem, ajudam-nos a pensar o formato da primeira e da segunda capela nas décadas de 1950 e 1960, apesar de nenhum retratar o espaço como era, já que a primeira imagem é um desenho produzido com base em descrições dos depoentes, usado no momento que não foi encontrada nenhuma fotografia de época; e a segunda é uma fotografia recente em relação às referidas décadas, mais precisamente de 2003 na ocasião de sua demolição para a construção da nova Igreja.

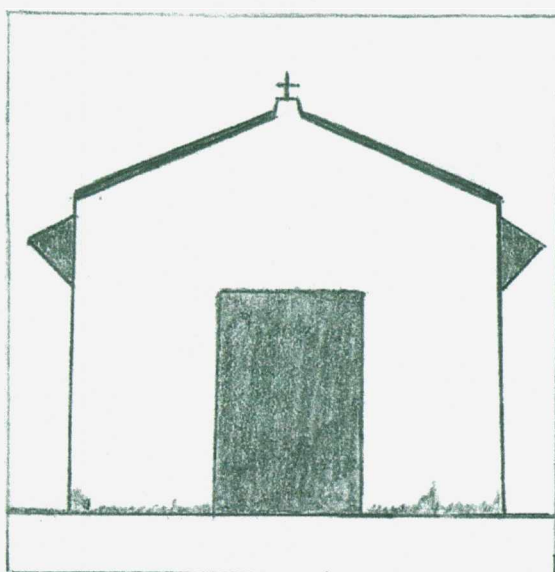


Imagem 5: Desenho da Primeira Capela das Braúnas.
Fonte: SANTOS⁵⁶, Erik Silva dos. Outubro de 2011.



Imagem 6: Foto da Segunda Capela no início de sua demolição.
Fonte: DANTAS, Lourani Celeste de Medeiros. Junho de 2003.

Neste conjunto, quais motivos teriam levado a necessidade de construção de uma nova capela ou igreja? De acordo com Araújo (2005, p.12):

O crescimento da povoação tornou a capelinha, inaugurada na década de 1930, insuficiente para acomodar os fiéis. Foi quando surgiu a idéia de demolir a Capela Nossa Senhora do Desterro e construir outra maior. Assim, em 1956 a primeira capelinha foi demolida e a população passou a se mobilizar na construção da nova capela de Nossa Senhora do Desterro. Todos procuravam participar com o que podia: tijolos, areia, dinheiro, dia de trabalho, um verdadeiro mutirão. Para adquirir a peça principal da capela, o sino, como era um pouco caro, tiveram a idéia de colocar uma rifa. [...]

⁵⁶ Aluno da 1ª série da EEEM de Baraúna (2011).

Crescimento que também se deu a partir da própria capelinha, como era chamada, pois passou a acolher os fiéis que antes se deslocavam para Picuí. Não que estes naquele momento não pudessem ir mais às missas na cidade de Picuí, mas devido à distância e a falta de meios de transporte, o que deixava a viagem cansativa. Era mais cômodo vir a habitar a capelinha de Nossa Senhora do Desterro.

Convém observar que as missas não eram semanalmente, às vezes demorava até meses entre uma missa e outra, nas décadas de 1930 e 1940, todavia, ainda continuava sendo mais cômodo adentrar o espaço de oração da capelinha. Cabe notar que boa parte da população que ocupava as terras, que hoje vêm a ser o município de Baraúna, deslocava-se para as missas em Picuí de seis em seis meses, por ocasião de um batizado e/ou casamento.

Quando o padre não estava presente junto à capelinha, esta, ainda poderia continuar em atividade, com as novenas celebradas pela comunidade. Situação esta, não somente observada durante a primeira capela, mas principalmente com a nova que se erguera; até porque foi a época em que boa parte das pessoas colocaram-se junto à povoação das Braúnas não somente para visitar e estabelecer suas relações comerciais, religiosas e afetivas, mas para residir. As famílias, ainda em pequena quantidade, chegavam a procura de uma sede para moldá-la com suas próprias mãos, “um quadro para anichar a sua memória” (PESAVENTO, 2004b, p.175).

Neste campo de atuação, a nova capela, além de espaço de oração, celebrações religiosas, ocupava também o posto de espaço de sociabilidades nas décadas de 1950 e 1960. Sociabilidades no momento em que há comunicação, trocas, reciprocidade nas conversas, nos olhares; atividades desenvolvidas entre pessoas que provocam efeitos do sensível nos outros, e em si; pessoas que estabelecem conexão nas redes de amizades, vizinhança e parentesco. Sociabilidades para os sujeitos que residira já no espaço das Braúnas e para os que se colocara em sítios/fazendas vizinhas.

No fazer do jogo das sensibilidades religiosas e das sociabilidades, o trabalhador do roçado, da casa, do comércio deveria encontrar tempo para ir/vir à missa ou a novena ficar mais perto de Deus, e também dos homens. Nestes cruzamentos de pessoas, as sensibilidades religiosas partilhadas ajudam na produção das sociabilidades, da própria sociedade que se ser construir.

A Igreja Católica, tanto figurada na primeira, quanto na segunda capela, era palco para muitos eventos importantes na vida das pessoas. Celebrações que iam do batizado, a primeira comunhão, a crisma, passando pelo casamento, e chegando a ritualizar algumas vezes até a morte. Lá dentro, o respeito a Deus e a Igreja era exigido rigidamente. O senhor Severino

Passos, através do exemplo de um padre, atenta-nos ao silêncio exigido pelos padres durante a celebração da missa:

[...] No sermão dele, num era pra ninguém dá atenção a ninguém. Ele tava fazendo o sermão dele, acho que hoje não é mais sermão, eu não sei nem o que é, quando via uma mulher fazer assim.

_ Mulher! Deixe pra conversar em casa, aqui você ta rezando! (risos)⁵⁷

Nesta fala além dos códigos da Igreja propostos aos seus fiéis, podemos observar uma imagem de gênero. A partir do padre, figura masculina, a mulher é adjetivada como faladeira, que fala demais. Na medida que o homem tinha outros espaços de falas, estabelecimentos de conversas, como a bodega, o bar, muitas vezes restava a mulher o lugar da missa, espaço público, para estabelecer conversas e relacionamentos com as amigas, até porque muitas não podiam vir ao eventos do terraço de Zé Lourenço, nem frequentavam os forrós nos sítios circunvizinhos as Braúnas/Baraúnas.

Também fica evidente na narrativa acima a marcação de um lugar para a missa: o do silêncio dos fiéis, ainda possibilitando perceber que este lugar podia ser burlado, podia ser movimentado para além da ordem estabelecida, mesmo correndo o risco de ser chamado(a) a atenção diante de todos os participantes da celebração. A saída da missa era o momento propício de encontrar e contar as últimas novidades aos conhecidos, familiares e amigos, estabelecendo assim vínculos com a coletividade; todavia, principalmente no que se refere ao gênero feminino, nem todas tinham esta possibilidade, pois necessitavam de voltar urgentemente para casa para concluir com os afazeres domésticos, o almoço ou a janta do marido. Além disso, a exposição ao público podia ser considerada, por parte de alguns homens, um perigo a honra da família.

Mas voltando um pouco no tempo, antes das missas e sociabilidades durante e depois dela, convém notar uma prática das pessoas que vinham dos sítios circunvizinhos. Para adentrar a missa, a capela, alguns destes sujeitos usavam do lugar e do modo de vida que lhes era imposto cotidianamente, criando suas astúcias, suas práticas do espaço. Propomos aqui um exemplo interessante das astúcias da população que vinha de outros sítios/fazendas. Como o meio de transporte era muito raro, nos finais da década de 1950 e início de 1960, até mesmo a bicicleta não era tão comum, as pessoas tinham que ir, na maioria das vezes, a pé do seu sítio até a capela, onde se realizaria a missa, chegando a percorrer, muitas vezes, quilômetros.

⁵⁷ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

Como as estradas eram de areia ou barro, período de seca, e com lamas e águas no período chuvoso, caso as pessoas já viessem com os sapatos de participar da missa, ou de outro evento, chegariam com eles cobertos de poeira ou de lama. Deste modo, a senhora Socorro de Zé Lourenço remete-nos a inevitabilidade dos sujeitos, aos usos do lugar que lhes era proposto,

Sempre tinha missa, havia missa [...] De tempos em tempos [...] Interessante aquele tempo, interessante, o povo vinha do sítio, aí vinha tudo de sandália, aí tinha a casa de seu Pedro Cassiano, Antonio Cassiano [...] Pois é, aí o povo vinha do sítio, aí trazia os sapato nas bolsas. (risos) Aí quando chegavam lá em Antonio Cassiano, aí tirava, aí trocava as sandália, pra chegar em Baraúna de sapato. Era engraçado antigamente.⁵⁸

As pessoas gostavam de andar o mais alinhado⁵⁹ possível quando iam à missa ou a algum evento no Povoado das Braúnas/Distrito de Baraúnas, principalmente moças e rapazes deveriam mostrar-se impecáveis junto à celebração eucarística, que poderia agrupar ainda um batizado, uma primeira comunhão, a crisma, um casamento, sociabilidades capazes de produzir jogo de olhares, que causariam encantamento entre jovens; e quem sabe dali não surgiria um princípio de namoro.

Deste modo, as vestimentas deveriam ser produzidas com cuidado. E não somente os jovens, que estavam em busca de namoro e/ou casamento, realizavam 'um desfile de moda'. A roupa representaria muito mais junto a Igreja e à sociedade, principalmente no que se refere ao corte de certo do modelo escolhido. Os códigos sociais, neste âmbito, instituíam o que era permitido e o que era proibido no modelo feminino principalmente.

Observemos, por exemplo, como poderiam/deveriam vestir-se os meninos e meninas que viriam fazer a primeira comunhão, a partir da fotografia adiante elencada, lembrando ainda junto à Carvalho e Lima (2009, p.49) que, "O retratar-se é uma prática cultural que integra uma rede de comunicação e atua, como tantos outros processos, na regulação da sociedade".

⁵⁸ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

⁵⁹ No sentido de elegante; todavia, dentro de suas possibilidades econômicas.



Imagem 7: Primeira Comunhão realizada na Capela de Nossa Senhora do Desterro nas Braúnas/Baraúnas
 Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968)⁶⁰

Nesta fotografia podemos perceber as vestimentas como parte da regulamentação da sociedade em termos de gêneros. A menina vestia-se com um vestido similar a um vestido de noiva, completado ainda o traje com o arranjo ou coroa na cabeça, também chamada de capela. O menino também era formal, podendo usar calça comprida, ou calça curta como no caso deste da fotografia. Neste sentido, a senhora Otilia Mariano da Silva Souza (71 anos) nos informa:

Zé Mariano era pegado com eu demais. Eu mais Zé Mariano fizemos a primeira comunhão [...] Ele trajadinho de noivo e eu trajadinha de noiva [...] Capela, véu, capela, e ele todo trajadinho de manga comprida. Era bonitim demais. [...] Eu fiz a primeira comunhão, graças a Deus, era tanto menino. [...] Há, lá eu usava vestido comprido, manga comprida, e de capela, capelona alta, era daquelas alta, num era dessas coroinha não, era capela mesmo. [...] Eu ia tirar um retrato aí Maria num deixou. Num deixou não, porque disse que num tinha dinheiro, pai era pobre não tinha dinheiro pra pagá. Eu trajadinha de noiva.⁶¹

Neste conjunto, a narrativa acima e a fotografia anterior nos remete a outro ritual de passagem na vida das pessoas, sob custódia da Igreja Católica, o casamento. No caso da menina, vestir-se como uma pequena noiva, ‘uma noivinha’, ser agraciada pela emoção de estar ali no altar, colocava a necessidade familiar dela vir anos mais tarde para efetivar seu

⁶⁰ Como a senhora Maria Amélia de Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço) não se lembra da maioria das datas das fotos que nos cedeu para digitalização, mas afirmou que foi do período que morava em Baraúna, consideremos as que estão sem datação entre os anos de 1956 e 1968.

⁶¹ Entrevista realizada em 9 de Julho de 2011.

casamento perante a família e a sociedade. Além disso, a vestimenta feminina representada na fotografia, também nos remete a condição de pureza. Usar vestido branco ao casar, era declarar-se virgem e pura perante a sociedade. Na Primeira Comunhão era necessário se colocar como pura(o) para estar mais perto de Deus, comungar com Deus.

O depoimento da senhora Otília Mariano, citado anteriormente, possibilita-nos pensar que a fotografia não se colocava como acessível a todas as pessoas. Aqueles que não tinham recursos financeiros, por mais que desejassem não podiam tê-la. O que nos coloca diante da percepção que Zé Lourenço e Socorro, sua esposa, tinham condições financeiras para produção de álbuns de família, que nos foram disponibilizados, e servem à construção de nossa dissertação.

Diferente do que aconteceu com a senhora Otília Mariano que, durante a narrativa, ao falar desta fotografia que não pode existir, devido à falta de recursos financeiros, lacrimejou. Naquele momento, a imagem dela preparada para primeira comunhão, trajada de noiva (noivinha) juntamente com seu irmão, chegou-lhes à memória. Somente ela tem esse momento guardado junto a suas memórias.

No espaço sagrado configurado na capela, além das missas, que incluíam os batizados, a Primeira Comunhão, a crisma, o casamento e algumas vezes a passagem do morto, havia, também a celebração das novenas. Algumas delas tinham dois momentos, o dentro da Capela e o fora dela. Falemos num primeiro momento das novenas do mês de maio, de Maria, que culminaria no ‘derradeiro de maio’, quando a população vinha celebrar, estabelecer seus vínculos com a Igreja e a sociedade. Segundo Socorro de Zé Lourenço,

Tinha, rezava o mês de maio todinho, aí juntava as flores, todo dia aquele pessoal, todo dia levava as flores, levava um buquê de flores, aí colocava lá na santa, quando era no outro dia, aquelas flores eram recolhidas e botadas lá no recanto, aí quando era no último de maio, aquelas flores, fazia uma fogueira e queimava as flores [...] Aí o pessoal cantando ao redor da fogueira [...] depois da novena.⁶²

Era no espaço fora da capela, ao redor da fogueira que moças e rapazes sob suspeita de olhos vigilantes podiam estabelecer o *flirt*⁶³. Os namorados e noivos podiam estabelecer conversas com suas namoradas sob a vigilância dos pais ou de uma senhora casada e ‘de respeito’. Os familiares e amigos conversavam entre si, e ainda quem estava ali para cumprir

⁶² Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

⁶³ “O flirt é uma troca de olhares. E’ talvez o início normal de quase todos os namorados, ou melhor, da maioria deles. Muitas vezes, um homem atraído por uma mulher segue-a olhando insistentemente. Se o olhar é correspondido, ele pode atrever-se a dirigir a palavra à mulher, e daí talvez resulte o namoro. Isso é o flirt.” (SILVEIRA, 1959, p.5)

os rituais sagrados até o fim, iria entoar os hinos a Nossa Senhora. Não cessavam também os pedidos de casamento junto a Maria, já que se estava no mês das noivas. Nada melhor do que pedir para que naquele ou no próximo ano estivessem realizando o matrimônio.

A troca de alianças e a construção de uma família era um desejo a ser alcançado por homens e mulheres no Povoado das Braúnas/Distrito de Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, as últimas em maior intensidade que os primeiros. Neste campo de atuação, o modelo de família seguia os padrões da sociedade brasileira dos chamados anos dourados, como nos convida a perceber Bassanezi (2004, p.608-609):

Na família-modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. [...]

Na sociedade aqui estudada, das Braúnas/Baraúnas e dos sítios circunvizinhos, este modelo se adequava ao ideal proposto pela sociedade. Todavia, é necessário observar que apesar do homem ser responsável direto pelo sustento da família, boa parte das mulheres ajudavam como podiam nas atividades econômicas. Dessa forma, desde a ajuda promovida por Socorro a Zé Lourenço no comércio, aquelas que trabalhavam diariamente no roçado juntamente com seus esposos ou pais, a participação das mulheres no sustento da família tinha relativa significação na sociedade ora problematizada.

Significação que não deixava ser percebida, explicitamente na sociedade. Embora trabalhasse igual ou mais que os maridos, muitas mulheres não assumiram essa condição, mas propunham apenas a noção de ajuda. Ela própria afirmava que era o marido que sustentava a casa e a família, o que implica códigos de gênero. As mulheres são produzidas historicamente para não assumirem sua posição em relação ao sustento da família, sentem vergonha pelo marido, por este não ser unicamente o provedor do lar e da família.

No que concerne às cerimônias de casamento, a partir do espaço de estudo proposto, observamos que estas poderiam ser realizadas nos sítios, na casa dos pais e/ou familiares da noiva, e com menor regularidade do noivo⁶⁴, na igreja de Picuí ou na capela das Braúnas/Baraúnas, e que serviam para reunir família e amigos no local da cerimônia, transformando-o em espaço de sociabilidades. Neste âmbito, a capela foi palco para

⁶⁴ O pai da noiva era responsável direto pela maioria dos gastos do casamento, inclusive no que se refere à festa.

casamentos, regidos pelas formalidades do ritual que se repetiam, e nas situações não comuns de acontecerem.

Segundo Severino Passos, o ritual do casamento comum às décadas de 1950 e 1960 na comunidade das Braúnas/Baraúnas e nos sítios circunvizinhos, realizava-se da seguinte forma: “Ia lá pra os pés do padre. O padrinho trazia a noiva, o cabra passava a mão nela, ia lá pro pés do padre. Aquele negócio de beijar, essa coisa assim, não. Num existia isso naquele tempo não.”⁶⁵

Os casamentos, assim como outras celebrações católicas, propostas junto à capela, não demoravam em demasia, colocavam-se como simples e curtos. Um dos motivos que explica esse não prolongamento era que além da missa e do casamento, colocava-se como constante a realização de outros rituais cristãos e católicos, a exemplo do batizado; dessa maneira, uma mesma ocasião servia para muitos momentos, não podendo assim o padre agir em demora. No sítio seguia o mesmo roteiro, num casamento, aproveitava-se para batizar uma criança, ou mesmo se fazia mais de um casamento.

O beijo na boca, assim como durante o namoro, não era evidenciado na cerimônia do casamento, nem tão pouco em público nas décadas 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas. De acordo as normas de conduta da sociedade, não era permitido o desfrute, pois além de expor a si, estava expondo as outras moças e rapazes a comportamentos não interessantes à comunidade. Como a honra da família, principalmente do pai, dependia da honra da moça, esta era bem mais vigiada do que os homens, não somente pela família, mas por toda a sociedade. Com Bassanezi (2004, p.613) observamos que, “O código de moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, o vizinhos, os amigos e amigas [...] A moralidade defendia a boa família, ou melhor, o modelo dominante de família.”

Casar pura, virgem, de vestido branco, véu e grinalda, era o objetivo da família, e da moça que não quisesse correr o risco de ser alvo de fofocas e burburinhos durante bastante tempo na comunidade e entre os conhecidos. Neste conjunto, além do noivo a caráter, de paletó e gravata, a dama de honra era primordial a todo casamento, como vemos na fotografia a seguir:

⁶⁵ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

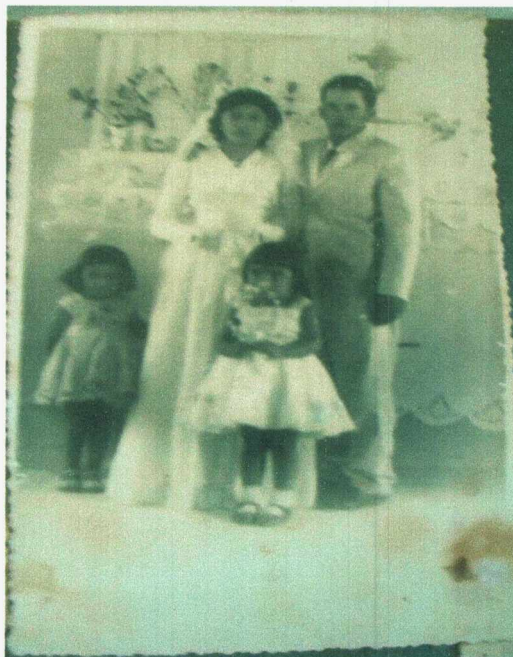


Imagem 8: Casamento realizado na Capela de Nossa Senhora do Desterro nas Braúnas/Baraúnas
 Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968).

Com relação a situações não comuns de casamentos, no espaço e temporalidade pesquisados, uma chamou a atenção de Severino Passos, e a nossa, nos instantes em que este colocou como experiência importante, capaz de habitar sua memória. É esta que nos vem através de sua narrativa:

Janielly: Aqui fazia casamento também?

Severino Passos: Fazia, fazia casamento. Houve uma cena no dia do batizado de Guia, aliás, duas.

Janielly: Guia sua filha?

Severino Passos: Sim. Houve uma missa, e tinha um casamento e o pai da moça não queria o casamento. Disse o Padre:

_ Seu Padre, o senhor não faça aquele casamento não.

Isso ele foi dizer em Picuí.

_ O senhor não faça aquele casamento não.

Mas vei a missa, aí o casamento tava entrando, quando disseram que ele ia fazer o casamento da filha, o padre entrou com a faca, ou, o cara entrou com a faca na mão pra matar o padre.

Janielly: O pai da noiva?

Severino Passos: O pai da noiva. Aí compadre Severino Cassiano, o pai de Bastim pegou-se.

_ Compadre, você é louco, compadre. Deixe esse homem fazer esse casamento, se ele não fizer o casamento, ela vai simhora sem casar.

Tirou ele, foi deixá lá naquelas altura. Esse no dia que Guia batizou-se. Era numa campanha política [...] ⁶⁶

⁶⁶ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

Nem sempre pais e filhas sonhavam com o mesmo marido, este caso foi um exemplo. Neste âmbito, é interessante notar que Severino Passos, não sabe, não lembrou, ou não quis nos contar quais os personagens e os motivos desta ‘novela da vida real’, o que nos possibilita refletir que as narrativas de memória são seletivas.

Já no que diz respeito ao conflito narrado, convém observar que a resolução não veio por meio de autoridades constituídas, mas houve uma privatização do conflito. Através das redes de sociabilidades e solidariedade promovidas junto à capela e a sociedade, pelo jogo de amizades, a própria comunidade procurou sanar a confusão. Nesta perspectiva, é necessário perceber privatização no sentido adotado por Souza (2005, p.203):

“[...] A privatização aqui deve ser entendida como a arte de resolver os problemas cotidianos de acordo com certas regras de comportamento próprias dos grupos em questão, ou seja, os conflitos eram resolvidos no nível dos elementos ordenadores das relações pessoais do cotidiano. [...]”

Viver em sociedade é está em meio a um conjunto de códigos comportamentais, costumes e crenças, que cabe ao sujeito assumi-los ou não. Os caminhos colocam-se a nossa frente cotidianamente, cada direção vai levar a possibilidades diferentes no seguimento da caminhada da vida e do relacionamento com os outros sujeitos. Neste espaço de atuação retomemos o casamento citado anteriormente, a partir de outro depoimento de Severino Passos, para podemos pensar uma possibilidade de encruzilhada que se colocara diante dos códigos sociais que nomeiam, e podem segregar. Acompanhemos a narrativa:

Severino Passos: O cara queria entrar, aí compadre Severino, o pai de Bastim era muito disposto, muito respeitador, muito respeitado, aí foi que abraçou-se, disse:

_ Não compadre, você é doido compadre, você querer matar, deixe essa moça casar com quem quiser. [...] Se o padre não fizer o casamento ela sai mais ele e se amanceba é pior.

Naquele tempo o amancebado tinha um destaque danado.

Janielly: Por que?

Severino Passos: Não sei, tinha um destaque danado. ⁶⁷

Ao pensarmos a figura do pai da noiva, em meio ao jogo de argumentos propostos por Severino, para evitar um conflito maior, observamos que o pai coloca-se diante de um dilema: dar continuidade a seu momento de revolta, talvez fúria, e acabar com o casamento, ou não.

⁶⁷ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

Neste campo de ação, uma figura emblemática para a sociedade entra em jogo, e muda o rumo do conflito, o(a) amancebado(a).

O(a) amancebado(a) é o outro, aquele que não é interessante de ser, pois essa nomenclatura tem um peso na sociedade das Braúnas/Baraúnas das décadas de 1950 e 1960. Ser amancebado era não está em comunhão com os desígnios de Deus, e por vezes, era carregar consigo um estigma, era em alguns momentos da vida ser segregado. Desta forma, o pai da noiva, mesmo diante do seu momento de desabafo fervoroso, raiva, prefere deixar o casamento prosseguir contra sua vontade, do que ter uma amancebada na família.

Nesta perspectiva, a amancebia funcionava como controle social propagado, sobretudo pela Igreja. A estigmatização do(a) amancebado(a) e a circulação desse conhecimento visava a pressionar as pessoas no sentido delas casarem, de preferência junto à Igreja Católica, pois caso contrário, estes sujeitos seriam disseminadores de uma doença moral, o amancebamento. A produção social do estigma a partir do amancebamento não serviu, todavia, ao casal Zé Lourenço e Socorro, no momento que este foi purificado pela infidelidade da primeira esposa de Zé Lourenço. Uma exceção a regra das décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas, possibilitando-nos ainda pensar que na sociedade atual esta figura perde sentido na rede de significação em vigor.

Via de regra, a figura do amancebado era tão emblemática nas décadas de 1950 e 1960 na sociedade em questão, que chegava a atuar, segundo as crenças da população no relacionamento com as enfermidades. Quando depois da cura de uma mordida de cobra, Severino Passos, ainda solteiro, vem visitar uma namorada, na narrativa que se segue, nos conta um pouco do emblema do amancebado junto às doenças e/ou sua cura:

Com vinte dia eu já tava andano, aí vei visitar a namorada. Aí o pessoal que ia lá dizia:

— Faça tudo pra não se encontrar com amancebado.

Porque essa figura de amancebado vem de longe. Aí disse:

— Pedro, bota as cela do jumento que vou na casa de Maria.

Vim mais Pedro. Aí Pedro disse:

— Seu Antero!

Era um dos Antero amancebado. Pai desses Antero que tem aqui. Ainda hoje tem aqui. Josias de Mané Antero. O Antero era pai de Mané Antero e Josias neto dele. Aí, Pedro disse:

— Seu Antero! O que é que nós faz.

Eu digo:

— Bora homem!

— Bom dia!

— Bom dia!

Cheguei, conversei com Maria pra lá, conversei pra lá, conversei prá cá. Aí disse:

— Maria, o sol ta esquentando muito, eu vou voltar.

Aí a velha disse:

_ Severino, cuidado nesse Seu Antero, que ele sempre passa nesse caminho.
 Eu disse:
 _ Já encontrei.
 _ Pelo amor de Deus! Você já encontrou Seu Antero. Ta sentido o quê?
 Eu disse:
 _ Nada.
 _ Vou fazer um chá pra você.
 Eu digo:
 _ Não.
 Aí vim embora. Pra você vê como foi o passado.⁶⁸

Sendo o outro aquele que não sou, não quero ser, ou ainda aquele que a sociedade não quer que sejamos, os sujeitos que desafiam os padrões sociais e culturais propostos, necessitam de ser pensados como modelos que não devem ser seguidos, com o objetivo de não fazer com que exceções tornem-se regras. Neste jogo, entra em cena a problemática da identidade, e da diferença.

No momento em que a identidade pode ser colocada por aquilo que não é, cria o que deve ser, coloca uma identidade que deve ser adotada. Quando o amancebado não se casa junto a Igreja Católica, constrói uma identidade para si diante do que não é; ainda quando um casal realiza o matrimônio junto a esta igreja, também está construindo uma identidade para si, a de não ser amancebado, a de poder participar ativamente das cerimônias na capela, poder comungar, ser padrinho de casamento e batismo. E não fica somente neste par, ainda existia a possibilidade das moças serem levianas, ou ficarem para titias; dos homens serem solteirões etc.

Diante desta colocação podemos pensar: Que implicações havia em ser leviana, ficar para titia ou ser solteirão? No que se refere ao primeiro caso, Bassanezi (2004, p.612) nos informa: “As *levianas* eram aquelas com quem os rapazes namoravam, mas não casam. Deveriam, inclusive, ser evitadas pelas boas moças para que estas não fossem atingidas por sua má fama e seus maus exemplos. [...]”. Já no que concerne ao par titia/solteirão, as implicações residiriam em não casar, proposta não aconselhada pela sociedade, que incutia o medo da solidão nestes sujeitos, para que eles buscassem o mais rápido possível fugir a esse modelo.

Nos meandros da constituição das identidades, necessita-se perceber que elas são históricas e produzidas a partir de discursos colocados na constituição do espaço. Dessa forma, assim como nos coloca Hall (2000, p.109):

⁶⁸ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

“É precisamente porque as identidades são constituídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas.”

A sociedade das Braúnas/Baraúnas, e sítios circunvizinhos, na temporalidade aqui estudada, propôs-se como lugar histórico interessante a propagação da identidade do amancebado, da leviana, da titia, do solteirão, que apesar das singularidades possíveis estavam diretamente envolvidos no jogo identitário colocado pela instituição Católica, principalmente no que diz respeito ao casamento. Neste campo de ação, a capela, tanto a primeira quanto a segunda, faz parte de toda uma rede de significados que acabaram por contribuir diretamente na constituição do espaço das Braúnas/Baraúnas.

1.4 “AH! A FEIRA FOI UM SUCESSO”: VENDENDO MERCADORIAS, CONQUISTANDO MORADORES

Para além da capela, outro espaço que contribuiu com bastante intensidade na formação do município de Baraúna, foi a feira. A proposta de construção da feira começou no dia do inusitado casamento narrado anteriormente, no ano de 1958. Num dia que já seria movimentado, devido à celebração de missa, com casamento e batizados, veio juntar-se uma campanha eleitoral. A palestra foi realizada em cima de uma caminhoneta, nos arredores da igreja e da casa de Zé Lourenço, e contou com o jogo de promessas, dentre as quais, uma realizara-se no ano seguinte, como nos conta Severino Passos:

O prefeito de Picuí era Francisco Eduardo de Macedo e o candidato dele era Roldão Zacarias de Macedo. Justamente foi eleito. Aí no dia desse batizado, veio um bocado de gente. Aí já tinha mais gente, por todo canto. Aí Paulo Hipácio, era vereador, olhou assim, pro canto, pra outro e disse:

— As Braúna está crescendo, eu vou botá um projeto na câmara criando uma feira livre, pra amenizar a viagem desse povo daqui pra Picuí.

Olhou pra o prefeito, disse:

— Sanciona, ou não sanciona seu Prefeito?

Aí ele sancionou, justamente foi criada a feira aqui. 9 de agosto de 1959 foi a primeira feira. Ta lá na história.⁶⁹

⁶⁹ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

A feira de Baraúnas criada pelo decreto de Lei 63 de 04 de junho de 1959 teve início em 09 de agosto do mesmo ano, aos domingos para não concorrer com a feira de Picuí que era aos sábados. Além de funcionar como impulsionador do comércio local, também diminuía a necessidade dos moradores se deslocarem para Picuí, viagem muito sacrificada para a maioria da população pela falta de meios de transporte. Além disso, ela ainda vai servir como espaço de sociabilidades entre os gêneros, e favorecer o desejo das pessoas em residir na localidade.

Antes de caminhar por estas discussões, convém observar que Severino Passos ao afirmar 'Ta lá na história', coloca o discurso do depoimento/entrevista, como reforçador de outro discurso seu, instituído junto à história posta em seu livro.⁷⁰ Neste último caso, o discurso é evidenciado a partir de um lugar, o masculino, e vem reforçar uma história masculina e do masculino, no instante em que os personagens que aparecem no livro, são na sua grande maioria homens.

Linguagem ainda parecida com a proposta por ele nos depoimentos/entrevistas, porém neste outro momento, o narrador coloca-se diante de outros temas, e não somente a partir da história factual, masculina do município. Nas entrevistas, aparecem relatos do sensível com nuances do feminino, e situações que fazem com que percebamos os relacionamentos entre os gêneros e os códigos sociais e culturais propostos na sociedade para homens e mulheres.

No que se refere ao favorecimento dos relacionamentos entre os gêneros, principalmente entre os mais jovens, a feira, aos domingos em Baraúnas, foi proposta como palco propício a esses relacionamentos, bem como, uma possibilidade de espaço de lazer, como nos narra Severino Passos:

Janielly: Na feira aqui, só quem vinha era os homens ou as mulheres também vinham?

Severino Passos: Ah! A feira foi um sucesso. A primeira feira, a feira daqui, a de Picuí era muito difícil de ir [...] então pronto, aquela rapaziadinha com quinze, dezesseis anos não sabia o que era uma feira[...] A primeira feira deu muita gente, porque aquela rapaziada queria ver o que era uma feira.

Janielly: Tanto moça quanto rapaz?

Severino Passos: Moça, rapaz, essa hora ainda tinha gente aí na feira, que tinha deles que ia em casa, o povo era pouco, mas quando se juntava tudo, rendia mais um pouquinho. Então pronto, ela foi assim, foi, foi, começou quase como uma festa. [...]

Janielly: Interessante, quer dizer que a feira começou quase como uma festa.

⁷⁰ É interessante aqui frisar que o senhor Severino Passos, além de ter um grande domínio de oratória, como poucos de seu tempo e de seu espaço, tem uma íntima relação com a história narrada e com as datas, chegando muitas vezes a colocar na fala, narrativas muito próximas as que estão no livro, ou a outras entrevistas concedidas. Cabe ainda dizer que no dia da primeira entrevista aqui exposta e analisada não se fazia presente o livro do qual se fala(va), e que ele coloca como a história.

Severino Passos: Era, era, o pessoal vinha conhecer o que era uma feira, não sabia o que era. Rapaz com quinze, dezesseis anos não sabia o que era uma feira. Naquele tempo as coisas era muito difícil, pra ir uma feira assim, as coisas era muito difícil, aí ficava lá, em casa:

— Mãe, o que é uma feira? Pai o que é uma feira?

— Aí umas oito horas, tava tudo. Tinha gente do sítio, tudim olhando a feira, o que era. Só tinha quatro comerciante na feira, [...] eu, Augusto de Brás, Zé Claudino, quem era o outro? Aí era no terraço, Zé Lourenço fez um terraço pra fazer as festa, aí era no terraço, mas gente foi o dia todim. Essa hora agente num vendia mais, porque o pessoal, as família era pouca, mas vinha olhar o que era uma feira.⁷¹

No espaço da feira, homens e mulheres de todas as gerações poderiam estabelecer suas redes de sociabilidades, tendo como argumento a participação na feira. A princípio, esta se coloca, além de centro econômico, como atração, espetáculo aos olhos dos mais jovens que não tivera a oportunidade de participar de outra, em um espaço diferente. Apesar de pequena, em seus momentos iniciais, ela aguça a curiosidade. Quando não mais sobre sua forma, a expectativa colocava-se nas pessoas que iriam habitá-la. Quantas jovens não passaram a semana esperando a próxima feira para ter a possibilidade de encontrar e, quem sabe, conversar com o rapaz que ocupara seus pensamentos? Dessa maneira, a feira torna-se também ponto de encontros, passando a estar envolta por sensibilidades⁷².

A primeira feira, apesar modesta, contando com apenas quatro comerciantes, além de Zé Lourenço, já chamava a atenção dos moradores das Braúnas e sítios vizinhos e ainda das autoridades interessadas no respaldo que a consolidação da promessa de campanha eleitoral daria. Neste campo de atuação, Araújo (2005, p.13) informa: “Criada a feira, chega às 5:00 horas da manhã o 1º feirante Amaro Craubeira com mercadoria própria de Baraúna, e coloca suas frutas para vender de frente a Igreja, sendo o Prefeito Eduardo de Macedo que inaugura ao comprar alguns mamões, ao senhor Amaro.”

É interessante perceber num primeiro momento, que Zé Lourenço não se colocara entre os quatro comerciantes da feira apontados pelo senhor Severino Passos, inclusive podemos notar, a partir da citação anterior, que o quarto feirante que o senhor Severino Passos havia esquecido era Amaro Craubeira. E que este ao propor a venda de mercadoria da região, acabara por contribuir com a economia local, com o agricultor local.

Zé Lourenço teve ainda grande relevância frente à consolidação da feira, que se dava justamente em frente a sua casa, isso porque além de vender seus produtos, assim como Amaro Craubeira, comprava dos agricultores da região; deste modo, muitas vezes, uma

⁷¹ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

⁷² Segundo PESAVENTO (2006, p.161) “[...] A sensibilidade se expressa como uma forma de reação dos sentidos, através de emoções e sensações [...]”

pessoa vendia uma mercadoria no seu armazém, e mais adiante ia comprar outra mercadoria junto aos feirantes no terraço. Assim, apesar das concorrências comerciais, podemos dizer que havia (in)diretamente uma rede de solidariedade entre os comerciantes.

Num segundo momento, pensar a figura do prefeito na efetivação da primeira feira, realizando inclusive a primeira compra, é notar a legitimação do lugar de autoridade, e ainda enaltecimento de pessoas ilustres perante a sociedade. Isso porque a comunidade já havia adquirido relativa importância junto ao município do qual até então fazia parte, Picuí, principalmente em termos eleitorais.

Ainda sobre a feira, Severino Passos nos convida a pensar o seu formato e organização:

Janielly: Aí já tinha as bancas de colocar [...]

Severino Passos: Não, num tinha nada, era no chão, tudo no chão, eu trouxe meu banco de feira numa carroça de boi, eu não desarrumava, só tirava aquele negócio mais maneiro, o pesado ficava lá na carroça de boi, tirava o boi da carroça e ficava lá, na. E os outros trazia, mesmo que fosse numa carroça de boi, não fez o que eu fiz, que eu fiz um caixão, um sistema de um caixão, aí ali num caia nada, o cabra só comprava pelo um lado e os outros num tinha isso, butava na feira mesmo.

Janielly: No chão?

Severino Passos: No chão mesmo.

Janielly: Vendia o que tanto, o senhor vendia o quê?

Severino Passos: Tudo, toda estiva, arroz, milho, feijão, gás, querosene, tudo de [...] Era, embrulhava, agente, era tudo em saco grande, desses de 50, 60 quilos, sabão tinha que embrulhar barra, de barra, de meia barra. Aqui, quando eu cheguei aqui, o pessoal era muito atrasado, comprava metade de meia barra. Aí eu já fazia também, já vinha de lá pronto. Café, açúcar, tudo. Fazia o pacote de quilo e de mei quilo, a não ser [...] Quando agente começou, o pessoal só comprava de quilo e mei quilo, depois foi aviciando 100 grama, 200 grama, aí comprava de todo jeito. Esse era embalado na hora. [...] Naquele papel, papel de embrulho, era o nome, papel de embrulho, de certos anos pra cá foi que apareceu a sacola, aí pronto, o plástico, aí pronto, ninguém usa mais papel não.⁷³

Como nos primeiros momentos da feira não existiam os chamados bancos de feira, havia duas opções: colocar no chão do terraço, ou improvisar um móvel que servisse como banco. A última opção é acolhida por Severino Passos, enquanto a primeira, pelos demais comerciantes. Não que mercadorias como frutas ficassem diretamente sobre o chão, mas elas estando em sacos ou outro recipiente, eram colocados junto ao chão. Ainda hoje, encontramos em algumas feiras, feirantes que colocam suas mercadorias no chão, geralmente em cima de uma lona, quando não tem a possibilidade de propor junto a um banco de feira, ou quando é mais propício à sua venda estar espalhada pelo chão. Em Baraúna, os vendedores de retalhos de tecidos utilizam este recurso na feira, ainda aos domingos.

⁷³ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

Outro ponto interessante desta narrativa é a forma como as mercadorias, principalmente alimentos, chegavam junto ao consumidor. Hoje temos a nossa disposição várias opções de embalagens, que transformam mercadorias em atrativos aos nossos olhos; que ainda necessitam de inspeção da vigilância sanitária para que a validade, armazenamento e/ou conservação estejam em ordem, de maneira a não prejudicar a saúde do consumidor. Nas décadas de 1950 e 1960, as mercadorias eram adquiridas a granel, e por isso a embalagem era feita pelo comerciante; neste âmbito o papel de embrulho era uma opção dos comerciantes e do consumidor.

Comprar em pequena quantidade, 100 ou 200 gramas, é colocado por Severino Passos, como um costume adquirido pela comunidade. Neste caso, chamamos a atenção para pensar na possibilidade de determinadas pessoas, famílias, viverem momentos de crise financeira e não terem condições de comprar uma quantidade maior. Numa sociedade basicamente rural, onde a principal fonte de renda é a agricultura, caso o ano não fosse 'bom de inverno', a crise financeira tornava-se evidente.

Com o desenvolvimento do comércio, e a intensificação das relações de sociabilidades, a feira passa a ser espaço desejado, onde as pessoas queriam se aproximar e fixar residência, por ser realizada de frente a capela durante 1959 e toda a década de 1960, um motivo a mais para os sujeitos quererem habitar os arredores deste cenário. Observemos a seguinte narrativa:

Janielly: Depois da feira o pessoal [...]

Severino Passos: Ah! Juntou-se muita gente. Todo mundo queria vim pra aqui, pra encostado a feira. Tem um caso muito importante de Zé Loreço, que eu digo que Zé Loreço ajudou muito a Baraúna. Quando criou a feira, como você fez a pergunta, todo mundo queria se aproximar. Tava um lá, por exemplo, de Nova Palmeira, aí tem notícia que a terra aqui era muito produtiva, e era dentro da terra da agricultura. Vinha fazer uma casa na rua, e arranjava um roçado, trabalhava lá. Mas num tinha, tinha a terra da santa, mas ele queria ficar encostado à feira. Eu tava lá num dia que chegou um rapaz, disse:

_ Seu Zé Loreço, me dê um chãozinho de casa, pra eu fazer uma casa.

Ele disse:

_ Nego, e porque não faz na terra da igreja?

A dele era propriedade privada.

Ele disse:

_ Não senhor, é porque eu queria fazer aqui perto da feira.

_ Vamo lá.

Naquela rua de comadre Dadá. Ali era de Zé Loreço.

_ Quantos metros você quer?

_ Tantos.

_ Faça aqui, o oitão é meu.

Ele dava logo o golpe. Chegava outro.

_ Seu Zé Loreço, me dê um chãozinho de casa pra eu fazer aqui, uma casa.

_ Porque você não faz na terra da igreja?

- _ Eu queria aqui porque é perto da feira.
 _ Vamos lá.
 Marcava, quem marcava era ele.
 _ Agora, o oitão é meu.
 _ Mas seu Zé Lourenço, eu queria fazer ali pra aproveitar o oitão.
 Ele disse:
 _ Não, aquele é meu, e esse aqui é meu também.
 Aí ficava o beco ele passava duas parede, ta hoje casa, armazém.
Janielly: O oitão era uma parte que ficava, né?
Severino Passos: Era. Você quando levanta casa num fica um oitão dum lado e outro do outro.
Janielly: Sim, entendi, fica uma parede do lado, outra do outro. Aí no caso ele podia usar para fazer uma casa ou armazém.
Severino Passos: Um fazia ali outro fazia aqui, aí ele tampava assim era outra casa.⁷⁴

Zé Lourenço foi apresentado nesta fala em duas perspectivas, como um homem que contribuiu bastante para a construção de Baraúna, e como um estrategista que soube usar do que lhe era proposto. No primeiro momento, ele aparece como a pessoa que lançou os alicerces para o povoamento do lugar que hoje vem a ser a cidade de Baraúna, ao doar terrenos para construção de casas, para as pessoas, famílias, interessadas em habitar o espaço junto à feira.

A princípio Zé Lourenço reluta em doar parte do seu terreno, justificando que tinha a terra da igreja, da santa, para a construção das casas, mas quando o interessado reluta, com a justificativa de que no terreno deste senhor é mais interessante, por estar mais próximo à feira. Zé Lourenço cede o terreno, porém, este usa de estratégia⁷⁵ para tomar posse do 'oitão', e deste modo, ter duas paredes já prontas na construção de uma futura casa ou armazém.

Ainda a partir da narrativa anterior de Severino Passos, observamos o quanto à feira contribuiu para o povoamento das Braúnas/Baraúnas, principalmente nos seus anos iniciais. Desta maneira, a história da feira está intimamente ligada à história de Baraúna, assim como a capela. Dois espaços que contribuíram também no início da década de 1960 para a elevação do povoado a categoria de distrito.

1.5 EDUCANDO GÊNEROS, PRODUZINDO UM DISTRITO

⁷⁴ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

⁷⁵ “[...] o cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder [...] pode ser isolado. [...]” (CERTEAU, 2007, p. 99)

A consolidação do povoado, enquanto Distrito de Baraúnas, ligado a Picuí, veio no momento em que a população crescente passava a perceber a importância de prédios e instituições públicas que sanassem suas necessidades cotidianas. A partir deste momento histórico, marcado junto ao caminho de construção do município, entra em cena no núcleo de povoamento prédios públicos e, mais adiante alguns aparatos da chamada modernidade, ícones não tão modernos quanto os que estavam adentrando as portas de outras cidades do estado e do país, mas que para o local se configuraram em interessantes. Vejamos o que nos informa Araújo (2005, p.14) sobre a construção oficial do Distrito:

O crescimento da comunidade passou a despertar a ambição política de seu povo. Logo o médico e deputado da região, o Senhor José Pereira da Costa, conhecido como o Dr. Pereira [...], foi alertado do desejo da comunidade em se tornar Distrito. Assim o deputado apresenta um Projeto de Lei, nº 399/61 em 12/09/1961, que foi aprovado, elevando a povoação das Braunas a categoria de Distrito do Município de Picuí que passou a ser chamada de Baraúnas. Através da Lei Estadual 2646 de 20/12/1961 [...]

Sobre a citação acima, convém fazer algumas considerações. A primeira vem no sentido de ser complicado pensar o desejo de tornar 'as Braúnas' distrito, como ambição política de seu povo. Acreditamos ser conveniente pensar como ambição política de alguns que se diziam representar esse povo. A população estava envolvida no jogo de outras necessidades. Quando o então deputado é alertado deste desejo, foi por via de poucos, e ainda quando ele resolve atender esta solicitação, entrar em cena também suas intenções junto ao eleitorado da sede do distrito e da região circunvizinha. Neste conjunto, convém acrescentar a este enunciado, outra narrativa colhida junto a uma entrevista com Severino Passos:

Bom, aconteceu isso que eu contei. Aí nós começamos a cobrar de passar a distrito, aí já era vila, a vila de Baraúnas. O deputado José Pereira da Costa, médico e deputado na época, foi bem votado aqui, aí nós, Chico de Aduato, Nilo Ataíde, cobremos dele de passar a distrito. Ele disse:

— Vou butar um projeto.

Butou o projeto, passou a distrito, pronto, Distrito de Baraúnas. Aí continuou a Baraúna a crescer. Agora, pra ela ser distrito, tinha que ter um prédio, quatro prédio público, inclusive uma delegacia e um cemitério. Roldão Zacarias era adversário do governador na época. Pedro Moreno Gondim, avô dessa mulher que foi eleita agora aqui, ou pai, parece que é pai, aí ficaram adversário político, todos dois entusiasmado, tudo entusiasmado danado, mas era uma lei, obrigatória o Estado fornecer esse dinheiro. Roldão Zacarias tem uma mulher lá em João Pessoa, disse:

— Roldão, bote um advogado Roldão, ele não vai fornecer esse dinheiro não, do jeito que ele é ruim, não vai fornecer esse dinheiro não.

Aí conversou com um rapaz em Picuí, disse:

— Bote dois, que o cabra lá é ruim.

Ele botou os dois. Ficaram mueno, mueno, liberou o dinheiro pra fazer o prédio, três prédio, o prédio policial, o posto policial, o cemitério e um postinho, o grupo, que foi no tempo de Roldão Zacarias de Macedo. Aí ele fez um postinho, o posto municipal, que é onde é hoje, parece, o conselho tutelar, perto da igreja, aí foi despachado, aí foi quando foi despachado a, a, a exigência de passar a distrito e ele liberar o dinheiro.⁷⁶

Francisco Gomes da Silva (Chico de Adaulto) e Nilo Ferreira de Vasconcelos (Nilo Ataíde) foram vereadores em Picuí. Este último também foi em Baraúna; já o primeiro não pôde ser, devido a seu falecimento, juntamente com outras pessoas, na década de 1980, num acidente de carro na entrada de Picuí, quando da ida para um comício na cidade. Com suas intenções políticas e comunitárias, estes sujeitos, juntamente com outros entraram no jogo de interesses para transformar uma vila/povoado em Distrito, com o objetivo de ter um maior reconhecimento, ao mesmo tempo, que a possibilidade de adquirir melhores condições de vida para a população.

Neste jogo de interesses, Severino Passos coloca Pedro Moreno Gondim como uma pedra no caminho à consolidação do distrito de Baraúnas por não fornecer recursos para a construção dos prédios públicos necessários a elevação do povoado a distrito de Picuí, já que Pedro Moreno Gondim era o governador da Paraíba. De 1958 a 1966 Pedro Gondim, como era mais conhecido, esteve à frente do governo do Estado, afastando-se no ano de 1960 para promoção de sua campanha eleitoral. Passou durante seus mandatos, entre outras situações, pelos movimentos das ligas camponesas e a atuação do regime militar no Brasil. Todavia, o conflito que chamou atenção da população das Braúnas foi entre ele e o então prefeito de Picuí Roldão Zacarias de Macedo.

Sanado o conflito, postas às construções dos prédios públicos, o posto médico, a delegacia, o cemitério e o grupo escolar atuaram diretamente sob o cotidiano da comunidade, no momento em que esta teria a disposição um espaço para cuidar de suas enfermidades, uma instituição constituída para gerir conflitos, um lugar para enterrar seus mortos, e um espaço para educar os vivos, as crianças que habitavam a comunidade, e sítios circunvizinhos, e aquelas que ainda iriam nascer. Neste campo de ação, optamos por nos colocar sobre a atuação do grupo escolar no Distrito de Baraúnas, no momento em que a partir dele se colocara um evento considerado importante junto à comunidade.

⁷⁶ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

Criada pelo Decreto 2084 – 12/08/60, hoje Escola Estadual de Ensino Fundamental de Baraúna, na década de 1960, Grupo Escolar Professor Muribeca⁷⁷. Esta instituição escolar veio contribuir com a comunidade a partir do momento que ajudara na educação de muitas crianças; quando antes muitas famílias não tinham condições de pagar um professor para seus filhos, com o grupo escolar o sonho de aprender a ler e a escrever tornou-se mais acessível. Neste âmbito, é ainda interessante notar que muitas crianças continuaram a margem da educação escolar, no instante em que muitos pais não deixaram seus filhos estudar pela distância e/ou pela necessidade deles trabalharem no roçado.

Uma das primeiras professoras, de acordo com Socorro de Zé Lourenço, também se chamava Socorro, Maria do Socorro Assunção. No ano de 1968, Anísia Azevedo de Farias (68 anos) também ensinou no grupo. Depois de um período de afastamento, esta última, voltou a lecionar no referido espaço até o ano de sua aposentadoria como professora pelo Estado da Paraíba.

Sobre as experiências que teve como professora no final da década de 1960 considera: “[...] na escola do Estado, num tinha carteira, num tinha quadro, era agente ditava, era um quadrinho bem pequenininho, escrevia com giz, pouca coisa, num dava tempo, pra esperar ainda que eles copiasse, tão atrasado.”⁷⁸ É interessante perceber que apesar da situação precária do ensino no grupo em termos estruturais, representava um grande avanço na época em termos de acesso a Educação. O que podemos notar a partir da fotografia destacada adiante, pela quantidade de alunos junto ao grupo escolar.

Antes de olharmos atentos para a fotografia, devemos refletir que assim como muitas memórias, esta fotografia foi danificada pela atuação do tempo. Neste caso, acreditamos que a mulher da esquerda que não vemos o rosto é Socorro de Zé Lourenço, por informação gerada por ela mesma a partir do depoimento/entrevista concedida. Para sanar nossa curiosidade sobre como era o rosto de Dona Socorro de Zé Lourenço a época, possibilitamos a apreciação de outra fotografia de época da referida senhora.

⁷⁷ “[...] Começou como Professor Muribeca. Eu fui atrás dessa história, deu trabalho. Mas houve um professor Muribeca pelo sítio das trincheira, por ali, trincheira não, Manuel de Jacinto que era mais conhecido, aí foi dois alunos daqui estudar lá, parece que era Felipe e João Ferino de Oliveira, era os dois homens mais que tinha, aí foi a razão de dá o nome do grupo de Professor Murimbeca. [...]” Entrevista realizada com Severino Passos em 03 de Setembro de 2011.

⁷⁸ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

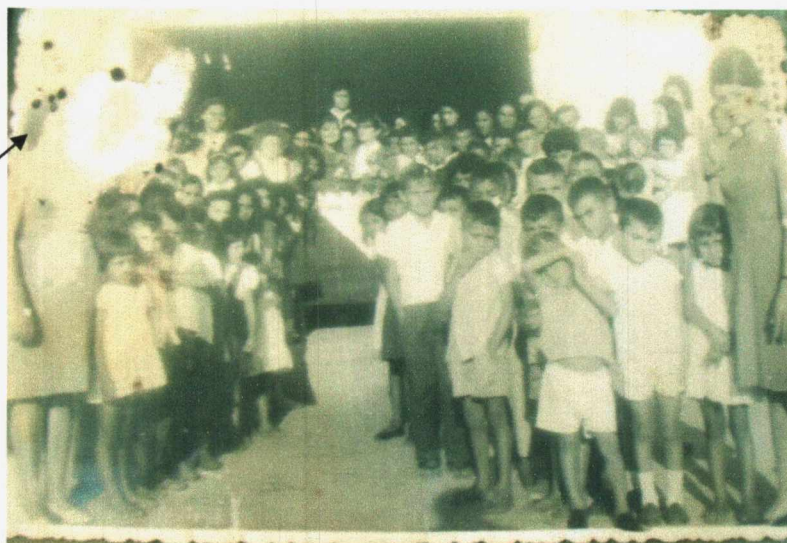


Imagem 9: Socorro de Zé Lourenço. Imagem 10: Socorro de Zé Lourenço, Maria do Socorro Assunção (professora) e os alunos em frente ao grupo escolar Professor Muribeca.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968)

É interessante ainda, observarmos na fotografia que tanto Socorro de Zé Lourenço, quando a professora, associam suas figuras a de mãe, ao estarem do lado dos alunos, em posição que remete a proteção dos filhos; o que nos possibilita pensar em uma marca de gênero da sociedade barauense na temporalidade em questão.

No momento que o grupo escolar receber o nome de um professor, gênero masculino, e a maioria dos docentes que ocuparam este espaço, na década de 1960, consolidara-se em figuras femininas, observamos a conquista do magistério pela mulher, processo que já havia se iniciado no século XIX.

Antes os homens ocupavam posição privilegiada na construção da educação formal, já que o destino natural da mulher era a casa, agora há um remodelamento desta profissão, as mulheres ganharam espaço, principalmente pela associação do magistério as características femininas propostas pela sociedade. Assim, Louro (2004, p.451) salienta que “O magistério era visto como uma extensão da maternidade, o destino primordial da mulher. Cada aluno ou aluna era representado como um filho ou filha espiritual e a docência como uma atividade de amor e doação à qual acorreriam aquelas jovens que tivessem vocação.”

Vocação que deveria ser expressada no cotidiano do funcionamento do Grupo Escolar. De tal modo, convém notar que além das redes de sociabilidades e solidariedades estabelecidas entre os sujeitos que atuavam neste espaço, havia um tempo reservado para lições de civismo e patriotismo, que iam do decorar a história do Brasil, com seus heróis a cantar o hino nacional. Do final do mês de agosto para o início de setembro, esse tempo era

aumentado, porque além da história da Independência, o hino desse acontecimento deveria ser entoado com fervor.

Do lema dos '50 anos em 5' com Juscelino Kubitschek a ditadura militar a partir de 1964, ressaltar o Brasil, sua história, era requisito básico junto as instituições escolares. Nesta perspectiva, os desfiles de 7 de setembro ganharam fôlego novo durante a ditadura, seja por patriotismo ou por obrigação. A necessidade de realização da parada da pátria era essencial. No caso do Distrito de Baraúnas não foi diferente, como podemos observar pelas fotografias que se seguem:



Na primeira fotografia, da esquerda para direita, temos as balizas que abriram o desfile de 7 de setembro em Baraúnas em 1966. (Imagem 11)
Na segunda fotografia temos o mesmo desfile, na sua parada de frente ao Grupo Escolar. (Imagem 12)
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), 1966.

Estas fotografias ajudam-nos a pensar o desfile de 7 de setembro como uma prática que tinha respaldo junto a comunidade. Na primeira fotografia observamos duas meninas que abriram o desfile de 1966; sendo elas filhas de Dona Socorro e Zé Lourenço, o evento possibilita percebermos a importância deste casal junto à sociedade baraunense.

Já na segunda fotografia, podemos notar o quanto este desfile era acolhido pela comunidade pela quantidade de pessoas que estavam a observá-lo. Pais, irmãos, tios, avós, amigos aguardavam com expectativas seus pequenos desfilarem e mostrar que aprenderam a lição ao cantar o hino do Brasil e da Independência. Autoridades do Distrito e de Picuí

vinham também perambular pelo desfile, de forma a mostrar seu respeito pelo espaço e assim manter seu prestígio.

Como esta segunda imagem, coloca-se pelo ângulo de um fotógrafo que está na frente do Grupo Escolar, mais especificamente do lado esquerdo, possibilita-nos percebermos ao fundo um grupo de casas que compunham uma avenida. Como estas casas localizavam-se próximas à instituição escolar, este espaço passa a ser atrativo para construção de moradias, e atua no povoamento do Distrito. Não mais somente a capela e a Igreja colocavam-se como atrativas aos olhos dos pretendentes a moradores do lugar.

No caso de comemorações cívicas, como o desfile de 7 de setembro, os arredores do grupo também podiam ser marcados pelas conversas entre os amigos e familiares; pelas trocas de olhares entre moças e rapazes, candidatos e candidatas ao compromisso do namoro; e ainda pela felicidade de crianças que se colocavam como espetáculo do desfile.

Meninas à moda das bailarinas colocando-se como balizas, outras usando saias de pregas azul-marinho engomadas com ferro a brasa, camisa e meias brancas e sapatos pretos. No caso dos meninos, a camisa e meias brancas, assim como os sapatos pretos continuavam, contudo, ao invés da saia, a calça curta, e em alguns casos o suspensório. Na imagem abaixo podemos observar a vestimenta de meninos de optaram pelo uso da calça curta e do suspensório, além da camisa de manga comprida. Opção que não era deles, mas de sua mãe que mandava fazer, ou mesmo costurava com seus próprios punhos.



Imagem 13: Meninos posando para foto com suas calças curtas e suspensórios.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Amélia Araújo Dantas (Socorro de Zé Lourenço), (1956-1968)

Neste conjunto, o desfile da pátria e o espaço do Grupo Escolar Professor Muribeca colocaram-se como campo de produção de sociabilidades e sensibilidades. Partindo desta perspectiva, foi em meio às lutas políticas, jogo de interesses, sociabilidades e sensibilidades que o povoado das “Braúnas” tornou-se Distrito de Baraúnas. Vale acrescentar que, no final da década de 1960, ainda viria se juntar aos prédios públicos já elencados, o mercado público, que além de servir como reduto das sociabilidades da feira, viria a servir como reduto de festas, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980. Nessa perspectiva, o distrito de Baraúnas passa cada vez mais a acolher um número maior de moradores, bem como de visitantes advindos das regiões circunvizinhas.

Outro momento interessante da formação do distrito na década de 1960 e que convém ser pensado aqui não diz respeito a nenhum prédio público, mas serviu para iluminar, literalmente, os baraunenses, a chegada da luz. Como nos comunica Severino Passos: “A primeira luz era um motor velho a óleo diesel, foi de Picuí. Quando chegou Paulo Afonso em Picuí, ele já não podia mais com o peso, que a cidade foi crescendo.”⁷⁹

Em 1966 a energia elétrica chega à Picuí e o gerador com potência de 33 kVA, marca DEMTZ⁸⁰, que não tivera mais serventia naquele espaço, iria arranjar outro para ser o centro das atenções, o Distrito de Baraúnas. Sobre este motor Araújo (2005, p.15) informa:

[...] este motor foi instalado na delegacia. Como não havia poste, a fiação era puxada por ferros colocados em frente das residências como ainda existem vestígios na antiga casa de José Galdino [...] funcionando da seguinte maneira: acendia as 6:00 horas da tarde, às 10:30 dava sinal que ia apagar e com meia hora desligava. Para ligar, o motor enrolava-se uma corda no manivelo, e entre 8 e 10 pessoas puxava, sendo que algumas vezes a corda se partia e os homens caíam uns sobre os outros, era a maior algazarra. [...]

Nesta narrativa, podemos perceber que são nas sociabilidades cotidianas que os sujeitos acabam por estabelecer redes de solidariedade cultural, que se propõem, neste caso, no momento em que os homens da comunidade vão durante anos a fio, todos os dias, estabelecerem uma atividade em conjunto. Atividade permeada por conversas, gestos, emoções.

As sociabilidades construídas durante o esperar para ligar o motor na delegacia, ou nos seus arredores, nos propõem a possibilidade de consolidação do Distrito como um espaço

⁷⁹ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

⁸⁰ Ver PAES, Marcelo Renato de Cerqueira. **Do Azeite de Mamona à Eletricidade – Anotações para uma História da Energia Elétrica na Paraíba**. 2ª ed. Editora Rivaissa: João Pessoa, Paraíba, 1994. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000114.pdf. Consulta em 24 de Agosto de 2011. p. 84.

construído pelas mãos de seus moradores, um possível de habitação das memórias daqueles sujeitos. Neste conjunto, Velloso (2004, p.193) nos atenta para que, “Percepções e sensibilidades sociais emergem das múltiplas redes de sociabilidade cotidiana, revelando-se aspectos inusitados ou pelo menos, até então, pouco identificáveis na sua historicidade.”

Diante das sociabilidades cotidianas junto à capela, a feira, e ao grupo escolar, além de outros lugares, o espaço das Braúnas/Baraúnas construiu-se historicamente nas décadas de 1950 e 1960. É razão de Severino Passos dizer: “tem esse nome as Braúnas, Distrito de Baraúnas e Baraúna⁸¹, por isso digo, ela tem três nomes.”⁸²

1.6 PARA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DAS FLORES DA CRAIBEIRA⁸³

Além destes três nomes, outro fez parte do cotidiano e da memória de sujeitos que se relacionavam com o espaço estudado, Craibeira, para alguns Caibeira ou Caubeira. Esta discussão chega-nos ainda através de Severino Passos:

Naquela casa velha lá embaixo, que até existe uma dúvida, era as Braúna de Chico Italiano e a Caibeira de Felipe. Eles pensa que é uma só, eu digo não, era duas fazenda. As Braúna de Chico Italiano e a Caibeira de Felipe. As Braúna de Chico Italiano eu já lhe contei, e a Caibeira de Felipe, como eles chamavam. Na lagoa tinha uma craubeira, assim na barreira, criação da natureza, vinha pé de vento de toda qualidade, e ela dependurada não caía, aí no governo de Basto Cazuzza foram olhar lá, aí Basto Cazuzza disse:

_ Felipe.

Era no tempo de flor, era muita flor caindo na água.

_ Felipe, mande cortar essa caibeira aí, essa caibeira só tá servindo pra desgraçar a água, e desmanche essa cerca de pedra.

Era uma cerca de pedra.

_ Isso aqui só serve pra juntar cobra e lagartixa cagá. (risos)

[...]

⁸¹ Em novembro de 1993 se realiza um plebiscito com resultado favorável ao desmembramento do município de Picuí. A emancipação política, contudo só ocorre oficialmente em 29 de abril de 1994, juntamente com outros municípios, a exemplo de Sossego, território circunvizinho. Em 1996 são eleitos prefeito e vereadores para compor o quadro do executivo e do legislativo junto ao recém nascido município. No ano de 1997, depois de tomada a posse dos respectivos representante do município, em uma das seções que se seguiu, foi aprovada o projeto de lei, no qual a cidade de Baraúnas perdia o *s* e tornara-se Baraúna. Alguns dizem que isso ocorreu porque como a árvore estava em processo de extinção na região não havia motivo de chamar a cidade de Baraúnas. Outros dizem que foi simplesmente porque o então prefeito Severino Pereira Gomes quis, e bateu o martelo. Até o momento não se sabe ao certo o(s) motivo(s), se é que ele(s) existe(m), da mudança de nomenclatura. Mudança não aceita, num primeiro momento, no cotidiano das pessoas, que continuaram a falar e escrever Baraúnas, e que ainda se vê escrita hoje em correspondências, em placas de automóveis, por exemplo.

⁸² Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

⁸³ Subtítulo inspirado no nome da música de Geraldo Vandré, “Pra não dizer que não falei das flores”, contudo adquirindo aqui sentido diferente.

Duas fazendas, Chico Italiano nas Braúna, e Felipe Rodrigues de Lima na Caibeira, como era conhecido, era caibeira como o pessoal chamava.⁸⁴

Em sentido contrário ao da fazenda de Chico Italiano, que depois passa a ser de Zé Lourenço, existe a Fazenda de Felipe Rodrigues de Lima, que pela vegetação regrada por *Tabebuia caraiba*, mais conhecida nesta região como craibeira e/ou caraibeira, passa a ser denominada popularmente como Craibeira, passando a concorrer em termos espaciais com a nomenclatura Braúnas. A lagoa situada mais frente da casa de residência do senhor Felipe Rodrigues de Lima, também acolhia as craibeiras/caraibeiras, por isso até hoje recebe o nome de Lagoa da Caraibeira.

Nas fotografias que seguem, podemos visualizar uma craibeira em estágio de floração, localizada ao lado da casa onde morou Felipe Rodrigues de Lima, que até este momento não tinha sido rebocada. A fotografia ao lado, nos mostra a Lagoa da Caraibeira, situada nas décadas de 1950 e 1960 nas terras do senhor Felipe Rodrigues de Lima.



Imagem 14: Foto de uma craibeira, em estágio de floração, ao lado da casa de Felipe Rodrigues de Lima.
Fonte: DANTAS, Lourani Celeste de Medeiros, 2009.



Imagem 15: Foto da Lagoa da Caraibeira.
Fonte: Fotografo: SANTOS, Janielly Souza dos, 2012.

As duas fazendas, hoje unidas pela cidade de Baraúna, representavam figuras importantes na construção histórica do espaço em questão. Mas por que permaneceu o nome Baraúna, sendo o nome Craibeira deixado de lado, para não dizer, esquecido por muitos? A resposta chega a partir das discussões tratadas ao longo deste capítulo. O núcleo de povoamento e estabelecimento de rede de sociabilidades e solidariedades foi construído a

⁸⁴ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

partir da igreja, da feira e do grupo escolar, todos estes estavam localizados no espaço da Fazenda das Braúnas, por isso este nome era comumente utilizado no cotidiano das pessoas que habitavam este espaço, desta maneira as afetividades propostas com este nome foram mais fortes do que com Craibeira.

O bailado da história envolve emoções entre os sujeitos. Sensibilidades que nos chegam pelas narrativas de memórias, que nos ajudam a construir uma leitura sensível do vivido. As reflexões de situações do cotidiano que nos chegam por essas leituras no possibilitam pensar a história como parte integrante da nossa vida, e nós como frutos dessa história. Que este primeiro baile tenha atuado junto às sensibilidades, fazendo-nos perceber que fazemos a história, ao mesmo tempo, que somos marcados por ela.

2º BAILE:**“SE AQUELE TERRAÇO FALASSE”: SENSIBILIDADES E IDENTIDADES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS DO ESPAÇO EM FESTA**

Já ouvi por vezes pessoas dizerem ‘se aquelas paredes falassem’. Pois bem, não digo aqui que paredes vão falar, mas um terraço. Pelas vozes que ecoam a partir de narrativas de memórias, um espaço habitado, que não possuía paredes, vai falar, e nos encantar com sensibilidades historicamente construídas, de um tempo ausente que se torna presente pela narração do jogo da convivência social e cultural no espaço em festa.

Diante das relações estabelecidas entre as pessoas que transitavam na bodega e residência do senhor José Lourenço e na capelinha ainda erguida e em atividade, na década de 1950 se criou condições/necessidades de construção de um terraço, ao lado direito da capela, em frente à casa de Zé Lourenço. Terraço que seria palco para realização de eventos que acabariam por promover redes de sociabilidades e afetividades entre a povoação que estava nascendo, e entre os habitantes das regiões circunvizinhas. Terraço que se configuraria, pelos caminhos percorridos pelos gêneros, em espaço de festa. Neste sentido, é interessante pensar, num primeiro momento, no conceito de festa, e como este será utilizado/discutido no decorrer da construção do presente texto. Com Guarinello (2001, p.969) percebemos a dificuldade de produção de um conceito para este termo:

[...] Sabemos todos, aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia-a-dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não, uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns, pode não ser para outros. [...]

Por mais que alguns eventos, que vamos analisar ao longo deste capítulo, não recebessem a nomenclatura de festa, para muitas pessoas que experimentaram estas redes de lazer e sociabilidades, estabelecidas em meio ao cotidiano, aqueles eventos construíram-se enquanto festas que vieram a fazer parte de suas memórias. Memórias produzidas a partir das práticas do lugar, que transformou o terraço em espaço de festas. Festas que construíram sensibilidades nas histórias amorosas e no convívio social, que puderam ser experimentadas publicamente de acordo com os códigos culturais propostos, ou ainda de maneira fugidia, em escapadas disfarçadas.

Nisto, em meio às experiências do vivido produzidas no terraço em festa, uma expressão de Otilia Mariano convida-nos a pensar este capítulo: “Se aquele terraço falasse.”⁸⁵. Pois bem, este terraço começa a falar. A falar dos eventos realizados em sua configuração espacial nas décadas de 1950 e 1960, dentre os quais podemos citar e trabalhar daqui por diante, novenas, festas da padroeira, festas da colheita, festas de casamentos, boi de reis, exibições de cinema, e inclusive o chamado ‘pano de roda’. São as práticas deste espaço, os relacionamentos entre os gêneros, as identidades produzidas, que nos propomos a pensar nas linhas que se seguem.

Nestes termos, a partir do instante que trabalhamos os eventos realizados no terraço enquanto festas, vale pensar com Guarinello (2001, p.972), quando nos propõe que pensemos as seguintes questões: As festas são preparadas, planejadas, custeadas, montadas segundo regras peculiares de cada sociedade, assim efetivadas no interior da própria vida cotidiana; a sua efetivação envolve a participação de um determinado coletivo, com o objetivo de consumi-las; estas aparecem como uma interrupção, uma pausa no tempo social das atividades diárias, que envolve afetos por parte de seus participantes; elas articulam-se em torno de um objeto focal que funcione como pólo de agregação dos participantes que pode ser circunstancial ou permanente; por fim, as festas como produções sociais que geram em seus participantes sentidos do ser e do estar em sociedade, atuam na construção de identidades. “A festa é, num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidades no tempo e no espaço social.” (GUARINELLO, 2001, p.924)

2.1 DAS NOVENAS COM BALÕES ÀS GARÇONETES DA PADROEIRA

Depois de uma semana trabalhando no roçado, na casa, no comércio, nada melhor para estas pessoas do que juntar-se a outros sujeitos, e promoverem seus afetos religiosos na missa ou na novena, algumas vezes no final ainda ganhado um aperitivo de redes de sociabilidades profanas. Fora do espaço sagrado, no terraço, podia-se paquerar, namorar, colocar as fofocas em dia, seja ao lado da fogueira de flores do derradeiro de maio, ou junto a outros eventos acoplados a novena.

⁸⁵ Entrevista realizada em 09 de Julho de 2011.

Assim, para além das novenas do mês de maio, que tem seu ápice no último dia do mês, outra aguçava a curiosidade da população, e o desejo de se fazer presente quando anunciada, que se colocara também fora da capela após o término das orações, era a que envolvia o soltar balões. O senhor Severino Passos narra como foi a primeira que aconteceu aqui, no espaço das Braúnas,

Severino Passos: [...] Que Baraúna deve muito, muito mesmo a Zé Lourenço. Porque aí tinha a capelinha bem pequeninha que foi do tempo de Chico Italiano. Zé Lourenço chegou, fez um terraço, onde foi também a primeira feira e ali praticava todo tipo de festa, inclusive, anunciou que ia haver uma novena com queima de balão, vixe Maria! Só ficou em casa mulhé de resguardo, porque o resguardo naquele tempo era trinta dia, o resguardo era trinta dia, aí num podia í, né. Eu vim também, vei muita gente, o pessoal era pouco, mas o pouco que tinha vei todo. Porque custaram a acreditar como era um saco de papel, butar uma vela dentro e acender e num queimar, foi essa a razão de vim muita gente, quer dizer, foi o primeiro balão que foi soltado dentro de Baraúna.

Janielly: Mas soltava pra ele voar [...]

Severino Passos: Soltava, ele vuava, ia caí [...] uns cinco, não [...] teve um que caiu, o mais perto, com uns quatro quilometro, mas era uns cinco quilometro, lá no Seridó. Isso daí foi um sucesso, eu tava nesse dia, eu morava pertim [...] ⁸⁶

É interessante pensar junto a esta fala um código comportamental da sociedade, nas décadas de 1950 e 1960, em relação à mulher, o resguardo. Severino Passos informa que eram trinta dias o resguardo após a chegada do bebê, isto porque pelo costume dá época à mulher passava os quinze primeiros dias tomando banho morno da cabeça pra baixo, no décimo quinto dia lavava a cabeça com água morna, e com mais quinze dias é que ela tomava banho e lavava a cabeça com água fria, assim encerrado o período de resguardo. Para as mais cautelosas este período somente era encerrado no décimo dia subsequente ao banho frio.

Durante o período de quarenta dias pós-parto, a mulher permaneceria dentro de casa, e neste período eram proibidas de ter relações sexuais. Acreditavam que caso quebrassem o resguardo, o fluxo sanguíneo subiria a cabeça, provocando dores na cabeça constantes, além de ficar doente e nervosa para o resto da vida. Portanto, no período de resguardo as mulheres tinham regras e normas que deveriam ser guardadas, respeitadas, e caso viessem a quebrá-las criariam uma predisposição a doenças ao longo de sua vida.

Voltando a falar sobre novenas, é interessante perceber, que a realização das novenas com soltura de balões remete as festas juninas, período iniciado na região com a fogueira de Santo Antônio, produzida na véspera, dia 12 de junho, dia em que também comemora-se o dia dos namorados, e finalizado dia 29 de junho, dia reservado a homenagem de São Pedro. Estas

⁸⁶ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

novenas também poderiam acontecer em outras datas comemorativas e/ou considerados santificados, de acordo com o interesse da comunidade.

Neste sentido, é importante registrar que tais novenas também se faziam junto à festa da padroeira. Se hoje, os dias reservados a Nossa Senhora do Desterro, na festa sagrada em sua homenagem, contam com missas celebradas por padres de cidades circunvizinhas, nas décadas de 1950 e 1960 isto não era comum. Deste modo, na maior parte do período reservado a santa, na sua festa religiosa, ao invés da missa eram realizadas novenas. No final da década de 1950 e na década de 1960, existiam casais responsáveis pela organização, das novenas da festa da padroeira, principalmente no que concerne a arcar com as despesas da noite, tornando a celebração mais atrativa aos olhos dos participantes.

A compra de velas para iluminar a capela, fogos para soltar em homenagem a santa, a confecção e organização da soltura de balões; assim como, em algumas novenas, lanternas feitas com papel de seda colorido e velas para iluminar e colorir o terraço que se transformava em espaço do sagrado durante a novena era uma produção realizada por casais da sociedade, e “cada um que queria fazer mais bonito”⁸⁷. Isso se colocava com maior veemência, quando para além dos interesses religiosos e sociais, estavam os políticos, pois era um momento ideal para os vereadores e representantes políticos da comunidade colocarem-se como patrocinadores do espetáculo. Neste caso, as figuras masculinas eram privilegiadas, tornavam-se os provedores do evento.

Nesta perspectiva, Santos e Santiago (2008, p.155) chama-nos a atenção para que percebamos “a celebração da padroeira deve ser vista como a auto-representação de um grupo, uma expressão que busca reforçar a identidade e, ao mesmo tempo, delimitar territorialidades.” Territorialidades de devoção a santa protetora, mas também territorialidades simbólicas de devoção àqueles que podiam economicamente promover o espetáculo, e o faziam, atuando ainda junto à produção de identidades dos participantes do(s) evento(s). Figuras masculinas atuavam como representantes da sociedade junto à festa da padroeira, afirmando a identidade de provedor da família para o homem, e também responsável financeiro pela manutenção do espaço sagrado, a Igreja.

O que envolve ainda territorialidades de gêneros. É que o masculino ao assumir a posição de base de sustentação da sociedade, seja ela financeira ou não, coloca a mulher em posição inferior a sua. O gênero feminino, neste campo de ação, deveria adotar a sua

⁸⁷ Entrevista realizada com Otilia Mariano da Silva Souza em 09 de Julho de 2011.

condição, e ainda se colocar como admiradoras destes pais fundadores e mantenedores do espaço social, favorecendo a manutenção desse poder.

Diante disso, se partirmos do princípio que “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade [...]” (BOURDIEU, 1989, p.8), o masculino se coloca com um poder simbólico perante a sociedade e as figuras femininas, que assumem essa cumplicidade, não naturalmente, mas historicamente, pelas produções sociais e culturais construídas ao longo do tempo. O senhor Zé Lourenço foi um dos sujeitos que soube fazer-se símbolo de devoto, de provedor, constituindo-se junto aos demais como símbolo de Baraúna. É o que nos afirma o senhor Severino Passos e a senhora Socorro de Zé Lourenço:

Severino Passos: Então eu acho que Zé Lourenço, a Baraúna em peso deve tudo a Zé Lourenço. Porque o que existe hoje, nasceu no dia, na, na década de 1950.⁸⁸

Socorro: [...] Zé Lourenço foi morar em 52. Aí ele era muito festeiro gostava de fazer festa. Foi ele quem, fazer como a história, botou Baraúna pra frente. O povo acha que não, mas foi ele mesmo.⁸⁹

Além de Zé Lourenço, podemos acrescentar dois nomes a partir da década de 60, que viriam a tornar-se ícones da política local, Nilo Ataíde e Chico de Adauto. Como podemos observar, figuras masculinas e paternalistas, que atuaram junto às memórias das pessoas que viveram no espaço das Braúnas. Esta condição de provedor do evento por parte do masculino, não se aplica somente as manifestações religiosas, mas aos momentos considerados profanos da festa. Cabia ao homem pagar pelo divertimento, e quando fosse o caso, pela bebida.

Nas festas da padroeira, assim como outras festas regidas pelo tocador do fole de oito ou doze baixos, concertina e/ou sanfona, os homens pagavam a cota⁹⁰. Era uma atribuição masculina, que se colocara pelos códigos sociais da época, e que através de narrativas de memórias percebemos a construção de uma identidade social e cultural para a figura masculina junto às festas. Consideremos a fala do senhor José Galdino dos Santos, exímio admirador dos espaços em festa, principalmente daqueles ligados aos sons dos foles ou sanfonas:

⁸⁸ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

⁸⁹ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

⁹⁰ Era como chamavam a quantia em dinheiro paga pelos homens ao mestre-sala, e/ou organizador da festa (fórró, bale ou samba), destinada a pagar o tocador e/ou sanfoneiro.

Não, só pagava os zome, mulé não. Mulé vei pagá festa aqui quisso é muito errado, viu. Olhe é muito errado esse negócio de numa festa... eu quero vê qual é a festa que funciona sem tê mulher. Num tem não, prué inté mesmo uma currida de gado só vai si tiver mulher, né não?⁹¹

A partir desta narrativa, podemos notar que este senhor negocia os usos das temporalidades a partir de um lugar socialmente estabelecido. Ele, na sua fala, produz uma comparação de temporalidades distintas a partir de seu lugar hierárquico de provedor do divertimento. Deste modo, é importante refletir que nos usos das narrativas de memória há confluência de temporalidades diferentes, o que também possibilita refletirmos que identidades foram construídas nesta sociedade ao longo das décadas de 1950 e 1960, que ainda estão presentes junto às sensibilidades de seus narradores.

Neste campo de ação, as identidades, segundo Hall (2000, p.109) “[...] têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos.” O senhor José Galdino não nasceu com uma concepção inerente a ele, pela qual este deveria ser o provedor das festas no pagamento da cota, mas ao longo de sua história em meio a uma sociedade com códigos culturais e de linguagens, tornou-se este homem paternalista, responsável pelo provimento não somente seu, mas da mulher. Podemos dizer que foi uma identidade construída ao longo de sua vida, que se naturalizou aos seus olhos, pois no momento que ele faz uma comparação com os dias atuais, acredita ser errado à mulher pagar pelo divertimento.

Na fala do senhor José Galdino, outra colocação chama a atenção, no instante em que ele diz “qual é a festa que funciona sem tê mulher”. Nisto podemos notar a categoria relacional dos gêneros no espaço em festa, no momento que percebemos que um gênero, o masculino, deseja ocupar o espaço festivo interessado na presença do oposto. Desta forma, tanto o masculino quanto o feminino elabora a si na e através da produção do outro.

Seguindo o caminho da fala do senhor José Galdino, para os homens a figura feminina colocava-se como importante na festa, sobretudo pelo desejo da relação entre os corpos⁹² durante o dançar e da expectativa do namoro, já que neste espaço havia a possibilidade de um momento privilegiado para o contato físico entre os gêneros, entre os corpos masculinos e femininos, ao contrário do que ocorria no dia-a-dia da convivência social.

⁹¹ Entrevista realizada em 15 de Outubro de 2007.

⁹² “A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. [...] Por essa razão, podemos pensar no corpo como algo que se produz historicamente [...]” (GOELLNER, 2007, p.39)

No caso das festas da padroeira, algumas moças destacavam-se ainda por outro motivo. Era comum no dia-a-dia do universo feminino servir ao homem. Na festa da padroeira não era diferente, contudo, algumas delas se destacavam aos olhos do público nesta atividade, era o caso das garçonetes. Observemos a fotografia abaixo, e em seguida a descrição dela feita por Socorro de Zé Lourenço:



Imagem 16: Foto do desfile das garçonetes no terraço na Festa da Padroeira Nossa Senhora do Desterro.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro.

Socorro: Num era a festa da padroeira. Tinha as garçonete, nas festas tinha as garçonete. Quando era pra começar o pavilhão, quando terminava a novena, aí tinha as garçonete, né. Cada qual ia com um padrinho, uma paraninfo como se diz. Se fosse doze garçonete era doze padrim, aí ia desfilando até o pavilhão, quando chegava no pavilhão, no bufê do pavilhão, aí elas de distribuíam cada qual ia fazer, atender a, o pessoal né.

Janielly: Eram elas que serviam?

Socorro: Elas que serviam. Tudo fardada, era tudo fardada. [...] Tinha valsa e tudo das garçonetes.⁹³

Para a moça, ser garçonete tinha um significado especial, pois ela se apresentava a sociedade enquanto modelo ideal de futura esposa a ser desejada para efetivação de um namoro, e quem sabe um casamento. No caso daquela que estivera apresentando-se durante o desfile, tendo como padrinho ou paraninfo seu namorado, ainda estava presente a finalidade de mostrar para a sociedade a constituição de um casal respeitado.

⁹³ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

Além do desfile, a valsa servia de prêmio às moças que eram garçonetes. Para algumas delas, mais do que mostrar-se para os candidatos a futuros namorados, ainda tinham o gostinho de vitória perante as outras moças, que as observavam, algumas vezes, com olhar de inveja, do querer estar no lugar delas, tomar o lugar do outro.

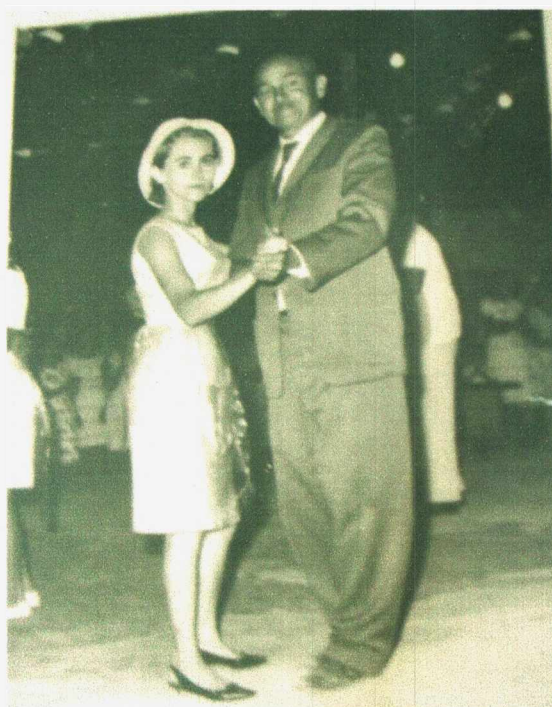


Imagem 17: Foto do senhor Zé Lourenço dançando a valsa com uma garçonete.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro.

Nessa fotografia⁹⁴, onde Zé Lourenço dança a valsa com uma garçonete, podemos perceber ao fundo muitas moças e/ou mulheres casadas a observar o momento do bailar das garçonetes. O desejo de trocar de lugar com estas garçonetes ainda podia vir, na medida que, algumas delas tinham como padrinho uma pessoa importante da sociedade, o prestígio de quem estivesse com esta pessoa era ressaltado, ainda podendo ser motivo de comentários naquela noite e por dias que se seguiam. Dançar, ou ter como padrinho, homens considerados influentes na sociedade era ter os olhos desta voltado para si.

Na imagem 16, fotografia onde as garçonetes estão a desfilar com seus padrinhos, podemos ver ao fundo, do lado esquerdo, uma mesa com bebidas. Servir estas bebidas era a

⁹⁴ Devido a observação de que há nesta fotografia pontos luminosos, como que lâmpadas a iluminar o terraço preparado para este evento, acreditamos que esta festa da padroeira seja entre os anos de 1966 e 1968, já que 66 foi o ano que chegou o motor para iluminar as Braúnas, e 68 foi o ano que Dona Socorro e seu Zé Lourenço foram morar em Picuí, e Dona Socorro afirmou em entrevista que estas fotografias foram da época que ela residia em Baraúna (nas Braúnas).

responsabilidade dada às garçonetes após o desfile e a valsa. Neste âmbito, é interessante perceber que estas garçonetes não serviam somente aos homens, mas também as mulheres que estivessem junto a estes na mesa bebendo, já que segundo o senhor José Galdino algumas delas “bibia que fazia gosto”⁹⁵.

Ainda sobre as bebidas acompanhemos a seguinte narrativa:

Janielly: Quem vendia bebida, era lá em seu Zé Lourenço?

Severino Passos: Qualquer um vendia, Zé Lourenço era o carro chefe com o armazém, aí vendia o botequim. Vamos supor, o cabra comprava três grades de bebida, isso era vim, conhaque, São João da Barra, Alcatrão, a cerveja, num se falava em cerveja não. Então, vamos supor, ele compra duas caixa de vim, só vendeu uma, Zé Lourenço recebia. Como ainda hoje é assim, o cabra tira um botequim, num vende todo, aí o vendedor recebe a bóia, como se chamava, inda hoje se chama bóia.

Janielly: Aí colocava uma barraca pra vender?

Severino Passos: Era barraca. Uma baquinha, era. Do lado da igreja.⁹⁶

A venda de bebidas citada na narrativa de Severino Passos faz refletirmos que além dos aspectos religiosos, políticos, culturais, as festas realizadas no terraço, e nesse caso a da padroeira, possuíam ainda relações com o econômico. Havia a oportunidade de mais de uma pessoa lucrar com venda de bebidas, fazendo um botequim improvisado para aquela noite. A possibilidade de geração de renda por parte de algumas pessoas da comunidade, que estivessem interessadas, podia ser notada, neste caso, figuras masculinas. Todavia, é importante perceber que a pessoa que tinha um maior lucro, em termos financeiros, no evento era Zé Lourenço, pois ele quem fornecia em atacado os produtos para montagem do botequim, possibilitando a venda a varejo dos interessados neste negócio.

Diante da visualização da imagem 17, fotografia da valsa, observamos que há enfeites no terraço, bandeirolas mais precisamente, o que faz necessário frisar que apesar dos enfeites que hoje são considerados do período junino, a festa da padroeira de Nossa Senhora do Desterro em Baraúna não acontecia no mês de junho, mas em dezembro. Outro ponto que deve ser observado é que o mês oficial de comemoração desta santa é fevereiro. Dia 16 é o dia reservado a esta santa de devoção de Baraúna.

Mas o que levou a comunidade a preparar a festa da padroeira em dezembro? Segundo depoimentos realizados, como no calendário cristão das décadas de 1950 e 1960, os ciclos principais de comemoração durante o ano, para a comunidade católica baraunense, seriam a

⁹⁵ Entrevista realizada em 15 de Outubro de 2007.

⁹⁶ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

Semana Santa, as festas juninas e o ciclo natalino. Como na Semana Santa, segundo os preceitos religiosos, não se podia fazer a festa dita profana, e as festas juninas eram uma comemoração a parte, inclusive com a Festa da Colheita (da Rainha), o período natalino, ou dias que o antecediam, foram os escolhidos para abarcar as comemorações da padroeira das Braúnas/Baraúnas. Até porque o período natalino era o momento do ano em que familiares e amigos reuniam-se com maior ênfase, pessoas que moravam em outras localidades vinham visitar seus familiares e aproveitar as festividades da padroeira.

Neste conjunto, convém refletir com Reis (2011, p.8):

[...] A sociedade constrói “representações” da sua presença no mundo e as inculca nos indivíduos, tornando-se neles um *habitus*, estruturando a sua visão de si mesmos, dos outros e da história. Toda sociedade é governada por um “regime de historicidade”, por um discurso sobre o tempo que dá sentido e localização aos seus membros. Estas “ordens do tempo” são criações, narrativas de si de uma sociedade, mas, depois de criadas, tornam-se o próprio real [...]

A Festa de Nossa Senhora do Desterro foi comemorada em dezembro até o ano de 2010, o que possibilita pensar que o hábito construiu uma narrativa do real. Durante décadas, poucos fiéis souberam que o mês oficial de prestar homenagem a santa era fevereiro e não dezembro. O tempo deu sentido a esta construção social, que se rompeu a pouco, causando ainda, confusão nas mentes dos baraunenses devotos de Nossa Senhora do Desterro. A mentalidade dos sujeitos, construídos historicamente, não muda ‘de um dia para a noite’.

O terraço anunciado até aqui pelas novenas e festas da padroeira que ocorriam em sua estrutura física, foi palco de muitos eventos e festas ligadas a religião, ou não. Neste sentido, a expressão “se aquele terraço falasse”, remete-nos as práticas do espaço que foram produzidas no desenrolar dos relacionamentos entre os gêneros em meio à construção da história. Neste campo de ação, convém pensarmos os conceitos de lugar e espaço em Certeau (2007, p.201-202),

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. [...] Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. [...]

O terraço, de tal modo, aparecerá como um lugar que adquirirá a partir dos sujeitos que o usam histórias plurais, dependendo também dos eventos e práticas desenroladas nele. Desta forma, deixa de existir como simples lugar do terraço, uma extensão a mais da casa e passa a existir enquanto espaço praticado pelos sujeitos, durante os atos de sociabilidades e/ou entretenimentos. Convém perceber que, em alguns momentos, o terraço passava de espaço profano ao sagrado, e vice-versa, quando missas e novenas vinham a colocar-se junto a ele por falta de espaço, ou de iluminação junto à capela. Pode-se ainda pensar que nestes momentos havia a possibilidade de confluência do sagrado e do profano.

Costumeiramente, definimos o sagrado como algo ‘santo’, ligado as coisas divinas, a religião; em contrapartida, o profano seria o não sagrado, o que não pertence à religião. Para Eliade (1992, p.14-15) “[...] o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história.” Duas posições assumidas pelos sujeitos, que necessariamente não precisam estar separadas no cotidiano, muito pelo contrário, no caso das festas da padroeira relatadas aqui, o profano abraça o sagrado no espaço praticado do terraço.

2.2 COLHENDO O MILHO, ESCOLHENDO A RAINHA

O sertanejo festeja
 A grande festa do milho
 Alegre igual a mamãe
 Que ver voltar o seu filho
 Em março queima o roçado
 A dezenove ele planta
 A terra já está molhada
 Ligeiro o milho levanta
 Dá uma limpa em abril
 Em maio solta o pendão
 Já todo embonecado
 Prontinho para São João.
 No dia de Santo Antônio
 Já tem fogueira queimando
 O milho já está maduro
 Na palha vai se assando
 No São João e São Pedro
 A festa de maior brilho
 Porque pamonha e canjica
 Completam a festa do milho.⁹⁷

⁹⁷ Letra de Rosil Cavalcanti. *A festa do milho*. LP: Pisa no pilão (festa do milho), RCA Victor: 1963. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=227&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

Outra festa em que havia a confluência do sagrado e do profano nas Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960, realizada no terraço, foi a Festa da Colheita com a escolha da rainha, que anos mais tarde se tornaria a Festa do Milho. As ligações com o sagrado advinham da proximidade com os santos das festas juninas, isso porque essa festa acontecia no mês de junho. Sendo realizada no segundo ou no terceiro final de semana do mês de junho, ela era produzida entre o período reservado aos festejos de Santo Antonio e o de São João. Neste campo de atuação das festas juninas, é interessante pensar com Lima (2010, p.57) que:

As festas de São João são, antes de quaisquer outros sentidos que lhe sejam atribuídos, pensadas, analisadas e descritas como um importante acontecimento; um folgado que significa entretenimento, instrumento de fomento à socialização e aproximação comunitária, além de um evento que possibilita a comunicação entre o mundo ordinário – profano e o espaço extraordinário – sagrado.

Unindo o útil ao agradável, um período indicado para promoção das sociabilidades e entretenimento nas festas era junto ao chamado ciclo junino. Além de ser um período culturalmente convidativo a promoção de festas, economicamente também era favorável. O próprio nome dos festejos nas Braúnas/Baraúnas, Festa da Colheita, chama a atenção para o momento economicamente favorável a realização do evento.

No espaço que hoje vem a ser município de Baraúna e nas regiões circunvizinhas a economia girava em torno da agricultura. Geralmente, do final do mês de maio para as primeiras semanas do mês de junho, era a época da colheita; assim, neste período do ano os agricultores tinham condições de reservar parte do lucro chegado com a colheita para promover momentos de lazer. Um dos destinos escolhidos era a Festa da Colheita com a escolha da rainha, seguida pelo arrasta-pé no terraço, perto da fogueira, ao som do fole ou da sanfona.

A imagem que se segue é de uma das Festas da Colheita realizada nas Braúnas, mais especificamente do ano de 1962, a qual é focada em três candidatas a rainhas e seus respectivos padrinhos:



Imagem 18: Foto da Festa da Colheita com desfile de Rainha. Da esquerda para direita: Alaíde de Zé Afonso (irmã de Dona Socorro), Nozinho Varelo, Maria José Macedo (sobrinha de Severino Passos), Zé Lourenço, Nita Campina e Zé Campina.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro, 10/06/1962.

Nesta fotografia, podemos observar a vestimenta masculina, a roupa ‘social’ com paletó e gravata, indicada para os acompanhantes das damas que deveriam vestir-se exuberantemente, de maneira a se impor perante a sociedade como candidata propícia a ocupar o posto de rainha da festa. É interessante notar que, a figura feminina central estava vestida como uma noiva, assim como as demais candidatas, com ressalva ao comprimento do vestido das outras duas.

A visualização de coroas nas cabeças das moças, chamadas à época de capelas, possibilita pensar as vestimentas femininas das candidatas a rainhas dentro do modelo virginal de moças dedicadas, virtuosas e adequadas a ser futuras esposas e mães de família. O branco do vestido ressaltaria o modelo de pureza proposto na sociedade para as figuras femininas, para as moças de família. De acordo com Bassanezi (2004, p.610):

As moças de família eram as que se portavam corretamente, de modo a não ficarem *mal faladas*. Tinham gestos contidos, respeitavam os pais, preparavam-se adequadamente para o casamento, conservavam sua inocência sexual e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes. Eram aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio [...]

Quando em depoimento a senhora Sebastiana de Azevedo Melo (89 anos), ela nos diz que “nos casamentos as moça, casava tudo virgem, porque naquele tempo, num teve o que

tem hoje. O povo era muito direito.”⁹⁸ Nos possibilita acolher a citação de Bassanezi, proposta anteriormente, e a pensar que este era o ideal colocado pela sociedade das décadas de 1950 e 1960, nas Braúnas/Baraúnas e nas regiões circunvizinhas. Inclusive, na medida que esta senhora casou em 1941, em fins da década de 1950 e início da década de 1960, ela ressaltava esta proposta social às suas filhas, tanto no dia-a-dia familiar, quanto na habitação do espaço em festa.

Para além das normas de comportamentos propostas pela sociedade e evidenciadas junto à festa, como se dava a escolha da rainha na Festa da Colheita? A senhora Socorro de Zé Lourenço fala que “Eles fazia um partido, vermelho, azul, aí quem tirasse mais dinheiro era a rainha, como político. Político é quem tem mais voto, e a rainha da festa era quem tinha mais dinheiro, que arrecadava mais dinheiro pra igreja.”⁹⁹

Esta narrativa permite pensar que em torno da construção desta festa havia sentidos diferentes; os jogos de interesses e expectativas em relação ao festejo eram múltiplos. Num primeiro momento, podemos destacar o interesse econômico, movido pela inspiração religiosa, arrecadar dinheiro para a igreja. Num segundo instante, o comercial, a venda de bebida durante o baile. E ainda o interesse político, buscar que a rainha a qual a figura masculina represente vença o embate, promovendo assim a consolidação de um maior prestígio perante a sociedade.

Culturalmente, a festa firma-se a cada realização, como período do ano aguardado para as famílias saírem de seu lar para socializarem-se com uma coletividade, promoverem sua representação social, principalmente no caso da figura feminina, que dependendo da família e/ou da condição financeira, não lhe era permitida estar em determinados lugares de divertimento.

As mulheres casadas em companhia de seus esposos colocavam-se como emblemas da família modelo, que deveria ser prezada pelos mais jovens, os quais intencionavam naquele espaço encontrar moças, ou rapazes para estabelecer relações amorosas, seja para casar ou apenas para dançar e se divertir naquela noite. As moças, que se enfeitavam com tanto esmero, na intenção de encontrar um pretendente a futuro namorado e/ou marido, deveriam, sobretudo, agir com recado e prudência em relação à festa e aos relacionamentos com o sexo oposto.

Intenções e sentidos convidativos, aos olhos de quem buscava habitar o cenário da Festa da Colheita, embora que nem todos conseguissem realizar suas pretensões. No final da

⁹⁸ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

⁹⁹ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

escolha da rainha só havia um partido vencedor e uma rainha a ser coroada. É o que podemos evidenciar ao observarmos a fotografia abaixo:

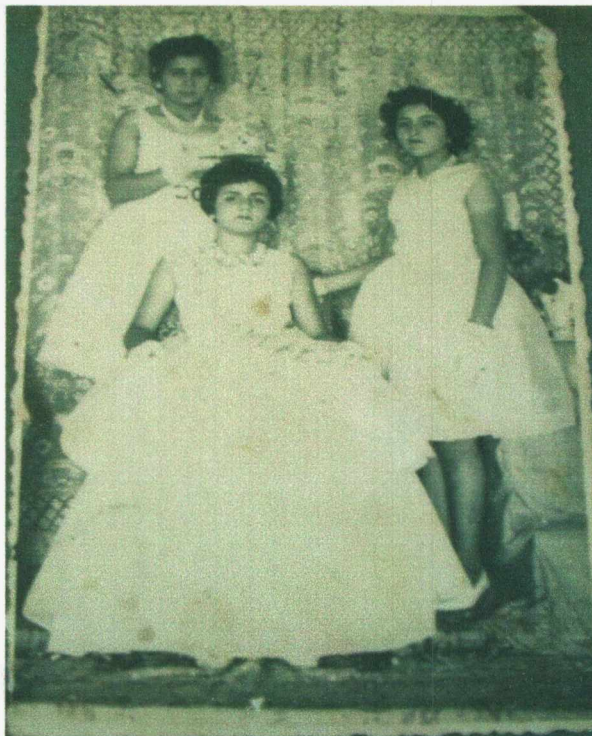


Imagem 19: Foto da coroação da rainha da Festa da Colheita, ao centro a vencedora.
Fonte: Arquivo pessoal de Dona Socorro, 1962.

“Era lá no terraço, o trono era lá, era coroada lá no palco. Era uma cortina, como um cortinado, preparava um palco, num sabe.”¹⁰⁰ Na imagem acima está representada a coroação da rainha da Festa da Colheita de 1962, em um palco preparado especialmente para aquele momento. Os olhares do público participante se voltavam à moça coroada, e também a quantia arrecadada para a igreja. Depois de realizada a cerimônia de coroação, chega o momento de coroar a noite com muita dança, e para muitos ‘bebedeiras’.

Contudo, os espaços para beber eram propostos fora do terraço, ao lado, como coloca o senhor Nilton Gomes de Farias¹⁰¹ (70 anos): “O terraço era pro dance. Fazia, as mesas encostada. O terraço era pequeno, era pra dançá, as mesas ficavam encostado.”¹⁰² Neste campo de ação, nada melhor do que aproveitar o período junino, em data diferente da reservada para a Festa da Colheita para fazer a encenação de um casamento matuto, e ainda

¹⁰⁰ Entrevista realizada com a senhora Socorro de Zé Lourenço em 23 de Agosto de 2011.

¹⁰¹ Ele é casado com Anísia Azevedo de Farias. A entrevista foi realizada com os dois ao mesmo tempo, o que proclamou cruzamentos de informações.

¹⁰² Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

dançar uma quadrilha no terraço. A esse respeito, observemos um trecho do depoimento da senhora Socorro de Zé Lourenço:

Janielly: Como era esses casamentos matutos que a senhora disse que tinha lá?

Socorro: Não é os casamentos de São João. Agente convidava aquele pessoal, convidava, aí ia, ajeitava uma noiva, uma moça com rapaz, fazia aquele casamento matuto, aí andava a cavalo de carroça. Fazia o desfile, depois fazia o casamento matuto, depois do casamento o forró.

Janielly: Tinha quadrilha?

Socorro: Tinha muita quadrilha, compadre Branca Martins era o marcante das quadrilhas, era uma beleza, era bom demais, aquela vida era boa.¹⁰³

Nas encenações do casamento matuto, a noiva aparecia grávida e o noivo era forçado, pelo pai da noiva, a casar. Sob a mira de uma arma o noivo arcava com suas responsabilidades por ter desrespeitado a moral da família e da sociedade, engravidando a moça antes do casamento. É importante refletir que esta encenação servia como alerta aos rapazes e moças da sociedade das Braúnas/Baraúnas, nas décadas de 1950 e 1960. Era uma forma de chamar a atenção para a manutenção dos códigos sociais e culturais vigentes com relação aos namoros, e mostrar como moças e rapazes não deveriam se comportar diante do namoro, e da instituição do casamento, procurando favorecer a manutenção do costume de casar virgem, no caso do gênero feminino.

Em meio a uma sociedade onde os ideais masculinos predominavam “[...] cabia especialmente à jovem refrear as tentativas desesperadas do rapaz, conservando-se virgem para entrar de branco na igreja.” (DEL PRIORE, 2011b, p.164). Em contrapartida, as relações sexuais dos rapazes com mulheres que se permitiam o desfrute não eram só permitidas, mas incentivadas, sobretudo, pela figura paterna.

No que diz respeito ao conceito de costume, apontado anteriormente, Albuquerque Júnior (2007, p.127), considera que “[...] quando estamos falando de costume, não falamos de um objeto natural, mas de uma construção histórica e social que precisa ser descrita.” Que precisa, sobretudo, ser reforçada no cotidiano dos sujeitos que compõem a sociedade, das mais variadas formas, e nos diversos espaços por onde circulam os indivíduos.

A apreciação do casamento matuto alertava os rapazes para não ‘mexer’ com a honra da moça, sendo assim obrigado pelo pai desta e pela família a se casar, além do rapaz perder, por uma dada temporalidade, o prestígio perante a sociedade, que seria recuperado caso, casasse com a moça a qual ele ‘fez mal’, e se tornasse um bom marido. Para as moças, a

¹⁰³ Entrevista realizada em 23 de Agosto de 2011.

encenação do casamento matuto chamava a atenção para que estas não infringissem as normas e os costumes ponderados pela sociedade, caso viesse ocorrer, e o rapaz não viesse assumir ela corria o grande risco de não casar mais, ficar para tia, ou ainda a possibilidade de tornar-se ‘mulher da vida’. Bassanezi (2004, p.613) chama a pensar que:

Eram raros os homens que admitiam sem problemas a idéia de se casarem com uma moça *deflorada por outro*. No próprio Código Civil estava prevista a possibilidade de anulação do casamento caso o recém-casado percebesse que a noiva não era virgem e, se tivesse sido enganado, poderia contar com o Código Penal que garantia punições legais para o “induzimento a erro essencial”.

A moça de família candidata ao casamento dever-se-ia portar como tal e não admitir certas liberdades com os rapazes, para não ficar mal falada. Deveria ser modelo de pureza e recato, mostrados a sociedade pelos gestos e pela própria vestimenta. Os vestidos deveriam ser longos, e mesmo quando retiraram uma parte do pano, em fins da década de 1950 e na primeira metade dos anos 60, não deveria exceder a altura do joelho, como aponta o senhor Severino Passos:

Severino Passos: [...] A sinceridade era tão grande, que uma cabocla veia, que era comadre de meus pais, chegou um dia e disse:

— [...] nós tamo no fim do mundo. Eu vi uma mulhé hoje com um vestido descobrindo o joelho.

Você vê que era uma sinceridade danada. Era, se sentava descobria, quando levantava cobria. [...] Era pra se sentar e não descobrir o joelho.

Janielly: Por que na época tinha que ser comprido?

Severino Passos: A sinceridade. Assim era sinceridade de toda moça [...] ¹⁰⁴

A sinceridade da qual o senhor Severino Passos informa diz respeito à moral, a decência e a pureza que deveriam fazer parte da figura feminina, neste caso, tanto antes quanto depois de casada. Antes de casada, porém deveria ser mais evidente, porque as moças escolhidas para casar tinham que ser recatadas e de família. Neste sentido, junto às festas juninas, durante a realização de quadrilhas moças e rapazes dançavam em pares, contudo, sem promover “comportamentos indevidos”¹⁰⁵ perante a sociedade que os vigiam, com olhos e ouvidos atentos para o registro de qualquer deslize.

Quando a senhora Socorro de Zé Lourenço afirma, referindo-se as festas realizadas no terraço em frente a sua casa, “era uma beleza, era bom demais, aquela vida era boa”,

¹⁰⁴ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

¹⁰⁵ Do tipo a mão escorregando pelo corpo do outro, beijos, mesmo que fossem no rosto etc.

possibilita encontrar junto a esta fala sensibilidades suas referentes a uma temporalidade passada, que chega ao presente pela memória, e que atua na produção de sentidos na pessoa no momento que ela narra. Em outro momento, durante as narrativas de memórias, quando estávamos olhando e conversando sobre as fotografias, a mesma fala que muitas daquelas pessoas retratadas nas imagens já morreram e que “só fica a saudade”. A saudade de pessoas que morreram e de experiências vividas.

Saudade, um conceito carregado de sensibilidades. Saudade, uma palavra que só existe na língua portuguesa e que se desdobra em múltiplas possibilidades de sentidos a partir das experiências dos sujeitos. Albuquerque Júnior (2006, p.117-118) diz que:

[...] A saudade é constatação de ausência e morte, bem como esperança de presença e ressurreição. Experimento de tristeza e alegria, aflição e apaziguamento, fala de nossa condição de seres mortais, de seres finitos, de seres para o tempo, aguça nosso sentimento de fugacidade e alteridade. Por sermos seres de memória, por lembrarmos, mantermos com o tempo uma relação particular, uma relação não apenas racional, mas sensível, não apenas objetiva, mas subjetiva, uma relação marcada pela aceitação e pela repulsa. Às vezes ansiamos pela passagem do tempo, às vezes queremos detê-lo, imortalizá-lo no cristal de uma fugidia reminiscência.
[...]

A saudade é uma das palavras que, muitas vezes, não se explica, sente-se. Ao pensarmos as sensibilidades dos nossos depoentes, ao narrarem suas experiências de vida, percebemos que elas são permeadas por saudades, num misto de tristeza e alegria. Neste âmbito, adentremos um momento de saudade, de uma festa no terraço, narrado pela senhora Anísia Azevedo:

Tinha um terraço, só um terraço. Só acimentado. [...] Era só cimento, não era, Nilton? Tinha o tijolo e passava cimento por cima. Mas foi bom, que por sinal houve um casamento de comadre Lindalva de Zé Cordeiro. Que comadre Lindalva era casada com Josias de Mané Antero. Hoje não, ela é separada. Aí houve esse casamento de comadre Lindalva, não tinha energia, a energia nesse dia era a lua. Mais foi bom demais esse casamento, foi ótimo. Por sinal terminamos comemoramos o casamento numa casa aqui nessa rua, num sei se era de Dedé Matias, de quem era. Não parece que era um quarto de Zé Lourenço.¹⁰⁶

A comemoração deste casamento, lembrada pela senhora Anísia Azevedo, pode ser considerada dupla, pois além do motivo do enlace matrimonial o dia também era dedicado a São Pedro, já que a data de realização deste casamento foi 29 de Junho de 1968, segundo consta nos registros paroquiais da Paróquia de São Sebastião em Picuí-PB:

¹⁰⁶ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2011.

Aos vinte e nove de junho de mil novecentos e sessenta e oito na Matriz perante as testemunhas Jorge Pereira de Oliveira e Pedro Alves de Oliveira assisti ao recebimento matrimonial de Josias Pereira de Oliveira e Lindalva Valeriano da Silva. Ele solteiro com vinte e dois anos, filho legítimo de Manoel Pereira de Oliveira e Elisa Maria Santos de Oliveira. Ela solteira com dezessete anos filha legítima de José Valeriano Silva e Luzia Faustino de Oliveira. Para constar mandei fazer este assento. Con. José de Barros. Pároco.¹⁰⁷

A partir deste registro de casamento citado, e da pesquisa realizada junto ao livro de casamento dos anos de 1959 a 1969 na Paróquia de São Sebastião em Picuí-PB, percebemos que os registros paroquiais, neste caso, os de casamentos, possibilita pensar questões de gênero. Neste contexto, convém observar com Bassanezi (2009, p.152) que “Os historiadores que trabalham com esses documentos devem estar atentos não só ao seu *conteúdo informativo* mais direto e evidente [...]” [Grifo do autor]

No instante em que observamos que na grande maioria dos casamentos pesquisados eram duas testemunhas masculinas, e quando testemunhas femininas foram registradas, estavam acompanhadas de duas figuras masculinas, isto implica uma questão de gênero, pois faz pensar que a legitimidade do casamento, perante a Igreja Católica nas décadas de 1950 e 1960, referindo-se ainda a Paróquia de Picuí-PB, deveria ser ratificada por homens, fazendo com que as mulheres, quando aparecessem, fossem meras figurantes.

De acordo com Pinsky (2010, p.34), “As concepções de gênero tanto são produto das relações sociais quanto produzem e atuam na construção destas relações, determinando experiências, influenciando nas condutas e práticas e estruturando expectativas.” Uma prática social e cultural de considerar a figura feminina imprópria a determinadas atuações na sociedade, assume conduta oficial, quando passa a ser registrada em documentos da Igreja Católica. Esta posição da Igreja age como reforço aos preceitos sociais que colocam a mulher em posição inferior ao homem.

2.3 NO EMBALO DE CATIRINA E DE PAI MATEUS: HISTÓRIAS DE BOI DE REIS NAS BRAÚNAS/BARAÚNAS

¹⁰⁷ Arquivo da Paróquia de São Sebastião situada em Picuí – PB, Livro de Casamentos dos anos 1959-1949, p.162 (frente/verso) 61º registro.

No caminhar pelas relações de gêneros nas Braúnas/Baraúnas, percebemos que determinadas práticas e experiências não eram permitidas social e culturalmente às mulheres. Um exemplo, atuar junto ao boi de reis, como relata a senhora Sebastiana Azevedo:

Sebastiana: O povo chegava, vinha tanta gente, mulher, tinha gente. Tinha as dama vestida de roupa de mulher, as dama.

Janielly: Era os homens vestido de mulher?

Sebastiana: Era, os home vestido de mulher, você jurava, tinha gente que namorava a noite todinha com um home, pensando que era mulher. (risos)¹⁰⁸

No espetáculo do boi de reis, mulheres não tinham voz nem vez, apesar de serem figuras requisitadas no espetáculo. Em meio a uma sociedade 'machista', onde não era permitido/indicado às mulheres atuar junto à encenação do boi de reis, os personagens femininos eram homens que se vestiam de mulher, tanto no caso das damas, como no caso de Catirina, figura central no enredo.

Uma justificativa para a não aceitação da participação feminina era de que como era um grupo móvel que se apresentava em muitos lugares, os pais não queriam deixar suas moças, nem os maridos as suas mulheres sair pelo mundo afora, com outros homens. Lugar de mulher na década de 1950 e 1960, na sociedade das Braúnas era no lar cuidando de seus filhos, de preferência junto ao espaço da cozinha. Mesmo os participantes casados não queriam que suas esposas ou filhas viessem atuar no espetáculo, na medida em que, segundo Del Priore (2011b, p.111) “[...] Não à toa, nessa época, para a maior parte das pessoas, atriz e meretriz rimavam.”

A ideia de que as mulheres que atuavam junto ao espetáculo do boi de reis, assim como a outros espetáculos, eram prostitutas, mulheres da vida, estava presente na sociedade das décadas de 1950 e 1960. Sendo sabedor de que a sociedade não permitia esse movimento das mulheres, e como o grupo de boi de reis necessitava das figuras femininas, quando não tinham quem representar os papéis femininos, recorria-se ao homem vestido de mulher.

Neste campo de ação, convém pensar a construção do auto do boi de reis, também chamado em outros espaços do Brasil de bumba-meu-boi, boi-bumbá, boi-calemba etc. Tendo como cenário uma fazenda de gado, o que revela a rigidez das relações hierarquizadas desse espaço, o boi de reis tinha personagens humanos e animais. O enredo colocara-se da seguinte forma:

¹⁰⁸ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

[...] O amo do boi, que simboliza o dono da fazenda, descobre que seu boi de estimação desapareceu e o responsável pelo desaparecimento foi Francisco, trabalhador da fazenda, apelidado Nego Chico¹⁰⁹ que, temeroso das represálias está foragido.

O amo toma a iniciativa então, de chamar os vaqueiros e depois os índios que vivem em torno da fazenda para procurá-lo. Porém todos retornam mal sucedidos. Após uma série de peripécias ritualizadas ao som de toadas, Nego Chico é encontrado e ameaçado, confessa o crime, revelando o motivo de tal feito.

Catirina sua mulher, grávida, tem o desejo de comer a língua do boi, convencido por ela, rouba o boi e foge com ele da fazenda. Piedoso, por se tratar de um desejo de grávida, o fazendeiro faz um trato com Nego Chico, se o boi ressuscitar ele será perdoado. São convocados doutores, padres e feiticeiros, que acabam ressuscitando o animal. Com isso Nego Chico é perdoado e todos comemoram em uma grande festa. (FERREIRA, 2011, p.1-2)

Apesar das singularidades de cada grupo, seja no acréscimo de falas e/ou personagens, e na estrutura material utilizada nas vestimentas e na confecção do boi, pelas condições financeiras, o enredo tinha como eixo central de apresentação o narrado anteriormente. Este enredo possibilita perceber marcas de gêneros. A partir do universo rural das grandes propriedades, a figura masculina do fazendeiro era central, detendo autoridade e poder, perante os homens economicamente menos favorecidos e perante as mulheres.

Além disso, quando no auto é colocado que o Nego Chico (Pai Mateus), rouba o boi e foge com ele da fazenda, ao ser convencido por sua esposa, faz notar uma relação com a história bíblica de Adão e Eva, presente no Gênesis, no momento em que a mulher convence Adão a comer do fruto proibido, fazendo com que este cometesse o pecado original. Assim, a figura feminina, tanto na narrativa bíblica, quando no enredo do boi de reis era proposta como responsável pelo erro do homem. Por ser considerada perigosa, a mulher devia ser mantida a 'rédeas' curtas e sob vigilância constante.

Ao caminharmos ainda junto à encenação do boi de reis, convém observar a fala da senhora Cleonice Firmino dos Santos (59 anos), conhecida como Creuza de Chico Matias, sobre as vestimentas dos sujeitos que atuavam no espetáculo:

Cleonice: Era. Era uma gola, eles gostavam muito assim, roupa de manga comprida e calça, mas a gola era só de fita e espelho e o capacete e as espadas [...]

Janielly: As mulheres não participavam não?

Cleonice: Não, só era homem. Você pensava que, tinha muita gente que pensava que era mulher, as daminhas era de vestido de mulher, muito rapazim passava por moça, nessa época, era. [...] ¹¹⁰

¹⁰⁹ No caso de alguns bois de reis brincados na região da Braúnas/Baraúnas, Nego Chico também recebia o nome de Mateus.

¹¹⁰ Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2012.

Através desta fala e da pessoa que a narrou, chegamos a Chico Matias, já falecido, que foi esposo desta senhora e também atuou junto ao boi de reis, geralmente no papel do boi. Segundo o senhor Nilton Gomes de Farias “Chico Matias, veio morar aqui através disso, era um dos tais.”¹¹¹ Afirmação que possibilita pensar que o boi de reis, assim como outras configurações de divertimentos, acabaram por ajudar na constituição das Braúnas/Baraúnas, no instante em que a partir destes eventos pessoas vieram a residir neste espaço social em construção.

Voltando a narrativa anterior da senhora Cleonice Firmino, é interessante observar que quando ela nos propõe que muitos rapazes passavam-se por moça, reforça a fala da senhora Sebastiana Azevedo, quando esta afirmava anteriormente que tinha homens que passavam a noite toda a namorar outro homem, pensando que este era mulher. Neste sentido, convém observar que a prática do namoro era diferente nas décadas aqui pesquisadas, o flerte, a dança, a conversa, algumas vezes a pegada nas mãos consolidavam-se em namoro entre os gêneros¹¹², feminino e masculino. Como nos faz perceber a senhora Antonia Pires da Silva (66 anos):

[...] o namoro quando tava muito apertado era tudo de pareia, andando de pareia, num sabe, num tinha essa história de beijo, de nada não, andava tudo de pareia, assim, aí quando achava que tava muito [...] pegava-se na mão, nas pontas dos dedos [...] E só conversando.¹¹³

No caso do namoro entre os homens no boi de reis, era propício a prática do flerte. Quando o homem se travestia¹¹⁴ de mulher para atuar no espetáculo, a exemplo da figura feminina Catirina, outros homens quando viam apreciar o auto e não sabiam da situação, poderiam encantar-se com a ‘moça’ e começar a lançar olhares. Que durante a atuação poderiam ser correspondidos ou não, dependendo do humor do homem que estivera vestido de mulher. É neste jogo do flerte, e da brincadeira que se produzia o namoro entre homens, o que era favorecido pela pouca iluminação do espaço, em caso do espetáculo noturno.

Nesta perspectiva, em meio a uma sociedade que pregava a heterossexualidade com veemência, os homens que passavam por esta situação não escapavam dos comentários e risadas daqueles que presenciaram a cena, ainda sendo assunto de conversas no dia seguinte,

¹¹¹ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

¹¹² “[...] O termo gênero, por sua vez, faz referência a uma construção cultural: é uma forma de enfatizar o caráter social, e portanto, histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais.” (PINSKY, 2010, p.30)

¹¹³ Entrevista realizada em 24 de Setembro de 2009.

¹¹⁴ No sentido de vestir roupas do sexo oposto.

entre amigos e familiares. Entre brincadeiras e risadas daqueles que estavam a narrar à situação, havia o momento de colocar o ato de relacionar-se amorosamente com o mesmo sexo como algo impróprio e digno de repugnância, para que não passasse a ocorrer na sociedade.

O espaço do lazer junto ao boi de reis era interessante à construção de namoros, não somente entre os iguais como pensamos ainda a pouco, mas principalmente entre o sexo oposto. Todavia, estes espetáculos também poderiam favorecer experiências contrárias. É o que nos narra à senhora Sebastiana Azevedo, ao contar uma experiência sua que não aconteceu no terraço, nem tampouco na temporalidade de pesquisa¹¹⁵ por nós analisada, mas que possibilita pensar múltiplas experiências dos relacionamentos entre os sujeitos nos bois de reis e em outros espaços de lazer e entretenimento, ainda percebendo a possibilidade da quebra de códigos comportamentais colocados pela sociedade já antes da década de 1950:

Sebastiana: Era. Lá foi onde acabou um casamento meu.

Janielly: Acabou um casamento seu?

Sebastiana: Porque eu noiva de um rapaz

Janielly: Por que?

Sebastiana: Por que eu namorei demais.

Janielly: As senhora namorou demais? (risos)

Sebastiana: Eu era muito namorada, também era muito nova, nera. Uma pessoa com 16 anos, 17 anos, num é novo? Nova, num tinha juízo, e eu também num gostava dele, né. Ajuntou-se, num gostava, aí chegou Tota todo bonitão dos olhos verdes. [...] Eu disse: _ Aqui é donde Dona Basta fica. Eu gosto muito de gente assim, do olho feito o seu.

Janielly: Mas acabou porque o outro noivado?

Sebastiana: Porque ele também não agüentou a cangaia que levou.¹¹⁶

A senhora Sebastiana Azevedo acabou um casamento em um boi de reis porque traiu o seu noivo com outro homem, isto não era o comportamento indicado a uma moça de família. Ela fugiu a regra, promoveu atitudes que não deveriam ser efetivadas por parte de uma moça de família. Ela ainda foi repreendida por seus familiares, pessoas fizeram comentários maldosos a seu respeito; contudo, como o namoro e o noivado eram compromissos que ainda podiam ser rompidos, esta não ficou tão difamada, ao contrário do que acontecia com as mulheres que traíam após a realização e a consumação do casamento.

¹¹⁵ Este fato ocorreu no Sítio Cumaru, atual distrito de Pedra Lavrada – PB, localidade próxima a Baraúna, em fins da década de 1930. É ainda interessante pensar este relato, porque a senhora Sebastiana Azevedo se casou com seu Tota Henriques, que residia no Sítio Tanque Redondo, atual município de Baraúna, e que há alguns anos adotou Baraúna como cidade de morada. Além disso, nas décadas de 1950 e 1960, tanto ela quanto seu esposo se relacionavam diretamente com as Braúnas/Baraúnas, chegando a participar de boi de reis neste espaço.

¹¹⁶ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

Neste jogo, somos ainda chamados a pensar que nesse trio amoroso, proposto junto ao boi de reis, sensibilidades diferentes foram produzidas em cada sujeito participante da trama amorosa. O noivo que perde a noiva foi afetado por sensações/sentimentos diferentes, daquele que conquistou e ganhou à senhora Sebastiana, chegando a casar-se com ela. Levar cangaia, chifre, ser traído, não era tão fácil de aceitar frente à sociedade ‘machista’ que se proponha nas décadas de 1950 e 1960, onde era o senhor soberano na relação com o gênero feminino.

O misto de emoções para a senhora Sebastiana foi ainda maior, perdeu um noivo, mas ganhou outro, aquele que desejava. Neste caminho, quando esta senhora na sua fala justifica o porquê da traição, o não gostar do pretendente a marido, é possível observar que a questão dos sentimentos começava a aparecer junto à escolha do marido, em algumas famílias com maior intensidade do que em outras. Desta forma, o amor aparece como algo possível a ser alcançado. No caso da senhora Sebastiana e de tantas outras ao longo da história,

[...] Um amor que busca romper com velhas receitas, com fórmulas banais e com clichês que se lhe impõem os costumes, as leis e as rotinas sociais. Amar é antes selecionar o eleito do coração. É notar, é colocar a parte, é singularizar. Um, ou uma, entre todos. Um rosto, um nome. Isso implica a seleção que entroniza o objeto como excepcional. O eleito é distinto: superior com um rei ou distante como uma estrela. O amor, dirá finalmente alguém, é um problema de vida, de ordem sensível, de estética e poética, não de conceitos.” (DEL PRIORE, 2011a, p.12-13)

Amor carregado de deleites e perigos. Perigos como os que sondavam os personagens que faziam o boi de reis, principalmente o que estava sob o boi. A senhora Cleonice Firmino fala que seu esposo, Chico Matias, “só dançava debaixo do boi armado, porque qualquer coisa, nessa época tinha muita gente que pensando era boi, às vezes atirava, às vezes danava faca. Era, era mesmo um boi, era de pano e bugi¹¹⁷, aí ele só andava armado.”¹¹⁸

Deleite e perigo que rondou a senhora Anísia Azevedo em uma apresentação do boi de reis no terraço nas Baraúnas na década de 1960:

Tinha mulher boi de reis. Tinha, eu era doida pra ir pra boi de reis, que eu num conhecia boi de reis, eu tava gestante já de Niedja, em 1966, eu num boi de reis, ali na frente da casa de Chico de Aduato, que hoje é de Dadá. Minha filha, tava eu, Nilton, eu lembro bem, mais Odaci, Valdo Buiú, que hoje são os pais de Gideval. Esse boi de reis, veio de lá, emburacou em procura de mim. Eu dei um, eu já gestante, eu dei um pinote, fiquei agarrada com Nilton, por detrás pensando que

¹¹⁷ “Bugi é mato que ele enverga e faz, o jeito do boi. Que ele só tinha de boi a cabeça e o chifre, o resto tudo era, ou compensado, compensado pesava muito, mas sempre ele botava só uma folhinha de compensado bem fininha, o resto era bugi. Aí cobria, fazia o pano, fazia aquele saião ao redor pra cobrir a pessoa.” Entrevista realizada com a senhora Cleonice Firmino em 24 de Fevereiro de 2012.

¹¹⁸ Entrevista realizada em 24 de Fevereiro de 2012.

aquele boi ia saltar em cima de mim. (risos) Ave Maria, mas foi um susto tão grande, daí eu fiquei com medo. Sofri esse susto, aí num fui mais.¹¹⁹

Os espaços de divertimentos estabelecem múltiplas sensações. No caso do boi de reis junto à senhora Anísia Azevedo, observamos que ela primeiramente experimentou a ansiedade, juntamente com a expectativa de ver a apresentação pela primeira vez. Em meio às sociabilidades promovidas junto a seus conhecidos que estavam a apreciar a encenação, o encantamento transformasse em susto, e, por conseguinte, em medo¹²⁰. Medo que fez com que ela não quisesse mais habitar espaços regidos pelo boi de reis. Neste campo de ação, as pessoas enquanto sujeitos sensíveis não ficam indiferentes aos estímulos sensoriais propostos pelos espaços em que atuam. É o que nos possibilita pensar Pesavento (2007, p.12) ao afirma que:

Os sentidos são afetados e provocam sensações, ou seja, eles expressam uma atividade reativa, anterior à capacidade reflexiva, e que marca uma modificação no equilíbrio entre este ser e o mundo. As sensações, fenômenos da ordem da sensibilidade, são imediatas e momentâneas e podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, em reação dos indivíduos diante da realidade que os toca.

O susto que a senhora Anísia teve com o boi foi uma atividade reativa, antes da reflexão que ele não era um animal vivo, mas objeto de uma encenação. Susto que gerou o medo como fruto, sensibilidade da realidade experimentada marcada na memória, e que nos chega pelas suas narrativas. Uma entre tantas experiências vividas foi narrada, sinal que está sensibilidade marcou a vida desta senhora, e um dos motivos disso, foi o fato dela está grávida. Acrescentemos as sensibilidades produzidas junto a uma mulher que estava prestes a ser mãe.

Marcas de historicidade de um tempo que se esvaiu, uma prática que não mais sobrevive em Baraúna – PB nos dias atuais, como nos propõe o senhor Nilton, esposo de Anísia: “Foi extinto aqui da região, acabou-se só se for lá pro lado do Ceará, mas aqui mesmo acabou-se.”¹²¹ Em meio às discussões sobre sensibilidades, pensemos que o boi de reis foi extinto na região enquanto manifestação artística que se apresenta ao público, mas que ainda

¹¹⁹ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

¹²⁰ Medo que nos “[...] remete a um sentimento, ou seja, a uma dimensão subjetiva da experiência histórica que nem sempre é dita ou verbalizada [...]”. (MONTENEGRO, 2008, p.16)

¹²¹ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

permanece vivo na memória daqueles que experimentaram esses momentos de lazer e sociabilidades.

2.4 TRAZENDO O ASSENTO PARA FICAR MAIS ATENTO

No seguimento da caminhada pelas práticas de sociabilidades e lazer nas Braúnas/Baraúnas encontramos as exhibições de cinema. Mas antes de pensarmos esta prática cultural do espaço, convém discutir aqui o conceito de lazer que é relevante ao nosso estudo. Neste sentido, observemos com Dumazedier (1976, p.34) que:

O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

O tempo do lazer, considerado como um tempo em que o trabalhador tem a possibilidade de escolher as formas de divertimentos e/ou sociabilidades num determinado espaço, coloca o lazer na agenda da historiografia atual como tema relevante, na medida em que a esta temática ainda pode juntar-se a outras como o cotidiano, as relações de gêneros etc., que acabam por fazer-mos (re)pensar a sociedade que vivemos ou fomos construídos. Tem a ver com os significados de atuação junto a si mesmo e a coletividade, tem a ver com as relações de afetividade que estabelecemos com a vida e com os outros ao longo da história, da nossa história.

Diante desta perspectiva, no terraço outros eventos possibilitavam o lazer no espaço das Braúnas/Baraúnas, é o caso das exhibições de cinema como narra à senhora Anísia e seu esposo Nilton:

Nilton: Tinha naquelas épocas, teve uma época aqui, cinema, filme.

Anísia: Era um homem de Picuí.

Nilton: Num existia televisão, também não tinha energia. Quando foi colocado energia aqui, era um motor até nove horas da noite.

Janielly: Esse cinema era antes da energia?

Nilton: Esse cinema tinha um motor do carro, num tinha energia nessa época não, tinha um motorzinho pra funcionar. Dava era gente. Teve uma época que era ali em Zé Lourenço, teve uma época que era dentro do mercado.¹²²

Cinema que reunia as pessoas da comunidade e regiões circunvizinhas em momentos de lazer. Uma pausa nas novelas ouvidas pela rádio, no caso daqueles que possuíam, dava o tom de entusiasmo naqueles que poderiam assistir a um filme, quando este viesse a ser exibido. Já que era necessário vir um senhor de Picuí com todo o seu equipamento para transformar o lugar do terraço em espaço de lazer, das exibições de filmes. Ver os personagens, as sensibilidades transmitidas por eles, e que atuavam nas pessoas que estavam de olhos e ouvidos atentos era um instante aguardado. Tão aguardado que apesar da divulgação ser boca a boca, o terraço se enchia de corações palpitantes e/ou ansiosos pelo início do enredo.

Neste sentido, quantas pessoas tiveram que fazer caminhadas de ida e de volta dos sítios circunvizinhos para assistir exibições de filme em preto e branco, junto ao terraço em frente a Zé Lourenço. Nesse caso, quem não quisesse passar frio, deveria vir agasalhado. Como no mercado as exibições somente começaram a partir da década de 1970, o agasalho era uma boa pedida, já que o terraço não tinha paredes.

Quem não era da comunidade das Braúnas ainda tinha outra dificuldade a ser enfrentada na participação da exibição, ter que ficar em pé, já que “todo mundo que quisesse se sentar tinha que levar [cadeira de casa]¹²³, se não levasse ficava em pé”¹²⁴. Assim como aqueles que passavam a noite em pé num salão de dança, a exibição do filme os encantava a tal ponto de não se sentirem casados. Até porque o período de exibição não levava a noite toda.

Diante do exposto, é importante notar que era cobrada uma taxa, quantia em dinheiro, para assistir ao filme, afinal de contas “o cinema era um meio de sobrevivência”¹²⁵; todavia, essa quantia não era recebida na portaria, já que durante as exibições no terraço seria impossível, a não ser que este fosse cercado, o que não era o caso, então o responsável pela exibição, ou algum encarregado seu passava por entre os homens recolhendo a quantia estipulada que, geralmente, era previamente avisada.

¹²² Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

¹²³ Acréscimo nosso com base na seguinte fala do senhor Nilton: “Agente tinha que levar as cadeiras de casa pra sentar.” Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

¹²⁴ Entrevista realizada com o senhor Nilton Gomes em 15 de Janeiro de 2012.

¹²⁵ Entrevista realizada com a senhora Anísia Azevedo em 15 de Janeiro de 2012.

No período de exibição, o filme atuava como instrumento de socialização. O ato de assistir ao filme, compartilhando momentos e experiências com outras pessoas, revelando emoções, sejam risos, lágrimas, medo, pudor, possibilita pensar as exposições de filmes nas Braúnas/Baraúnas, principalmente na década de 1960, como local privilegiado a construção de sociabilidades, que atuaram na produção de marcas de historicidade nos sujeitos que vivenciaram este período.

Interagir com a tela e esta com os espectadores, fazia deste momento um vetor de troca de informações, comportamentos e sentimentos, não só entre os sujeitos que estavam nas Braúnas/Baraúnas, mas entre eles e outras sociedades que estavam a experimentar os frutos da chamada modernidade, mesmo que em temporalidades diferentes, já que estes instrumentos do moderno não chegam a todos os lugares ao mesmo tempo.

Embora que singularmente, os recursos tecnológicos vão aos poucos chegando as Braúnas/Baraúnas, inventando novas formas de lazer e sociabilidades e fazendo com que esta se relacione com outros espaços no Brasil, e porque não dizer do mundo. Neste conjunto, apesar de cada espaço possuir suas singularidades, ele está envolvido no jogo de relacionamentos com tantos outros.

No que se refere às singularidades do espaço estudado, percebemos que no ato de assistir aos filmes as sensibilidades se manifestavam, fazendo com que determinadas exposições afetassem os limiares do sensível em cada sujeito, fazendo ainda com que estes escolhessem um repertório de exposições/filmes que mais lhe marcaram. Neste campo de atuação, a senhora Anísia e o senhor Nilton colocam:

Anísia: Eu me lembro bem de Sansão e Dalila, não, de Tarzan, quando era filme de Tarzan, ave Maria eu achava bom demais.

Nilton: Teve aquele de Teixeira, passou mais de uma vez.

Anísia: Da paixão de Cristo. [...] Mas o de Tarzan eu achava bonito, tinha Chita.¹²⁶

Filmes brasileiros e/ou estrangeiros deixaram marcas no corpo e na alma daqueles que experimentavam sensações diversas a cada sessão participada. Isto porque, assim como nos afirma Napolitano (2005, p.237) “[...] a força das imagens, mesmo quando puramente ficcionais, tem a capacidade de criar uma ‘realidade’ em si mesma [...]”. Neste sentido, na alma no que concerne a atuação do sensível, e no corpo no que se refere às vestimentas, aos

¹²⁶ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

gestos, as posturas estéticas, como nos cortes de cabelos, modos de portarem-se inspirados em modelos propostos por determinados filmes.

No caso das vestimentas, a senhora Joana Maria de Nazaré (69 anos) fala de uma roupa que mantinha certa afetividade: “[...] é, tinha uma roupa que eu gostava muito dela, chamava-se babado de Gilda, era um babado assim em baixo, era babado de Gilda, é [...]”¹²⁷, provavelmente inspirada no filme *Gilda*, de 1946. Partindo desta perspectiva, os filmes exibidos, principalmente os hollywoodianos, ajudavam a construir um modelo de beleza a ser ostentado, tanto para o masculino, quanto para o feminino.

No caso dos filmes de romances, convém observar com Del Priore (2011a, p.277) que “[...] o cinema e seus subprodutos [...] ajudavam a reforçar uma idéia de que existiam dois tipos de mulher: a boa e a má. A primeira, identificada com o casamento e com a felicidade. A outra era para ‘usar e jogar fora’.” Os filmes neste âmbito, serviam como instrumentos educativos junto aos códigos sociais e comportamentais da sociedade, atuando nos relacionamentos entre os gêneros.

Os filmes também vinham carregados em suas estruturas de dramas e comédias, fazendo com as sensibilidades cada vez mais estivesse presente junto aos expectadores. Pessoas ao assistirem filmes dramáticos puderam relacionar trechos com seu dia-a-dia, pessoas puderam também, por um momento, esquecer dramas cotidianos e se render as gargalhadas quando a comédia se fazia presente. No jogo do trágico e do cômico, em intensidades diferentes para cada pessoa, assim como nos filmes, pessoas foram construídas diante da sociedade e das vivências que os cercaram.

2.5 E O PANO DE RODA ENTRA EM CENA...

Sendo a risada uma forma de produção de prazer junto aos sujeitos que se rendem a esta sensação, a comédia proposta para além das exibições de cinema também atraía público para o terraço. Neste campo de ação, o chamado ‘pano de roda’ entrava em cena, possibilitando outro momento de lazer nas Braúnas/Baraúnas, onde a risada podia se fazer presente.

¹²⁷ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

Durante o ‘pano de roda’ o terraço também adquiria o movimento das práticas do espaço pelos sujeitos, trazendo lazer e sociabilidades aos participantes. Mas o que é afinal, o pano de roda? Vejamos a narrativa,

Severino Passos: Aí ele anunciava, por exemplo, domingo, domingo vai haver, sábado vai haver um pano de roda aqui. O pano de roda, vamos supor que o rapaz, trabalhasse no espetáculo, aí saía do espetáculo, aí formava um pra ele, mas era pobre, num tinha, então ele formava com um pano de roda, arrudiando assim.

Janielly: Era como se fosse um circo pequeno, é isso?

Severino Passos: Pronto, era o que era mesmo, mas tinha o nome de pano de roda.¹²⁸

Em meio às jornadas de trabalhos cotidianos, seja no roçado, no comércio, na casa, sempre sobrava um tempinho para ir a uma novena, a uma exibição de cinema, a um baile, e a um circo, ou pano de roda. Neste campo de atuação, o que, muitas vezes, encantavam as pessoas que iam apreciar o espetáculo era o modo engraçado de colocar algumas de suas vivências cotidianas, como coloca Magnani (2003, p.143): “O que caracteriza o circo é justamente a capacidade não só de transpor para o palco essas e outras peripécias do dia-a-dia dos espectadores, mas sobretudo de explicitar seus contrastes por meio da articulação ‘sério vs. cômico’ que constitui seu princípio estruturante básico.[...]”

Além do tempo disponível, era necessário também ‘uns trocados’ para poder participar de determinados espaços de lazer, como é o caso do circo. Aquele que não tivesse dinheiro para entrada era excluído do espetáculo, a não ser que usasse de astúcias diante do que lhes era imposto, utilizando-se das “[...] falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder do proprietário. [...]” (CERTEAU, 2007, p.101)

Observemos a narrativa do senhor Severino Passos, que possibilita pensar o uso da astúcia frente ao cotidiano do lazer:

Então, quando o povo chegou, eu não sabia, porque o cantador você chega bota o dinheiro ali, mas, o espetáculo era um cabra do circo, o cabra tem que pagar a entrada né, aí chegou um cara que não pude capturar quem foi. Aí disse:

— Zé Lourenço, pia ali, aquele povo todim, com vontade de entrar mas não tem dinheiro, porque não sabia que era pra pagar.

Zé Lourenço chegou com aquela humildade dele, eu tava bem pertim, eu já tinha comprado a entrada. E disse:

— Nego, quanto você quer pra abrir, essa porteira pro povo entrar?

Era de vara como uma porteira.

— Quanto é que você quer pra abrir essa porteira pesse povo entrar.

Aí o cara disse:

¹²⁸ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

_ X.

Ele disse:

_ Pode abrir.

Pagou. Aí entrou o povo todim. Não teve onde os artistas trabalhar. (risos) E chegou o cara:

_ Seu Zé Lourenço vê se agora o senhor dá um jeito, os homem agora num pode mais trabalhá não, o povo entrou todim.

Ele chegou e disse:

_ Nego, tire esse pano, enrole esse pano.

Ele disse:

_ Não senhor, eu recebi o dinheiro prá entrar, esses que tão fora.

_ Quanto é que você quer pra enrolar esse pano.

Ele disse:

_ Tanto.

_ Pode enrolar.

Aí entrou o resto do povo todo, ficou ao ar livre e os artista, que era, parece que era quatro artista, fastou o povo, organizou, aí ficaram conhecendo o pano de roda.¹²⁹

A justificativa de que não sabiam que era para pagar na entrada do 'pano de roda', fez com que houvesse a possibilidade de entrar sem pagar. O senhor Zé Lourenço assume neste campo de ação o lugar de representante da comunidade, neste caso com condições financeiras, e libera a entrada do pessoal que estava de fora, pagando a quantia determinada aos artistas circenses.

Na narrativa elencada pelo senhor Severino Passos, a frase "Quanto é que você quer pra abrir essa porteira pesse povo entrar.", leva mais uma vez a figura paternalista do gênero masculino, que se coloca como provedor do espaço em festa. Neste sentido, o senhor Zé Lourenço, pelas condições financeiras que possuía, atuou, no caso do espetáculo narrado, como patrocinador do divertimento. Figura simbólica que no seu ato reforçava o modelo de homem a ser adotado, o cavalheiro que paga a conta da dama. Se ele poderia pagar para aqueles que não tinham condições naquele momento, porque o homem fugiria a sua responsabilidade de pagar o divertimento para a dama.

É interessante, ainda notar que alguns dos sujeitos que estavam fora, por ser a primeira participação junto ao espetáculo, deveriam não saber que se pagava na entrada, devido ao costume do pagamento da cota nos forrós, já que esta era recolhida somente depois de algumas danças realizadas. Deste modo, quem quisesse continuar dançando pagava a cota, quem não quisesse, retirava-se do salão, os que quisessem somente olhar tinham esta possibilidade.

Com raríssimas exceções, como esta última narrada por Severino Passos, quem quisesse assistir ao espetáculo circense deveria realizar o pagamento devido. Todavia, tinha

¹²⁹ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

lugares diferentes para condições financeiras diferentes, como fala a senhora Anísia e o senhor Nilton:

Nilton: Era uns pano, chamavam pano de roda.

Anísia: Mas mesmo assim agente ia que não tinha pra onde se divertir.

Janielly: Mas porque chamava pano de roda? Num tinha a cobertura não?

Nilton: Tinha não.

Anísia: Alguns tinha.

Nilton: Uns melhozim coberto.

Janielly: Tinha arquibancada e tudo ou era em pé?

Anísia: Tinha cadeira, e a arquibancada. Quem fosse pra ficar mais próximo tinha a cadeira, mas era mais caro, e tinha a arquibancada.¹³⁰

Geralmente, quem tinha menos condições financeiras ficava na arquibancada, também chamada de ‘puleiro’ separados daqueles mais avantajados financeiramente. Como toda regra tem exceção, alguns, mesmo com condições financeiras, preferiam ficar no ‘puleiro’, pois dependendo do grupo que estivesse, nesse a algazarra era maior, possibilitando maiores gargalhadas.

Diante do exposto, o lazer propunha-se a partir de espaços que se faziam por outra lógica de vivência, abertos as venturas e desventuras do possível e da criatividade, para além dos universos de trabalhos que se colocavam cotidianamente. O tempo livre é colocado em xeque. Como preencher este tempo? Com o que nos é posto a cada dia, nos jogos das relações sociais e culturais, de uma comunidade, de uma coletividade, numa determinada temporalidade.

No caso do ‘pano de roda’, que conhecemos atualmente como o espetáculo circense, este veio a encantar a maioria da população das Braúnas/Baraúnas, sendo um dos espaços disponíveis ao lazer, quanto este chegava à comunidade. Neste campo de ação, o pano de roda colocara-se como um pequeno circo de variedades a promover sensibilidades junto à comunidade que a assistira. Magnani (2003, p.31) chama a atenção para percebermos que, “Os circos de ‘variedades’ são os mais pobres, e o espetáculo que oferecem consiste em alguns números de malabarismo, contorcionismo, mágicas, bailados e pequenas representações cômicas.”

Com relação ao que nos foi proposto por Magnani, tendo como referência o ‘pano de roda’ aqui trazido pelos relatos de memórias, concordamos na descrição elencada, apenas com uma ressalva muito importante, a pobreza. Se pensarmos em termos financeiros a pobreza era evidente; todavia, se tomarmos como referência os signos culturais propostos, os usos do

¹³⁰ Entrevista realizada em 15 de Janeiro de 2012.

fazer o encantamento junto ao público, esta teoria vai por água abaixo, principalmente se pensarmos o espaço e a temporalidade em questão.

2.6 QUANDO UM TERRAÇO FALA...

No momento que tomamos para reflexão novenas, festas da padroeira, festas da colheita, festas de casamentos, boi de reis, exposições de cinema, e o 'pano de roda' realizado junto ao terraço, como festas, devemos pensar se as características apontadas inicialmente sobre o que vem a ser uma festa condizem com estes eventos.

Sobre a preparação, o planejamento e o custeio do evento, devemos perceber que nem todos os sujeitos que participaram do evento atuaram junto a todas estas etapas de construção, ou até mesmo a nenhuma. Uns participaram da preparação e planejamento, outros do custeio, e ainda houve aqueles que foram lá apenas para a produção das práticas do espaço, no rezar, no dançar, no dar risada etc. Nisto, acrescentamos que mesmo em meio às inevitabilidades dos gêneros no espaço em festa, ainda tiveram que atender regras peculiares da sociedade, no instante em que os códigos sociais e as normas comportamentais da sociedade deveriam ser acatados nos espaços de lazer e entretenimento.

Quando partimos da perspectiva de que em uma festa tenha que haver a participação do coletivo, pensamos que estes eventos podem ser considerados festas, pois adentraram estes espaços de lazer das décadas de 1950 e 1960 a coletividade das Braúnas/Baraúnas, e ainda das regiões circunvizinhas. As sociabilidades e as solidariedades nas produções culturais fizeram-se evidentes, estabelecendo assim entre os sujeitos trocas de experiências e valores.

No que diz respeito à pausa nas atividades diárias para realização dos eventos, podemos notar que esta ocorreu, tanto por parte das pessoas que atuaram na preparação do evento, quando não eram aquelas que tinham seu sustento disso (a exemplo das pessoas que faziam o circo ou 'pano de roda'), quanto por parte das que saíram de seus lares para adentrar o espaço de lazer junto ao terraço, espaço este praticado diferentemente a cada evento realizado. E mesmo seu Zé Lourenço, que tinha o terraço em frente a sua casa, podendo este abrir sua bodega para realizar vendas, dava um tempo nesta atividade para ir rezar, dançar e/ou assistir aos espetáculos propostos.

A articulação em torno de um objeto focal pode ser observada quando as novenas se organizavam em torno do sagrado, a maioria em torno da figura de Maria, seja durante o mês

de maio, seja durante a Festa de Nossa Senhora do Desterro. A festa da padroeira mesclava a devoção a santa protetora da comunidade e o ciclo natalino, além da necessidade de no final de ano se ter um baile para o estabelecimento das sociabilidades entre as pessoas. A festa da colheita seria o momento de comemorar a colheita, principalmente nos anos de muita fartura, além dos santos que acolhiam festejos em sua homenagem.

O boi de reis, a exibição de filmes e o pano de roda, não teriam um objeto focal em tornos de datas, referentes a um calendário pré-definido, os objetos focais deles estavam em torno deles mesmos, das praticas culturais que eles abarcavam. Deste modo, no boi de reis, o objeto focal é a própria encenação, que se coloca como uma manifestação cultural da região. As exibições de cinema serviram para trazer novos instrumentos tecnológicos e formas de lazer ao espaço, atuando, sobretudo, junto às sensibilidades. E o 'pano de roda' ou arte circense colocou-se principalmente a partir de encenações cômicas, trazendo o riso para a comunidade.

Por fim, no que se refere às festas, enquanto produções sociais e culturais, conferirem formas de ser e de estar na sociedade, podemos observar que nos eventos elencados este ideal esteve presente fervorosamente. As normas e estatutos do lar, da sociedade, proclamados no dia-a-dia não se colocavam excluídos destes eventos, pelo contrário, estavam intimamente servindo como projeto vivencial a ser observado, objetivo a ser alcançado, principalmente do que se refere às atuações dos gêneros.

Partindo do pressuposto, segundo Pinsky (2010, p.31), que "gênero trata da construção social da diferença sexual. Quando adotamos a perspectiva de gênero, estamos pensando nas maneiras como as sociedades entendem, por exemplo, o que é 'ser homem' e 'ser mulher', e o que é que consideram 'masculino' e 'feminino'." Nas Braúnas/Baraúnas das décadas de 1950 e 1960, as festas enquanto divulgadoras das condutas sociais da comunidade contribuíram na produção de identidades, principalmente quando pensamos a construção do que era ser homem, e do que era ser mulher para aquela sociedade.

O homem provedor do lar e do lazer tinha autoridade perante uma sociedade 'machista'. A mulher submissa e símbolo de pureza, deveria procurar manter sua honra e sua decência acima de tudo, seja sendo moça de família, ou mãe de família. Modelos observados e vigiados cotidianamente, mas que não escapava aos desvios, como no caso da 'mulher da vida'. Outra identidade construída, mas que não seria interessante a adoção por parte daquelas moças que quisessem casar. A indicação era manter-se longe desse perigo. Este modelo deveria ser exceção e não regra.

Diante da percepção de que o espaço de festa possibilita a expressão de determinadas linguagens da sociedade, a festa é “um trabalho social específico, coletivo, da sociedade sobre si mesma.” (GUARINELLO, 2001, p.974) As festas, enquanto práticas culturais, que possibilitam pensar como uma sociedade se constrói com seus códigos e normas de condutas, se inscrevem na memória coletiva e individual dos participantes, que nos chega pelas narrativas de memórias e pelas imagens produzidas a partir das fotografias.

A festa constitui-se em um caleidoscópio de sensações e sentimentos, a alegria de uns pode ser a tristeza de outros, uns tem as expectativas superadas, outros as tem destruídas. Ao mesmo tempo, que a festa propõe normas e códigos, abre brechas para o drible. A inventividade de cada sujeito frente a uma festa na busca de lazer é o que torna cada festa singular, as múltiplas sensibilidades experimentadas e o que faz com que cada festa seja única, guardada na memória de forma particular em cada sujeito apesar dos fleches coletivos. Pelas leituras sensíveis dos gêneros nos espaços de lazer e sociabilidades junto ao terraço, esta história constrói-se como um baile que deseja ser habitado, ser praticado.

3º BAILE:**DO PISAR NO PÉ A TROCA DE BONÉ: SOCIABILIDADES E SENSIBILIDADES DE GÊNEROS NOS FORRÓS**

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
 Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Enquanto o fole tá tocando tá gemendo
 Vou dançando e vou dizendo meu sofrer pra ela só
 E ninguém nota que eu estou lhe conversando
 E nosso amor vai aumentando pra coisa mais melhor

Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco
 Todo tempo quanto houver pra mim é pouco
 Pra dançar com meu benzinho numa sala de reboco

Só fico triste quando o dia amanhece
 Ai, meu Deus se eu pudesse acabar a separação
 Pra nós viver igualado a sanguessuga
 E nosso amor pede mais fuga do que essa que nos dão¹³¹

A partir de narrativas orais de memórias, adentramos as salas regidas pelos acordes de uma concertina ou fole, a embalar movimentos de homens e mulheres de gerações diversas. Nas práticas do espaço, observamos os negócios e as prosas desenrolarem-se no ‘botequim’ improvisado para aquela noite. No bailar do salão, os rapazes e as moças iniciavam os ritos do namoro. Para os namorados/noivos comprometidos há algum tempo, os planos para o casamento podiam ser anunciados naquele espaço. Ao fundo do salão, na cozinha, algumas senhoras, mães de família, ao som do tocador e ao cheiro do café colocavam as conversas em dia.

A letra da música ‘Numa sala de reboco’ de 1964, que serve de epígrafe a este capítulo, juntamente com o parágrafo anterior, coloca-nos diante da problemática a ser abordada daqui por diante: como os gêneros – masculino e feminino – construíram-se em meio às sociabilidades e as sensibilidades dos forrós realizados nos sítios circunvizinhos as Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960?

¹³¹ Letra de José Marcolino e Luiz Gonzaga. *Numa sala de reboco*. LP: A Triste Partida, RCA Victor: 1964. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=152&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

Num primeiro momento, é interessante pensar o porquê da escolha dos sítios circunvizinhos as Braúnas/Baraúnas para pensar acerca dos forrós. Dois motivos podem ser apontados: enquanto as festas geridas ao som do fole, concertina ou sanfona, ao que chamamos forró, nas Braúnas/Baraúnas eram realizadas em períodos pré-definidos, no ciclo junino e natalino, com raras exceções, os forrós produzidos nos sítios vizinhos a este espaço/comunidade ocorriam com mais frequência, como nos aponta o senhor Manoel Gomes de Azevedo Burity (76 anos), agricultor e exímio apreciador dos forrós, que trabalhava sob o sol e a chuva no roçado durante o dia, mas que quase todos os finais de semana reservava um tempo para participar deste espaço de lazer:

Nesse tempo o forró era mais de sanfoninha de oito baixo, era de oito baixo, quem tocava era Zuzu de Nova Palmeira, um forrozim com uma sanfoninha de oito baixo. Fazia tudo, num sábado era num canto, numa casa, no outro sábado, com outro dia era na outra, de Jorge Firino, de Mané Gordo, o finado Chico Joana, era donde eu ia esses forrós. [...] Nós morava no sítio, morava no sítio, morava no sítio Lagerim ali.¹³²

O segundo motivo, coloca-se na medida em que estes sítios se relacionavam diretamente com as Braúnas/Baraúnas principalmente em termos religiosos, educacionais e de comércio. Também podemos acrescentar que este espaço em construção, as Braúnas/Baraúnas, só pôde crescer graças à migração de pessoas destes sítios circunvizinhos para esta localidade.

Na fala do senhor Manoel Gomes, outro ponto nos chama a atenção, além do apontamento de que os forrós nos sítios ocorriam regularmente nos finais semanas, estes se realizavam nas casas de moradia das pessoas. O senhor José Galdino complementa: “Às vezes era, tinha no terraço, viu, outras vezes era dentro de casa, mais era mais dentro de casa viu, do que nos palanque. Palanque só quando era festa de casamento viu, que ajuntava muita gente, mais o forrozim pé-de-serra era só dentro de casa.”¹³³

Sendo a nossa casa um espaço privado, território propício ao desdobramento de gestos das ‘artes de fazer’ cotidianas de uma família, quando ela abre suas portas para um forró, transforma-se em território de passagem de outros sujeitos, os gestos de outros também vem participar do jogo social e cultural que começa junto às sociabilidades. Na transformação do espaço, a casa, espaço privado, cede lugar à construção de uma festa, também configurando-se em espaço público. Neste sentido,

¹³² Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007.

¹³³ Entrevista realizada em 15 de Outubro de 2007.

[...] o espaço privado deve saber abrir-se a fluxos de pessoas que entram e saem, ser o lugar de passagem de uma circulação contínua, onde se cruzam objetos, pessoas, palavras e idéias. Pois a vida também é mobilidade, impaciência por mudança, relação com um plural do outro. (CERTEAU, GIARD, 2008, p.207)

A frágil barreira simbólica que separava o privado do público vinha abaixo quando os donos da casa recebiam com maior intensidade seus convidados, ou não¹³⁴, para participarem de um samba¹³⁵ em sua residência. Neste âmbito, podemos descrever a grande maioria das casas das décadas de 1950 e 1960 como compostas por uma sala, quarto(s), uma ‘sala do meio’, uma cozinha e um banheiro fora da casa (quando este existia). Estes cômodos eram feitos com tijolos manuais, geralmente sem reboco, sendo de extensão maior ou menor quanto ao espacial a depender das condições financeiras de seus moradores. Neste aspecto, podemos observar que havia ainda casas de taipa, que serviam aos que não tinham condições de fazer de tijolo. Os móveis eram poucos como nos aponta Dona Sebastiana:

Janielly: Os móveis eram poucos naquela época?

Sebastiana: Num tinha móveis não. Os móveis eram bancos, bancos. Tinha uma mesa.

Janielly: E a cama?

Sebastiana: Somente. Tinha o baú.

Janielly: Guardava as roupas no baú?

Sebastiana: Num tinha luxo nas casa não, e tinha casa que num tinha nem um banco pra se sentar, sentava nuns tecidos no chão. Era pra quem era rico.¹³⁶

Sendo os móveis da sala basicamente os bancos, em ocasiões de festa eram colocados nos cantos das paredes para que o salão ficasse livre a ocupação dos dançarinos daquela noite. A sala da família transformara-se em espaço praticado pelos passos regidos pela música, pelas conversas ao ‘pé do ouvido’, pelas histórias de vida que vieram ser construídas ali.

3.1 TROCANDO OLHARES, TECENDO HISTÓRIA(S)

A iluminação da sala ficava por conta de candeeiros a serem distribuídos pelo salão como nos narra seu Manoel Gomes: “Olhe naquele tempo que agente dançava forró, o povo

¹³⁴ Às vezes, chegavam pessoas nos forrós que não eram convidados diretos do dono da casa, no momento em que os seus convidados convidavam outras pessoas, ou mesmo o mestre-sala convidava.

¹³⁵ O forró era também chamado de baile ou samba por seus participantes nas décadas de 1950 e 1960.

¹³⁶ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

fazia os forrós, era um forró pé-de-serra, começava de oito hora invante, as luz era uns candieiro, era uns candieiro feito cum pavão [...]”¹³⁷

O candieiro era um instrumento de iluminação portátil, feito de zinco com o pavio de algodão torcido, abastecido a gás, que servia para trazer luz à sala ocupada pelo forró. Neste âmbito, além do olfato regrado pelo cheiro de fumaça, a visão era requisitada pela luz avermelhada/alaranjada dos candieiros espalhados pelo espaço. Como nos afirma a senhora Joana Maria, “[...] in todo quarto de gente tinha, um que era mode ficá muito claro, que naquele tempo iscuro [...]”¹³⁸ A depoente possibilita-nos pensar os acontecimentos geridos junto ao escuro, acontecimentos estes não interessantes à sociedade que participava do festejo, nem às normas de conduta da época.

O escuro era perigoso como já advertia a canção “Derramaro o gai”, entoada por Luiz Gonzaga, de autoria sua juntamente com Zé Dantas, gravada em 1956:

[...]
 Apagaro o candieiro, derramaro o gai
 Coisa boa nesse escuro, já sei que não sai
 Já não estão mais respeitando, nem eu que sou pai
 Pois me deram um beliscão, quase a calça cai
 Por isso nesse coco não vadeio mais

No escuro desse jeito ninguém se distrai
 Pai de moça nessa festa só vai ter trabai
 Seu Zé Chico nesse coco Izabé não cai
 O seu noivo ta querendo, mas eu sou o pai
 Ou acende o candieiro bem cheim de gai
 Ou ela nesse coco não vadeia mais
 [...]”¹³⁹

A visão aqui aparece como instrumento privilegiado para a manutenção dos códigos de conduta da sociedade em meio ao espaço forró, por isso a iluminação é essencial. Sob o olhar atento da sociedade, os corpos são cuidadosamente vigiados, e quando esta possibilidade é vetada a preocupação é evidente, até porque os indivíduos têm a possibilidade de recorrer a outro sentido, que carrega outras sensibilidades, o tato. No escuro este sentido pode ser mais aguçado, a fronteira do proibido e do permitido pode ser quebrada, já que não se vê os atos do outro, nem quem está presente naquele momento.

¹³⁷ Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007.

¹³⁸ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

¹³⁹ Letra de Zé Dantas e Luiz Gonzaga. **Derramaro o Gái**. RCA Victor: 1956. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=126&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

Neste campo de atuação dos sentidos, é importante perceber com Albuquerque Júnior (2008, p.113) que “[...] nossa sensibilidade é histórica: o tato, o olfato, o paladar, a visão, e a audição também são testemunhas de um dado tempo e de um dado contexto social [...]”. Os cuidados com a moral e os ‘bons costumes’, ao serem transpassados pela suspeita e vigilância da visão proclama a sociedade que se quer construir e se manter, faz-nos ainda perceber que paisagens foram produzidas cotidianamente para os corpos, e os gestos destes, perante a sociedade no forró.

Era sob o olhar desta sociedade vigilante que as moças de família não podiam habitar o salão junto de ‘mulheres da vida’ ou ‘à toa’, como o senhor Cícero Lourenço da Costa (61 anos) nos atenta, ao narrar suas memórias dos forrós:

Cícero: Bem, tinha sim, porque naquele tempo, você chegava, você chegava numa sala, tinha, era escolhido as moça pra dançá se, comparação, a menina chegasse com duas moça pra dançá no mei daquele pessoal, se visse uma pessoa diferente, ninguém queria dançá, ‘ou fulano tira, ou fulano tira fulana da sala ou se não eu carrego minhas fia que num dá’.

Janielly: Porque era desconhecida?

Cícero: Não, não porque era à toa.

Maria: Porque era mulher da vida.¹⁴⁰

A mulher ‘à toa’ era estigmatizada cotidianamente pela sociedade, fazendo com que nos espaços do forró não fosse diferente. Numa sociedade impregnada por códigos e valores que limitavam comportamentos, que geriam os corpos, principalmente no campo da sexualidade, a prostituição era uma prática marginalizada, identificada em oposição aos papéis de mãe, de senhora casada, e de moça de família.

O lugar da ‘mulher da vida’ era demarcado na sociedade das Braúnas/Baraúnas das décadas de 1950 e 1960 e regiões circunvizinhas, de preferência a escuridão deveria fazer valer sob este aspecto da sociedade, considerado necessário, mas sujo e por isso deveria ser guardado a ‘sete chaves’, como um segredo que não se quer revelar. Segredo em relação aos seus pares de gênero, ao feminino, onde o medo da ‘contaminação’ era eminente. A separação entre as moças, as senhoras casadas e as ‘mulheres da vida’ deveriam existir, demarcando social e culturalmente os lugares atribuídos a cada uma na sociedade. Desta forma, a senhora Sebastiana Azevedo complementa a fala do senhor Cícero Lourenço, ao narrar:

¹⁴⁰Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2007.

Sebastiana: [...] Em festa de casamento, em baile, essas mulheres da vida não dançavam. Dançavam não. [...] Se elas fossem, podia ir, mas não dançavam junto com as moças não, nem com as mulheres casadas. Elas dançavam depois, só elas.

Janielly: Com os homens ou não? Só elas sozinhas?

Sebastiana: Não, dançavam com os homens. Mas quando era pra dançar, não dançavam junto com as moças, nem com as mulheres casadas.

Janielly: Quer dizer que primeiro era as mulheres casadas e as moças, aí depois [...]?

Sebastiana: Era. Aí depois, já no fim elas dançavam.¹⁴¹

O limite do permitido e do proibido é proposto neste campo de atuação pelos códigos morais da sociedade, dos gêneros. A prostituição era perigosa e deveria ser afastada dos olhos e dos contatos das moças de família e das mulheres casadas. As 'mulheres da vida' só poderiam habitar o salão no final da festa, quando a maioria das respeitadas senhoras e senhoritas já havia deixado o recinto.

As normas e os códigos sociais e culturais buscavam serem postos em prática, principalmente no caso do gênero feminino, ao masculino havia a possibilidade de rachaduras, que produziam brechas. No momento em que as 'mulheres da vida' podiam dançar com os homens no baile, ou forró, a sociedade dava espaços aos relacionamentos entre estas mulheres e os homens que se dispusessem a relacionarem-se com elas.

O proibido às mulheres honradas sedia espaço ao permitido aos homens que se propusessem relacionar com as mulheres 'à toa', e como estes possuíam autoridade perante o público feminino, estas não podiam interferir diretamente nos atos dos mesmos. Não poderiam proibir publicamente que os seus companheiros, os namorados, ou os pretendentes se colocassem no salão, a bailar juntamente com as 'mulheres da vida'. O que não impedia que as mulheres usassem de suas artimanhas para buscar convencer do contrário. Os rostos zangados, os beliscões, e até uma comida queimada ou salgada, uma roupa mal cuidada eram possibilidades de artimanhas utilizadas no outro dia em casa.

Os relacionamentos entre os homens e as mulheres historicamente construídos na sociedade e no tempo atuam na produção dos costumes, favorecendo sua afirmação ao longo da jornada vivencial, o que não exclui a possibilidade do romper o jogo e do fazer diferente; embora de maneira sutil, sem chamar a atenção aos olhos vigilantes daqueles que buscam estabelecer a permanência dos códigos sociais e culturais ao longo do tempo. Como nos ajuda a pensar Albuquerque Júnior (2007, p.125): "[...] o costume não é algo que se impõe de forma completa a um indivíduo; o costume não é sempre semelhante a si mesmo, mas ao contrário, está sempre em mutação, pela atuação ética, da liberdade dos indivíduos."

¹⁴¹ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

No cotidiano das décadas de 1950 e 1960 das Braúnas/Baraúnas o projeto de vida e de relacionamentos entre homens e mulheres buscava ser efetivado, tendo como suporte o masculino em detrimento do feminino. Neste conjunto, de forma sutil, jogando nos meandros do possível, as mulheres colocavam em prática suas inventividades, propondo artimanhas para se favorecer diante do jogo masculino de comando da sociedade.

No que concerne à demarcação de lugares de sujeitos entre os gêneros nos salões dos forrós, uma figura muito importante deve aqui ser apresentada, o mestre-sala. Ele era o organizador da festa, podia ser um membro da família que acolheu a festa ou uma pessoa convidada para servir como mestre de cerimônias. Neste sentido, o senhor Cícero Lourenço nos conduz a forma como atuava um mestre-sala:

[...] Primeiro, primeiro forró nós, quande agente era pra fazê os forró, aí chegava a pessoa, o dono da casa, do forró e dizia 'tá dia, tá dia tem uma festa lá na casa de seu Mané, seu José', de qualqué pessoa né. Aí agente, como se diz, ajeitava aquela festa, chamava aquele povo e tudo bem, quando era naquele dia, eu, como se diz, chegava como mestre-sala logo cedo e o pessoal butava a janta, aí falava assim, quem fosse dançá [...], comia mais logo e quem num fosse ficava, como si diz assim, reservado, né.

[...]

Aí, quem fosse dançá, eu saia perguntano:

_ Vai dançá?

_ Vô.

_ Vai dançá?

_ Vô.

[...] ¹⁴²

Além de conduzir os pares à dança, o mestre-sala tinha a obrigação de recolher à cota para o tocador ou sanfoneiro. Sendo o homem o responsável pelo pagamento da cota, fugir a esta responsabilidade era motivo de vergonha para ele, e no caso, de ser solteiro para o seu pai. Seria um sinal de que o patriarca da família não havia dado a educação adequada, nem imprimido os códigos sociais e culturais que lhe era indicado. O próprio mestre-sala, Cícero Lourenço, possibilita-nos pensar esta questão ao declarar:

[...] Meu pai às vezes dizia:

_ Você vai pra festa, mais, oi, num é pra bebê, num é.

Como se diz assim:

_ Dançá num me porta que dance não, praque se dançá é festa, agora só tem que eu vou dizer-te uma coisa no dia que pegá num braço duma cavalera só tenha se tive o dinheiro no boço pra pagá, se num tive [...] você num faça vergonha a seu ninguém no mei de uma sala.

Eu digo:

¹⁴² Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2007.

— Tá certo.
 — É puraf agente, como se diz, viveu assim [...] ¹⁴³

Assim como lugares do feminino eram postos em evidência no cotidiano da sociedade das Braúnas/Baraúnas, juntamente com os sítios circunvizinhos, os lugares do masculino também. Ser o provedor do lar e do divertimento era um requisito para este ser considerado um chefe de família exemplar. No caso dos solteiros, era o anúncio de que era um homem para casar, pois tinha condições de sustentar sua família, embora que, para isso custasse muitos dias de suor, e sol quente no roçado. A maioria tinha condições financeiras desprivilegiadas e por isso trabalhava muito, para ganhar seu sustento. Mesmo assim uma depoente nos diz que “era pouco dinheiro, mas muita alegria” ¹⁴⁴.

Mesmo diante de normas sociais rígidas, a possibilidade do drible era iminente. As astúcias do cotidiano poderiam favorecer, ou não, aquele que buscasse romper com o proposto, como ainda nos conta o senhor Cícero Lourenço, a partir de uma experiência sua enquanto mestre-sala:

Agora tinha um cara, que quando cheguei assim, repara, já era quase uma graça, tinha cara que chegava, que num quiria pagá a cota, aí mudava a camisa, ia lá butava a camisa, ou butava um boné, aí chegava no mei da sala, eu cobrava a cota de dez, doze, quinze, vinte, mais ele achava que ele ia ficá perdido aí pa num pagá a cota, aí quando chegava lá dizia assim:

— Ei, meu amigo vamo pagá a cota?

Ele disse:

— E, eu num já paguei.

Eu digo:

— Aonde?

Ele disse:

— Aqui.

Eu digo:

— A mim você num pago não vice, é tanto que você num pagou que você butou esse bonezim, quera pra dize que você, que tinha pagado, e mudou essa camisa pra dizê que você, que tinha pagado, aí você mudou de coisa, que’u quano eu, quano eu, quano eu vou tomá a cota, eu verifico a camisa, o feito, que você produz, se você pagou e se num pagô.

Eu num precisava de lista, era difícil, de lista assim quando eu pegava uma pessoa, assim, como se diz, um bale grande [...] ¹⁴⁵

Neste caso narrado, percebermos que a busca de driblar o mestre-sala foi posta em ação, mas que este último usando de sua experiência e habilidade, bem como do recurso da

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Otilia Mariano da Silva Souza. Entrevista realizada em 09 de Julho de 2011.

¹⁴⁵ Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2007.

observação soube barrar a astúcia construída. O enredo produzido pelo rapaz que mudou de camisa e trocou o boné não fez sucesso perante o mestre-sala, que usou de seu aguçado sentido da visão, para romper com o enredo, com a tática de jogo proposta.

A atuação do mestre-sala nos salões dos forrós postula a estratégia, conforme nos possibilita pensar Certeau (2007, p.97-102) no momento que postula um gerenciamento das relações entre os sujeitos no espaço em festa, pagar a cota para o tocador era necessário na condução da festa; deste modo, a pessoa responsável por gerir esta estratégia construída para os forrós era o mestre-sala. Estratégia que também podia ser apreciada pela possibilidade do rompimento, como ainda nos conduz a reflexão Certeau (2007, p.97-102).

A tática como forma de jogar com o terreno do outro, o movimento dentro do campo do inimigo, possibilitava os sujeitos que não queriam submeter-se à estratégia tentar burlá-la. O caso do rapaz que trocou a camisa e o boné, pode ser colocado como uma tática a procura de romper com a estratégia. Embora sabendo, a partir da narrativa elencada, que este caso não tenha dado certo, não significa pensar que outros não o tenham. Neste jogo, as táticas, na similitude com as astúcias buscam caçar dentro do campo de ação do outro, criando surpresas e propondo, em meio à vigilância, outras possibilidades.

No momento que as astúcias/táticas propostas não conseguem alçar voos, a estratégia consegue impor-se como no caso da narrativa do senhor Cícero Lourenço, quando este consegue romper à tática, e propor a consolidação da estratégia. Desta forma, podemos perceber mais uma vez com Certeau (2007, p.100) que a estratégia

É também um domínio dos lugares pela vista. A divisão do espaço permite uma *prática panóptica* a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar portanto e “incluir” na sua visão. Ver (longe) será igualmente prever, antecipar-se ao tempo pela leitura de um espaço.

A visão, sentido privilegiado para vigilância dos corpos no espaço, atua aqui como recurso indispensável na postulação da estratégia nos espaços do forró. Neste campo de atuação, o sentido da visão e o lugar do masculino, diante da cota estabelecem ainda uma estratégia social que serve a normatização dos corpos. Estratégia rompida aqui por seu Severino Rodrigues (71 anos) em uma das festas de casamento organizada por sua pessoa:

A cota. Chegava, quando era um tocado bom [...] Aí ele, tocando, naquele cantá, naquele palanque acolá, aí quane cobrava a cota, mandava uma pessoa cum cadernim, era as fia de Pedim, duas as moças, aí chegava fulano de tá, fulano de tá,

pronto. Aí cobrava vinte, trinta pessoa num magote assim. Nesse tempo, era bom num tinha zuada não, por bestera não.¹⁴⁶

A figura masculina do mestre-sala, neste caso, cede espaço a duas figuras femininas, moças, rompendo assim com o lugar do masculino instituído para o mestre-sala. O motivo está diretamente ligado ao afastamento do sentido da visão na distinção do pagamento, ou não pagamento da cota. Neste conjunto, saber ler e escrever contribuiu na quebra da estratégia social postulada diante do masculino.

Festas de casamentos como estas, serviram para firmar cotidianamente a instituição família como necessário a sociedade. Festa que marcava a finalização de um namoro/noivado tendo como ponto chave a celebração do casamento, e que também possibilitava o início de outros enlaces entre os gêneros. Os ritos dos namoros nas festas de casamentos poderiam ser iniciados.

Neste âmbito, o primeiro passo, para o namoro se colocaria a partir do *flirt*¹⁴⁷. Trocas de olhares entre os gêneros – masculino e feminino – que poderiam conduzir, ou não, a aproximação entre os corpos que se colocavam a bailar no salão. Rito inicial do desejo que (re)quer aproximação coloca-se pela sensibilidade das paisagens visuais, que constroem significados e formas de experimentação do mundo que nos cerca.

Os namoros que chegavam pelo olhar podiam ter significados diferentes para cada sujeito que participa da troca. Quando o entusiasmo e/ou encantamento não acontecia simultaneamente ao par que se olhava/entreolhava, para um podia significar namoro, para outro não, apenas uma passagem fugidia na escolha do candidato(a) ideal naquele momento. Observemos a narrativa do senhor Manoel de Melo Azevedo Filho (79 anos), mais conhecido como Minizim:

Aí, rapaz. Na época da gente, na época da gente, eu mesmo com vinte ano, namorava não, inventava de namorar. Aí tinha umas moça que eu namorava. Tinha uma moça lá, bem novinha, bem bonitinha, gordinha, bonita, bonita, mesmo. Uma mocinha bem bonitinha com vontade de namorar comigo. Eu matuto vei. Aí eu nunca namorei com ela não, só olhava. Aí passou-se, passou-se quando foi um ano, tem um João Ferreira lá em Cuité, que tinha um campo de agave. Do lado do campo de agave tinha assim, umas casa. Tinha duas mulher no batente, eu fui tomar água. Quando chego lá rapaz, essa menina, parece que já era casada, sentada num batente. Aí quando ela me viu disse: _ O primeiro namorado meu. Aí. _ Rapaz, tu sois Palmira. Ela disse: _ Sou. Aí, a outra: _ Fei desse jeito. (risos) Uma expressão

¹⁴⁶ Entrevista realizada em 03 de Novembro de 2007.

¹⁴⁷ Utilizamos durante o desenrolar do texto as palavras *flirt* e *flerte*, que possuem o mesmo sentido, a diferença é que esta última foi aportuguesada.

pronto. Aí cobrava vinte, trinta pessoa num magote assim. Nesse tempo, era bom num tinha zuada não, por bestera não.¹⁴⁶

A figura masculina do mestre-sala, neste caso, cede espaço a duas figuras femininas, moças, rompendo assim com o lugar do masculino instituído para o mestre-sala. O motivo está diretamente ligado ao afastamento do sentido da visão na distinção do pagamento, ou não pagamento da cota. Neste conjunto, saber ler e escrever contribuiu na quebra da estratégia social postulada diante do masculino.

Festas de casamentos como estas, serviram para firmar cotidianamente a instituição família como necessário a sociedade. Festa que marcava a finalização de um namoro/noivado tendo como ponto chave a celebração do casamento, e que também possibilitava o início de outros enlaces entre os gêneros. Os ritos dos namoros nas festas de casamentos poderiam ser iniciados.

Neste âmbito, o primeiro passo, para o namoro se colocaria a partir do *flirt*¹⁴⁷. Trocas de olhares entre os gêneros – masculino e feminino – que poderiam conduzir, ou não, a aproximação entre os corpos que se colocavam a bailar no salão. Rito inicial do desejo que (re)quer aproximação coloca-se pela sensibilidade das paisagens visuais, que constroem significados e formas de experimentação do mundo que nos cerca.

Os namoros que chegavam pelo olhar podiam ter significados diferentes para cada sujeito que participa da troca. Quando o entusiasmo e/ou encantamento não acontecia simultaneamente ao par que se olhava/entreolhava, para um podia significar namoro, para outro não, apenas uma passagem fugidia na escolha do candidato(a) ideal naquele momento. Observemos a narrativa do senhor Manoel de Melo Azevedo Filho (79 anos), mais conhecido como Minizim:

Aí, rapaz. Na época da gente, na época da gente, eu mesmo com vinte ano, namorava não, inventava de namorar. Aí tinha umas moça que eu namorava. Tinha uma moça lá, bem novinha, bem bonitinha, gordinha, bonita, mesmo. Uma mocinha bem bonitinha com vontade de namorar comigo. Eu matuto vei. Aí eu nunca namorei com ela não, só olhava. Aí passou-se, passou-se quando foi um ano, tem um João Ferreira lá em Cuité, que tinha um campo de agave. Do lado do campo de agave tinha assim, umas casa. Tinha duas mulher no batente, eu fui tomar água. Quando chego lá rapaz, essa menina, parece que já era casada, sentada num batente. Aí quando ela me viu disse: _ O primeiro namorado meu. Aí. _ Rapaz, tu sois Palmira. Ela disse: _ Sou. Aí, a outra: _ Fei desse jeito. (risos) Uma expressão

¹⁴⁶ Entrevista realizada em 03 de Novembro de 2007.

¹⁴⁷ Utilizamos durante o desenrolar do texto as palavras *flirt* e *flerte*, que possuem o mesmo sentido, a diferença é que esta última foi aportuguesada.

cachorra da muléstia. Porque realmente, toda vida eu fui fei, mas o cabra dizer assim.¹⁴⁸

Esta narrativa possibilita-nos pensar algumas propostas da sociedade das Braúnas/Baraúnas e regiões circunvizinhas nas décadas de 1950 e 1960. A primeira diz respeito ao próprio ato de olhar, o cruzamento de olhares entre os gêneros, que está diretamente ligado ao jogo do namoro. Neste caso, podemos observar que os olhares de Minizim e Palmira, abarcaram significados diferentes entre o par. A exemplo de Minizim, o olhar representou admiração da beleza, mas não no sentido de namoro. Já no caso da moça, Palmira, o olhar representou o próprio ato de namorar.

O flirt para Minizim, assim como para outros homens, significava apenas encontro de olhares, à avaliação das moças apresentadas ao desejo, o passo inicial na construção do namoro que nem sempre ocorreria, e que por isso a efetivação da troca de olhares com outras moças alargava o leque de possibilidades de escolhas. Todavia, essa situação não era somente privilégio do público masculino, embora que mais discretamente as mulheres se arriscavam a prática do flirt com mais de um rapaz como nos convida a pensar Del Priore (2011a, p.279): “A transformação do flirt para o namoro propriamente dito não ocorre sempre; há moças que se deliciam e divertem apenas flertando de modo sucessivo e até simultâneo com mais de um rapaz.”

Outra questão interessante que nos chega pela fala do senhor Manoel de Melo diz respeito à construção do ideal de beleza da época em jogo. Quanto este senhor coloca a respeito da candidata a namoro, “uma moça lá, bem novinha, bem bonitinha, gordinha, bonita, bonita, mesmo”, ajuda-nos a pensar que apesar da moda da mulher magra, já deflagrada no início do século XX¹⁴⁹, aqui o modelo da mulher gordinha e bonita tem ainda voz e vez. Quando Manoel de Melo proclama esta fala a partir das narrativas de memórias, leva-nos a pensar que este modelo de figura feminina desejada no passado, tem significado ainda no presente para ele, bem como para outros sujeitos.

Quantas pessoas já não ouviram de senhores e senhoras idosas ‘você engordou está tão bonito(a)’, o que nos faz pensar que as experiências do passado ainda povoam o presente, atuando na construção de identidades estéticas, neste caso, do ser feio ou ser bonito. Nesta perspectiva, Candau (2001,p.19) possibilita-nos percebermos que “[...] memória e identidade

¹⁴⁸ Entrevista realizada em 29 de Junho de 2011.

¹⁴⁹ Ver DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p.245.

se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução.”

Identidades estéticas que nos chegam pela memória, pelas narrativas de memórias, e que nos fazer refletir o corpo como produzido historicamente pela sociedade e pelo tempo. Um corpo que, ao mesmo tempo produz e é produzido; que se constrói e é construído no individual e no coletivo; que como objeto de investigação é plural. Um corpo que segundo Diwan (2010, p.119), “[...] é visto pelos historiadores como um documento vivo, repleto de significados sobrepostos por inúmeras temporalidades [...]”

Um corpo que devia ser vestido da melhor maneira possível para habitar os salões regidos pelos acordes do fole ou da sanfona. Os corpos masculinos e os femininos deviam impressionar os olhos dos sujeitos participantes do espaço em festa, a ‘boa aparência’ era requisito básico para atrair os olhares da sociedade e da(s) pessoa(s) desejada(s). Pela narrativa da senhora Joana Maria, observemos exemplos de roupas que serviam ao corpo feminino, principalmente na década de 1950 nos espaços das Braúnas/Baraúnas e regiões circunvizinhas:

[...] sem manga eu também nunca gostei, de usá não. Naquela época, né, gostei não. Aí eu usava, assim, uma manguinha, assim, num era quimono, que nesse tempo chamava-se, né, era manguinha curta [...] que era muito escandalosa não. [...] usava muito godê, reverso. [...] Comprida, longo, chamava-se longo, né. Gostava muito de colocá umas sianinhas, chama-se sianinha, assim. Ficava muito lindo, uma sianinha, chamava-se assim, eu, eu usava muito que a minha mãe, só de filha é, que tinha só eu, que a minha irmã casou muito nova, eu fiquei sozinha, a minha mãe gostara muito de luxá comigo, né. Aí tinha, assim [...] todinha cheinha de babado, ou então, godê duplo e godê buraco. Godê buraco, é, eu gostava, agora, e reverso, agente tumbém usava muito, só num é muito escandaloso, nesse tempo, num usava muito escandaloso não, mas, sim, usava mais vestido. Esse negócio de saia e brusa, não. Na minha época, só se era outras pessoa, mas num lembro não, era somente vestido, agora muito franjídím, franjídím, a coisa mar linda. Eu mandei uma mulé fazer um vestido, a coisa mar linda, ela fez pra mim, era inté de falho.¹⁵⁰

Na década de 1960 os modelos eram bem parecidos, só perdiam um pouco de pano embaixo na saia, porém ainda não deixando os joelhos de fora, e algumas mulheres já se rendiam ao vestido sem manga, todavia, ainda ‘composto’ na parte de cima do vestido. Como vem nos dizer Buriti (2011, p.44) se remetendo ao cotidiano brasileiro do século XIX, mas que ainda os mesmos preceitos encontravam respaldo na sociedade e na temporalidade aqui estudada, “[...] Os novos estilos de vestir seduzem o olhar das mulheres e dos homens,

¹⁵⁰ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

desejosos de mudar o cotidiano do corpo coberto, de agradar ao outro, de surpreender, de ofuscar gorduras, de marcar o território pela distinção social, pela teatralidade do traje. [...]”

O traje masculino também devia seduzir os olhos das mulheres. Neste sentido, seguindo o ritmo das primeiras décadas do século XX, em 1950 o paletó e a gravata continuavam na moda, nos espaços do forró, como nos informa o senhor Manoel Gomes: “[...] tudo formado, impalitozado, e a gravata no pescoço. Era tudo ingravatado, era, tudo impalitozado, uma gravata, tudo dançando.”¹⁵¹

Já na década de 1960, outra maneira de vestir do masculino ganha espaço, deixa-se o paletó e a gravata de lado, para entrar em cena a ‘Camisa Volta ao Mundo’, como nos chama a atenção o senhor Cícero Lourenço:

As camisa volta-o-mundo, eu sei que tinha tempo aqui que se você fosse uma festa num pissuísse uma camisa volta-o-mundo. [...] agora só que tinha uma coisa, eu tinha uma manta comigo, nunca fui uma festa pra dizê assim:

_ Essa roupa primeira aqui eu vou transferi, hoje a festa cum essa, e amanhã eu dancei cum essa.

Se tivesse oito bale, numa, num mês eu vestia oito roupa nova.¹⁵²

Feita de nylon, composição sintética, parecia emborrachada. Era de fácil lavagem, alguns dispensavam até passá-la, porém os(as) mais insistentes que quisessem entrar por esse caminho tinham a necessidade de manter constante cuidado ao passar com o ferro a brasa para não queimá-la. Cuidado também recomendado na hora de ir habitar os salões dos forrós com as faíscas de cigarro, ou quando existia, com as faíscas das fogueiras, já que qualquer fagulha poderia queimá-la, estragando a peça do guarda-roupa masculino, que nesse caso o móvel era um baú.

De acordo com Diwan (2010, p.126), “A valorização da aparência não é um fenômeno exclusivo do século XXI. A aparência é histórica.” Neste contexto, preparar-se para ir habitar os forrós, ou outro evento social era extremamente importante para homens e mulheres, podendo favorecer ou não, os relacionamentos amorosos, bem como sociais. Chamar para si os olhares dos outros era requisito básico para afirmação, enquanto sujeito na sociedade. Neste caso, o corpo era vestido não somente para o gênero oposto, mas também para o semelhante. Quantas moças não se vestiram para chamar a atenção dos pretendentes do gênero masculino, mas também das amigas, como forma de se sobrepor esteticamente a elas. Seguindo esta linha de pensamento Diwan (2010, p.127) acrescenta:

¹⁵¹ Entrevista realizada em 11 de Novembro de 2007.

¹⁵² Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2007.

[...] a 'boa aparência' é pré-requisito da moda. A 'boa aparência' (ou a adequação ao padrão de beleza) está diretamente ligada à exposição de si, mas também ao reconhecimento do outro (que é fruto direto do valor social atribuído às aparências). É sabido que o padrão de beleza oscilou historicamente. [...]

Tanto no corpo, quanto nas roupas e adereços que o vestem, a boa aparência deveria ser prezada e mantida perante a sociedade que anseia o desfile de moda nos espaços em festa, principalmente no que se refere ao feminino. Assim, sempre se buscava fazer uma roupa nova, sobretudo, quando se tratava de festas de casamentos, que ainda culminava com o baile, o forró. As moças e rapazes que tinham condições financeiras recorriam às costureiras, procurando os melhores tecidos e modelos, observando sempre a moda em voga. Neste contexto, poderiam recorrer à loja de Socorro de Zé Lourenço para comprar os tecidos, no período que ela residiu nas Braúnas/Baraúnas.

Para aqueles e aquelas que tinham a mãe em casa que costurava, ou no caso das moças, quando elas próprias produziam seus vestidos, era uma opção que favorecia a consolidação de um baú recheado de vestidos, no caso feminino, para serem usados nas festas e/ou nos forrós. Porém, mesmo tendo uma dama na casa que se propusesse a costurar, a situação financeira não privilegiava a todos. Quantas vezes a mãe de família, que realizava as costuras dos filhos em casa, não comprava um 'corte' de tecido e fazia roupas para os meninos e meninas, moças e rapazes, do mesmo tecido, propondo uma economia doméstica.

A partir das paisagens visuais promovidas nos espaços dos forrós, podemos perceber com Albuquerque Júnior (2008, p.121) que "A visão é o aparelho de experimentação do mundo e o olhar é o instrumento de significação privilegiado quando se trata da construção de espacialidades." Diante dos contornos elencados pela visão, é possível estabelecer leituras espaciais e sensíveis de uma sociedade e de uma temporalidade nos meandros dos relacionamentos entre homens e mulheres que constroem cotidianamente sua(s) história(s).

3.2 "NO RESFOLÊGO DA SANFONA ATÉ O SOL RAIÁ"

Tendo como suporte a reflexão acerca das paisagens visuais, é importante ainda pensar que não somente elas constroem os espaços da sociedade, como no caso dos forrós, mas também outras paisagens sensíveis, como a que seguiremos daqui em diante, as sonoras. As paisagens sonoras indicam e dão contornos as espacialidades pelo jogo da memória, que nos

chega pelas narrativas orais e pelas músicas cantadas e tocadas nesses espaços de lazer, sociabilidades e sensibilidades dos forrós.

Num primeiro momento, são as narrativas orais que se configuram em paisagens sonoras para dá contornos a este trabalho. Como nos aponta Kofes e Piscitelli (1997, p.346): “[...] Os sujeitos sobre os quais se debruça uma pesquisa narram ao pesquisador eventos, trajetórias, valores, ações, atores e enredos, e é isso também que o pesquisador relata aos seus leitores. [...]”.

Por meio da oralidade que nos chegou pelos depoimentos concedidos, debruçamo-nos sobre os sujeitos e suas sensibilidades junto à atuação nos espaços do vivido, e construímos uma narrativa sobre as sociabilidades dos gêneros, no caso deste capítulo, nos forrós. Neste sentido, podemos compartilhar com Oliveira (2006, p.247-248) na afirmação de que “[...] o campo em que se manifesta o universo da oralidade inscreve-se no mundo dos sentidos, e mais especificamente na esfera da audição.”

Sociabilidades que se realizam através de conversas entre os sujeitos, demarcando a sonoridade da fala no espaço em festa. A conversa entre o casal durante a dança, entre os homens junto ao mestre-sala, às senhoras na cozinha durante o ato de fazer e saborear o café. Neste caminho, a senhora Joana Maria nos relata:

[...] Acostumava ir mais minha mãe, nós nunca entrava pela sala, nós entrava pela cozinha né. É, aí nós entrava pela cozinha e ficava na sala, agora só qui fora, no terrero ninguém saia não, as moças num sais nessa época, pra fora não. E, era dentro de casa, era bom por caso de qui num acontecia nada, agente dançava a noite todinha né, e as mães tava tranqüila ali conversando com as amigas mais veia dela, os vei, e agente era soltera, era moça nova, 15 anos, si divertindo lá na sala né. [...] ¹⁵³

As conversas entre as senhoras de família serviam para atualizarem os assuntos sobre a vida e o cotidiano uma das outras, serviam também para propor os códigos comportamentais da sociedade. Quando na narrativa acima, esta senhora coloca que as moças não saiam ao terreiro, o motivo para muitas não o fazerem era a vigilância das mães, que mesmo a conversar estavam atentas as filhas, para depois não serem chamadas à atenção pelos esposos, por não terem ‘cuidado direito’ delas.

¹⁵³ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

No caso das conversas junto ao mestre-sala, os principais temas tratados eram relativos ao corte por parte das cavaleiras¹⁵⁴, ou a cota a ser paga. Sobre o corte, o senhor Cícero Lourenço revela que quando alguém estivesse insatisfeito “[...] podia falá pra pessoa, quera pra num dá confusão e nem briga.”¹⁵⁵ Já sobre a cota, ele nos narra uma situação que aconteceu com a sua pessoa, a qual teve que ser desenrolada uma conversa extensa para resolver:

Aí foi, quando foi negócio dez hora da noite chegou um cara. Aí tinha cobrado cota de todo mundo, ele começou a dançá, eu digo:

_ Ei meu amigo, vamos coperá aqui com dinheiro do tocado!

Ele disse:

_ Quem?

Eu:

_ O senhor.

Ele disse:

_ Toda festa, eu ainda num fui uma festa pá pagá a cota não.

Eu digo:

_ Mais nessa daqui o senhô paga!

Ele disse:

_ Por que o senhor disse que eu pago?

Eu digo:

_ Porque se o senhô, nas soutra que o senhô foi num pago, nessa daqui o senhô paga, porque quem tá cobranço cota sou eu, e quem trouxe o tocado foi eu, eu quero sabê se o senhô num vai pagá?

Aí ele disse:

_ Eu vou lhe amostrar seu pago!

Eu digo:

_ Eu vou lhe amostrar se você dança!

Aí ele tava dançando, aí eu tomei a cavalera, tomei a cavalera dele, entreguei pra outro e nós ficemo conversano. Aí eu digo:

_ Ói, a coisa melhó que foi, eu já tomei a cavalera, o senhor num vai dançá, eu num vou dizê que o senhô vai dançá comigo, porque eu num gosto de dizê que o senhô dança comigo, porque home dançá cum home é coisa muito feia.

Aí ele ficou, reservou-se um pouquim, rapai me chamou eu, pra'ssim, prum canto reservado e eu banqueei a bestera de ir, depois que o cara pensa, certas coisa o cara pensa depois né. Aí eu acompanhei ele,

_ Rapaz, manera a barra pra mim, quanto é a cota?

Eu digo. Eu num me lembro nem quanto era, eu disse:

_ A cota, a cota é tanto.

Ele disse:

_ Receba tanto.

Eu disse:

_ Quero não.

_ Receba tanto.

Eu disse:

_ Quero não.

Aí eu sei que, quando foi, você veja, repare, o cara deixou de dançá, num dançou, quando foi negócio de já mais tarde ele inficou a cara na bibida, bebeu, quando acabá pagou o mermo dinheiro, quase o dia amanhecido. E foi chamá eu pra

¹⁵⁴ Cavaleira era o nome pelo qual o homem chamava seu par junto à dança no salão, ao invés de cavalheiros e damas, chama-se cavaleiros e cavaleiras para nomear homens e mulheres, respectivamente, nos espaços dos forró.

¹⁵⁵ Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2007.

bebê também. Eu, depois eu ainda bibie umas chamada, mai num foi muito, cum muita cara, ele me chamou atenção, assim eu fui:

— Tá aqui o dinheiro do, da cota.¹⁵⁶

Nessa narrativa fica evidente que a regra de pagar a cota, por parte do masculino, era posta com muita ênfase por parte da sociedade, figurada nesta situação na pessoa do mestre-sala. Este usa de suas artimanhas para não provocar uma briga, mas atuando para não perder a palavra dada: ‘Eu vou lhe amostrar se você dança!’. Outro aspecto importante observado a partir dessa fala diz respeito às relações de gênero. Homem dançar com homem era ‘uma coisa feia’, perante a sociedade, o que implica uma questão de gênero, um código social e cultural proposto. No caso da mulher dançar com outra mulher, havia uma brecha, quando se tratava de senhoras casadas, as quais os maridos não queriam dançar e não deixavam que elas dançassem com outros senhores.

No que se refere à conversa entre o casal que estava a dançar, Dona Joana considera: “Bom, nessa época, agente era tudo jove, né, o rapaz as veis chamava agente pra dançá, já interessando na pessoa né, aí, quer dizê que rolava um papo né.”¹⁵⁷ Conversa desenrolada durante a dança que muitas vezes não poderia, deveria, ser travada diante de outros, seja familiares da moça, ou mesmo amigos(as).

Conversas que inscreviam sensibilidades. Da mesma forma, as músicas possibilitavam experiências do sensível, guardadas na memória, que nos chega através das entrevistas. Neste sentido, sobre as musicas escutadas nos forrós a senhora Joana Maria e o senhor Severino Passos informa:

Joana: Aí tinha muitas músicas de Luiz Gonzaga, [...] é, tinha, o Bale lá na roça, que quem tocava era intê um, um Zé Roça ali dos Currais, ele tocava essa música, né. Começava era a sofona, e outros também de, [...] fole, era sofona, fole, eu sei que era muito gostoso, muito maravilhoso, é. Agente ia, dançava demais e tinha aquela, uma música chamada de Chiquita Bacana, era chiquita bacana, lá da maquineta, ela se veste numa casca de banana nanica. Pois é, tinha assim, a foguera tá quemano, homenage a São João, é, tinha o Bale lá na roça, dizia que o bale lá na roça foi até o sol raiá. E era mermo, que nós só vinha mermo quando o sol raiava mermo, era maravilhoso demais. [...] tinha outra música, é, O meu amô é lindo, é, tinha a foguera está quemano, homenage a São João.

Severino Passos: Ah! Foi um sucesso, quando Luís Gonzaga saiu foi um sucesso. Luiz Gonzaga, Teixeira, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba, Chiquita Bacana, Marinez, também desse povo, parece que só tem vivo Marinez.

¹⁵⁶ Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2007.

¹⁵⁷ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

As narrativas de memórias citadas possibilitam considerações sobre as paisagens sonoras elencadas nas Braúnas/Baraúnas das décadas de 1950 e 1960 e nas regiões circunvizinhas. A primeira se refere ao envolvimento de uma marca de gênero, isso a partir do momento que a música Chiquita Bacana é citada por ambos os depoentes.

Chiquita Bacana foi uma composição carnavalesca, nascida em 1949, através dos compositores Braguinha, que ficou mais conhecido como João de Barro, e Alberto Ribeiro. Na voz de Emilinha Borba ela ganhou destaque. Chegando aos ouvidos dos tocadores e/ou sanfoneiros das regiões circunvizinhas as Braúnas/Baraúnas, esta música atraiu a atenção dos participantes dos forrós, principalmente do público feminino, a exemplo da senhora Joana, que apesar de atrapalhar-se um pouco na letra não esqueceu a música. Observemos então a letra da referida música:

Chiquita bacana lá da Martinica
Se veste com uma casca de banana nanica

Não usa vestido, não usa calção
Inverno pra ela é pleno verão
Existencialista com toda razão
Só faz o que manda o seu coração.

Além de ser uma letra de fácil aprendizagem, ela encantava as mulheres que sentiam vontade de romper com códigos sociais propostos. Vestir-se ‘com uma casca de banana nanica’, colocaria a vontade, por parte de algumas mulheres, de desprender-se de roupas longas e com pouco, ou sem, decotes. Além disso, quando a música remetia a só fazer o que o coração mandasse, colocava em cheque a sociedade regida pelos preceitos masculinos, que impunha as mulheres formas de comportamentos, e muitas vezes, até de escolher seus pretendentes a maridos. Vale salientar que algumas moças não tiveram a oportunidade de escolha do marido, pois quem ainda escolhia o noivo era o pai.

Saindo da marcha de carnaval, tocadas nos foles ou sanfonas nos forrós, vamos para as músicas cantadas por aquele que propagou, a partir da década de 1940, o Nordeste para o Brasil: Luiz Gonzaga¹⁵⁸. Juntamente com alguns compositores, a exemplo de Zé Dantas e Humberto Teixeira, Luiz Gonzaga conquistou pela audição boa parte da população do país,

¹⁵⁸ “É na década de quarenta que surge Luiz Gonzaga como criador da ‘música nordestina’, notadamente do baião. Ele, depois de passar por São Paulo, onde compra uma sanfona que desejava havia muito tempo, chega ao Rio de Janeiro em 1939, após dar baixa do Exército, onde tinha sido corneteiro entre 1930 e 1938. Nascido na Fazenda Caiçara, município de Exu, Pernambuco, em 1912, Gonzaga era filho de camponeses pobres; Januário seu pai, era sanfoneiro, artesão que consertava sanfonas e que animava bailes rurais nos fins de semana. [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, p.152)

principalmente do Nordeste, e os migrantes nordestinos que estavam no Sudeste. De tal modo, Albuquerque Júnior (2001, p.160) considera:

A música de Gonzaga fala ritmicamente de uma terra que se entranha na alma e no corpo do ouvinte, arrastando seu ouvido, sua cintura, seus quadris, arrastando seus pés. Nordeste da dor, que geme nas toadas, Nordeste da alegria que dança no forró, Nordeste sensual no esfregar-se dos corpos no xote. Músicas que agenciam, na verdade, diferentes experiências visuais e corporais, produzindo diferentes decodificações, diferentes Nordeste.

As músicas cantadas por Luiz Gonzaga, assim como outras, chegavam aos forrós das Braúnas/Baraúnas, e nos sítios vizinhos, principalmente através das ondas do rádio. Como nos informa o senhor Severino Passos: “Era a mesma música, muitos deles aprendia ouvindo o rádio, aqueles cabra mais inteligente.”¹⁵⁹ As músicas ouvidas no rádio entravam no espaço em festa, para encantar e promover sensibilidades, atuando na memória dos sujeitos que praticavam este espaço. Neste sentido, a senhora Joana coloca:

[...] agora só que às vezes aparecia umas nova que agente chegava lá, dizia mais home uma música nova, ia contente, aí nós ia olhá, escutá, pra gente gravá, aí ficava cantando né, quando [...] eles tocando lá, e nós decorava, era muito jovem aí decorava né. Aí nós saia, chega em casa, aí eu as vezes, eu era mais assim, aí meninas dizia:

Eu já sei dela todinha.
Aí começava a cantá, era muito bonita.¹⁶⁰

Do rádio para o ouvido do tocador e/ou sanfoneiro, que aprendia a tocar e repassava aos participantes da festa. Assim, muitos sujeitos buscavam levar estas paisagens sonoras para habitar seus lares, seus espaços de trabalho, principalmente aqueles que não possuíam um rádio em casa, ou um pequeno rádio a pilha, que pudessem levar ao roçado. Estes sujeitos, principalmente o público feminino, acabavam por alegrar seu dia, cantarolando as músicas ouvidas no forró.

Observando o campo de atuação do rádio, convém perceber junto a Sevckenko (1998, p.587-588) que o rádio enquanto veículo de comunicação não chega tão rapidamente ao Brasil, se compararmos a outros espaços:

¹⁵⁹ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

¹⁶⁰ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

Mas como era de se esperar, o rádio teve um desenvolvimento defasado e mais tardio no Brasil que nos países industrializados, onde as pesquisas sobre radiotransmissão foram aceleradas sobretudo no contexto da Primeira Guerra. Sua introdução aqui só se deu no início dos anos 20, mas tantos eram os problemas técnicos de transmissão, difusão, qualidade de sinal e programação, que só a partir dos anos 30 é que ele teria um impacto decisivo para a transformação da cultura brasileira.

Nas Braúnas/Baraúnas, e em alguns sítios vizinhos, a difusão do rádio foi bem mais demorada, em fins da década de 1950 e início dos anos 1960. Este veículo de comunicação por ser caro, servia também como símbolo de distinção social. Somente aqueles que possuíam melhores condições financeiras tinham um aparelho, que funcionava a pilha, também chamada elemento por Severino Passos. Assim ele declara:

Primeiro começou a bateria, era um problema danado pra carregar a bateria, aí mudou pra elemento, o primeiro que eu comprei foi um Telespark oito elemento, raidão desse tamanho assim, comia carga de dois. Aí apareceu, mudou pra seis, de seis ficou em quatro, pronto, aí todo mundo que tinha um rádio vei daquele, pegava de quatro. Veja bem, oito elemento pra quatro dava duas cargas num era? Esse era um Telespark, era grande. Só tinha dois aqui, um meu e um de Augusto de Brás. [...] Em 63 eu já tinha ele, e Augusto comprou primeiro.¹⁶¹

As emissoras de rádio que eram ouvidas na região das Braúnas/Baraúnas eram de Campina Grande - PB, e do Sudeste do país, em especial as de São Paulo¹⁶². A partir delas, de suas transmissões, foram construídas paisagens sonoras que vieram a fazer parte da vida de muitos sujeitos. Muitos indivíduos ficaram informados das notícias do país por ele, outros usaram de sua imaginação para construir situações e paisagens narradas pela novela do rádio, inspirando-os em seu cotidiano. Além disso, este veículo atuou como produtor de sociabilidades, no momento em que as pessoas que não o possuíam iam ouvi-lo na casa de amigos ou conhecidos que tinham este aparelho.

No final da década de 1960 chega as Braúnas/Baraúnas e arredores um aparelho, parecido com o rádio, que também servirá à construção de bailes aos sábados e domingos, a radiola. Também conhecida como toca-discos ou vitrola, servia para animar os finais de semana nas casas das pessoas. Estes pequenos bailes produzidos ao som do disco de vinil

¹⁶¹ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

¹⁶² “[...] a rádio era de Campina Grande, aqui agente pegava mais era São Paulo, a Rádio Record de São Paulo, tinha uns cantor bom danado, aqui por perto. Em Campina tinha a rádio Borborema, tinha a rádio Cariri, mas agente preferia mais a outra. Picuí não tinha, Cuité não tinha, a de Currais Novos é nova, a Rádio Brejuí. As mesmas, era da cidade de João Pessoa ninguém ouvia, sempre era Campina e São Paulo, porque as de São Paulo era uma rádio muito boa, a Record de São Paulo, a Rádio Tupi de São Paulo, mas a Record era uma das melhor, era um som vivo danado no pé do ouvido da gente.” Entrevista realizada com Severino Passos em 03 de Setembro de 2011.

eram chamados de suarê. Neles também se cobrava a cota, e os códigos para participar eram basicamente os mesmos dos forrós. De acordo com o senhor Cícero Lourenço:

Suarei. Suarei né, chamava-se suarei. Aí agente, como se diz, [...] chegava cedo, dizia:

– Tem uma festinha, um forrozim lá em fulano hoje.

– Tem?

– Tem. Vamos.

Chegava lá, era ligá a radiola e tocá o pé pra frente. Todo mundo, como se diz assim, era.

– Ei! Hoje nós vamos cobrá a cota.

– Quanto?

Nesse tempo, dois mirrei hoje, dois mirrei pra [...] ajudá nas pilha [...] Aí, pronto, completava todo mundo, todo mundo dançava, aí você como se diz, o pessoal, dono da casa fazia café [...] ¹⁶³

Um suarê, um forrozinho ao som da radiola, que também tocava as músicas de Luiz Gonzaga. Elas encantavam os participantes desse espaço, e dos forrós regidos pela sanfona, através da sonoridade e da letra que falava, muitas vezes, de momentos que faziam parte da vida cotidiana, seja da lida no roçado, a questão do inverno e da seca, do período de festas, o junino, e das emoções, sensibilidades construídas no espaço do forró. Podemos tomar como exemplo a música ‘Vem Morena’, cantada por Luiz Gonzaga, de sua autoria juntamente com Zé Dantas, de 1950:

Vem, morena, pros meus braços
Vem, morena, vem dançar
Quero ver tu requebrando
Quero ver tu requebrar
Quero ver tu remechendo
Resfulego da sanfona
Inté que o sol raiar

Esse teu fungado quente
Bem no pé do meu pescoço
Arrepiá o corpo da gente
Faz o véio ficar moço
E o coração de repente
Bota o sangue em arvorço
[...] ¹⁶⁴

¹⁶³ Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2011.

¹⁶⁴ Letra de Zé Dantas e Luiz Gonzaga. *Vem Morena*. RCA Victor: 1950. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=178&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

Dançar no forró até o sol raiar era uma prática efetivada por parte daqueles que se encantavam pelo espaço de lazer, por sua sonoridade, pelas relações estabelecidas, pelo contato físico dos corpos, que muitas vezes, não tinha outro lugar ou oportunidade para se realizar. O fungado quente no pé do pescoço afetava os corpos, principalmente aqueles que se sentiam atraídos pelo outro, o par durante a dança, numa relação de desejo, e algumas vezes de medo. Medo de não conseguir resistir ao desejo inebriante do outro, de avançar o limite do permitido/proibido e romper regras comportamentais da sociedade.

Sons que criam e recriam sensibilidades; que constroem espaços, paisagens de memórias. Sons que se desprendem da sanfona, e atuam junto aos gêneros, produzindo situações que atendem os preceitos sociais, ou rompendo com estes, algumas vezes sutilmente, outras nem tanto. Deste modo, podemos pensar junto a Matos (1995, p.102), quando esta afirma: “O espaço não é só caracterizado e identificado pelas imagens, ele também é som [...]”. Sons que marcam uma temporalidade, que atuam na constituição do sujeito e da sociedade.

3.3 PODE PAGAR A COTA E BAILAR PELO SALÃO NO RONCO DA CONCERTINA¹⁶⁵

As paisagens sonoras nos conduzem ainda ao uso de outro sentido do corpo humano, o tato. No momento que o som das músicas geridas pelo tocador e/ou sanfoneiro juntamente com seu fole, concertina ou sanfona, embalam os corpos dançarinos no salão, a possibilidade dos usos deste sentido junto aos gêneros era perceptível.

A dança remete-nos a paisagens táteis, que se constroem a partir do encontro entre os corpos. Encontro que inspira o romance, provoca sensações, do tipo arrepio ou o coração bater mais forte. Neste jogo, saber dançar era um requisito básico para aqueles(as) que quisessem entrar e atuar no salão, principalmente na produção de relações amorosas¹⁶⁶. Cícero Lourenço informa-nos como aprendeu a dançar, e depois não quis mais parar de praticar:

¹⁶⁵ Subtítulo produzido a partir de um e-mail mandado pelo professor Josemir Camilo de Melo, em 18 de Novembro de 2007, época da construção da monografia a qual o tive como orientador. No e-mail ele dizia “[...] mestre-sala Janielly pode pagar a cota e bailar pelo salão no ronco da concertina com seu vestido de babado de Gilda [...]”

¹⁶⁶ “[...] Saber dançar tornou-se o passaporte para o amor. [...]” (DEL PRIORE, 2011a, p.301)

[...] A moça, tinha dela que dançava, num sei se você já chegou, com os pés, dançava assim¹⁶⁷, aí dançava, aí dançava, era um povo fei. Aí minha mãe, fazê que nem outro, morava ali, via essas dança dizia:

— É, mai voceis tão dançano fei demais [...]

Aí, eu cumeicei também dançá desse jeito assim. Dançava, minha mãe disse:

— Ih! Né dança não.

[...] Quando foi já, noutro tempo aí casou, Gordim de João Amaro, casou finado Lula Neco [...] aí foi, era aqui no Catolé, no terreno de João Amaro, aí foi onde nós, aí aprendemo a dançá, foi onde aprendemo a dançá. Minino, mais esse povo ficou quieto. Aí nós dançava, nós aprendemo a dançá, aí pronto, aí num tinha festa pra nós num ir. Toda noite, eu era mai atravessado do mundo, que quando tinha uma festa assim, chegava lá dizia:

— Ei, vamo dançá?

— Eu o primero que saia dançano. Aí dizia:

— Fulano tá com vergonha, fulana tá com vergonha.

— Eu digo:

— Me diga uma coisa, se fô pro cabra dançá e tê vergonha, ninguém vai dançá na frente de ninguém [...]

Moças e rapazes deveriam aprender este artifício para poderem estabelecer seus vínculos amorosos com mais intensidade, já que no momento da dança o contado físico era permitido, contudo, sobre a vigilância constante dos pais para que, principalmente as moças, não ultrapassassem o limite, a fronteira que demarcava o permitido do proibido. Cícero Lourenço conclui sua fase de aprendizado junto à dança numa festa de casamento. Esta experiência narrada nos possibilita pensar como estas festas atuaram na construção de memórias junto aos sujeitos que as praticavam.

Segundo Severino Passos “[...] haveno um casamento tinha que haver um forró.”¹⁶⁸ Casamento que marcava o fim de um namoro/noivado que se firmava para toda vida, pelo menos era o esperado na época. O forró, festa em comemoração a este rito de passagem, servia a produção de relacionamentos, pessoas conheciam-se, construíam relações amorosas e/ou de amizade. Familiares reencontravam-se, abraços e apertos de mão reaproximavam as pessoas. As paisagens táteis atuavam na produção de sensibilidades.

Tocar o outro, pegar na mão, um gesto considerado simples na atualidade, todavia, carregado de muita sensibilidade no passado, neste caso, nas décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas e regiões vizinhas. Sensibilidade narrada por Joana Maria,

[...] aí nem beijim, num tinha essa história de bejo, nem nada, podia inté acontecer, porque toda vida foi meio assim, né, mais escondido das mães, dos pais, inté acontecia né. Eu era muito sapeca aí eu, no tempo que ia pros forró, minha mãe, sempre gostava de butá nós na frente, e ela ficá atrás, né, aí nós sempre, e foi num

¹⁶⁷ Ele faz os movimentos com os pés.

¹⁶⁸ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

foi, fazia umas besteiras, pegava na mão dele, tudo mais, soltava de um momento, soltava ligerinho, avechado, porque aí tinha, mode ela num vê, era assim desse jeito.¹⁶⁹

A caminhada rumo ao forró também se constituía em espaço de produção de sensibilidades, assim como de produção de relacionamentos entre os gêneros. Mesmo sob a vigilância dos pais, algumas moças conseguiam propor atos considerados proibidos perante a sociedade, na busca de estreitar os laços entre elas e o par. Proposta favorecida por noites escuras, ou com pouca claridade, dependendo da fase da lua, que dificultava a visão, favorecendo o uso do tato. De tal modo, quando, por vezes, a visibilidade tornava-se impossível, o tato entrava em cena nas produções do sensível.

Nas práticas dos forrós, sobretudo os de pequeno porte, uma produção cultural chamou-nos a atenção, ela ainda nos remete ao uso do tato na experimentação do espaço em festa. Acompanhemos mais um relato da senhora Joana:

Olha, era o seguinte, nesta época existia, é, os cavaleiros que chamava agente pra dançá, quando já era assim uma hora da manhã, aí eles colocava, o mestre-sala, chamava-se mestre-sala, colocava as bebidas, arrudiando assim a sala um pouco né, não que ficasse nos canto das paredes, mas arrudiando assim um pouco, aí a cavaleira que derrubasse aquelas garrafa, mas forrava qui nim, qui nim pra num se quebrá num sabe, aquelas garrafa, é, tudo cheia de bebida, é bebida tumbém especial, aí tumbém já tinha o [...] outra bibida que, num tô esquecida do nome, é só num tinha a ceveja né. É, tinha um tá do melboje, é, muito especial, eu gostava muito do melboje. Aí eu era muito sapeca, aí o cavaleiro vinha chamá eu pra dançá, eu digo é agora que eu vou me aproveitá, rá, aí pegava o cavaleiro pra dançá, uma pega. Minina! Aí nunstante, aí já tinha aquela pessoa, o mestre-sala, apanhando aquelas bibidas, aí agente levava pra casa, quem quisesse bebê bibia, quem num quisesse vendia, era assim.¹⁷⁰

Derrubar as garrafas de bebidas com as pernas e/ou os pés, tanto por parte do masculino, quanto por parte do feminino, exigia uma sensibilidade apurada relacionada ao tato, isso porque se ela não existisse, e a produção do impacto, do contato do corpo com a garrafa, fosse muito forte, poderia chegar a quebrar a garrafa; o que prejudicava principalmente o homem que era quem pagava as bebidas. Neste sentido, os relacionamentos entre homens e mulheres, moças e rapazes no forró, e as atitudes deles perante a construção das práticas do/no lazer, estabelecem mais uma vez o lugar do masculino para o provedor do divertimento, o que implica uma marca de gênero.

¹⁶⁹ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

¹⁷⁰ Idem.

Conforme nos afirma José Galdino: “Derrubava, derrubava, outros derrubava mesmo por gauchada. Ia passando perto dela danava o pé assim, derrubava. Aquilo quando ela tava fervendo mais na cabeça¹⁷¹.”¹⁷² A degustação da bebida era uma prática comum entre os habitantes do forró, o que servia também a economia da sociedade. Aqueles que montavam o botequim nos forrós, seja ele o dono da casa, amigo ou parente deste objetivavam adquirir recursos para si e para sua família.

Portanto, a prática de colocar as garrafas espalhadas pelo salão, para serem derrubadas pelos pares a bailar, e conseqüentemente pagas, favorecia a arrecadação de recursos financeiros. Convém observar que o botequim poderia ser improvisado para aquela noite, ou ainda já existir naquele espaço, estendendo-se ao horário da festa, por ser o forró uma prática constante naquele lar.

Diante do exposto, o tato remete ao corpo, as relações e sensibilidades produzidas entre os corpos, que ora paqueram, ora conversam, ora dançam, que constroem a sociedade no tempo, os seus códigos sociais a serem descritos e assumidos nos espaços. Neste conjunto, como salienta Albuquerque Júnior (2007, p.175) os corpos devem ser “[...] pensados como documentos, como pergaminhos em que vêm se escrever e inscrever as memórias das múltiplas experiências que vivenciamos.”

3.4 COMO UM “TOQUE DE AMOR” A INEBRIAR O SALÃO

Sendo o tato um aparelho de experimentação e significação do espaço, ele podia aliar-se ao olfato para estabelecer os contornos do espaço e dos corpos que transitavam por ele, marcando os relacionamentos e as experiências dos gêneros no espaço do forró. Quantos cheiros não marcaram os salões regidos pelos acordes do fole e/ou sanfona, que embalavam os casais no perambular pelo espaço, seguindo passos e compassos na dança. Cheiros que possibilitavam aproximações, afetividades entre os corpos, quando encantavam o olfato; mas que também poderia afastar os pares, criando o desejo de ficar longe do outro, aquele que não seria bem vindo pelo odor desagradável.

O cheiro, no conjunto das paisagens olfativas, contribui historicamente para a construção de relatos sensíveis do espaço, relatos que nos vem pelas narrativas de memórias,

¹⁷¹ Neste momento o riso se faz presente na conversa.

¹⁷² Entrevista realizada em 15 de Outubro de 2007.

que no ato do depoimento provoca ainda sensibilidades, sejam elas agradáveis, ou não. De acordo com Albuquerque Júnior (2008, p.120): “[...] Um odor pode fazer emergir a lembrança de toda uma paisagem, que ganha com ele contornos especiais, paisagens que entram pelo nariz. [...]” Deste modo, pensemos o relato do senhor Manoel de Melo nos meandros das paisagens olfativas, quando este narra à necessidade de higiene e de construção de um cheiro agradável para vir habitar um forró nas Braúnas/Baraúnas:

Num existia esse negócio de shampoo, num existia não, era um tempo nojento. Eu digo:

_ Mas rapaz agora tá sem jeito.

Me aperriei, me aperriei, me aperriei. Eu digo:

_ Oh, mulher, tem sabão sem ser usado.

Ela disse:

_ Tem.

_ Me dá um pedaço.

Me ensaboei, me enxaguei. Nesse tempo era um óleo, era um óleo, que os cabra vendia, em que num. Agente comprava aquele óleo, passava, as mulher passava no cabelo, banha de porco, brilhantina. O cabra quando pegava uma cavaleira mais baixa que ele, vixe Maria. Banha de porco, óleo de coco. Bom, aí eu tomei o banho com sabão, fui pro bale. Quando eu cheguei lá, uma conhecida minha aqui da Jurema, que agente se via em Baraúna, lá na casa do irmão, que comprava agave, Joaquim Melo. Aí essa dona, quando me viu. Parece que ela não tinha conhecimento lá. Seu Minizim. Foi quem me tirou pra dançar. Num me soltou mais não, eu tava pegado na mão douta.

_ Eu já vou.

Aí, dançando de feição, de feição, de feição mais ela. Aí chegou dois amigo meu, disse:

_ Nós num acabemo o bale porque nos somo amigo, mas essa dona já cortou eu três vez, cortou três vez ele, dançando de feição com o senhor.

Aí eu fui:

_ Deixe comigo, ela vai dançar com você.

_ Rapaz tu dança com ele, dança, depois nós dança.

Ai ela disse:

_ Seu Minizim, num gosto de dançar com eles não, eles tem uma catanga, parece que tomaram banho com sabão¹⁷³.

Eu num entendi não, que foi eu que tomei banho com sabão. Também num disse nada a ela não.¹⁷⁴

Este relato possibilita-nos perceber muito do cotidiano da sociedade das Braúnas/Baraúnas e regiões circunvizinhas nas décadas de 1950 e 1960, principalmente no que concerne a construção de padrões de higiene e a odorização dos corpos e do espaço habitado. Pela narrativa do senhor Manoel de Melo, notamos que o sabão era um instrumento usado para retirar dos corpos, assim como das roupas, o odor desagradável. Ao mesmo tempo,

¹⁷³ Risos durante o relato oral.

¹⁷⁴ Entrevista realizada em 29 de Junho de 2011.

também possibilitava ao final do banho um cheiro considerado não muito agradável para muitos.

Os cabelos, tanto para as figuras masculinas, quanto para as femininas mereciam cuidado e atenção especial para ajudar na construção do corpo desejado. A brilhantina, a banha de porco e o óleo de coco eram recursos usados para promover um aspecto harmonioso nas madeixas, o que na maioria das vezes não era seguido pelo cheiro. A senhora Sebastiana Azevedo nos fala dos cuidados com os cabelos, e como ela fazia para burlar o cheiro desagradável da banha de porco usada nos cabelos:

Sebastiana: Lavei muito os meus cabelos com Juá, raspa de Juá. Num tem uma espuma, num sai uma espuma. Lavava com aquilo ali, e só era quem tinha cabelo bonito, o cabelo crescia. E óleo de coco, e banha de porco.

Janielly: A senhora chegou a colocar banha de porco?

Sebastiana: Muito. Banha de porco, aí botava manjerição dentro, que a água ficava bem verdinha e cheirosa, ficava muito fedorento não.¹⁷⁵

O uso do manjerição tornava a banha de porco mais agradável ao nariz daquele(a) que a usava, o que favorecia os relacionamentos nos espaços do forró, principalmente depois de algumas horas de dança, quando o suor já se mostrava ao olfato dos par a bailar no salão. Conforme Burity (2011, p.36): “O olfato estabelece diferenciações entre a paisagem limpa e a suja, a cheirosa e a fedorenta. [...]”

Na delimitação do cheiroso e do fedorento para habitar os espaços em festa, a senhora Joana nos diz: “[...] na época agente tinha que tomar banho, é, se vestia bem, bem vestida, e ia, num era qualquer roupa não [...]”¹⁷⁶. Sendo o banho requisito básico para vivenciar os espaços em festa de maneira a não ser constrangido pelo odor desagradável, os sujeitos estavam sempre a vigiar os cheiros dos corpos, desde os seus, ao dos outros.

Vigilância esta apontada por seu Manoel de Melo, e que poderia servir como justificativa a propagação do ‘corte’ junto aos cavaleiros. Como aponta a senhora Joana, o corte não deveria ser uma prática efetivada por parte das mulheres: “Agora só que tinha uma coisa, que a gente não podia dá corte em cavaleiro, é, se desse um corte num cavaleiro ficava logo num canto de parede, lá. Que num dançava mais não, tinha que dançá, que gostasse bem, que num gostasse tinha que enfrentar.”¹⁷⁷

¹⁷⁵ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

¹⁷⁶ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

¹⁷⁷ Idem.

Sendo a figura masculina central na sociedade, ela detinha poder também diante dos espaços dos forrós, da mesma forma que em casa a filha e a esposa não podiam dizer não a seu pai e a seu marido, no baile àquelas que quisessem dançar não poderiam recusar os cavaleiros que as convidassem para dançar. Caso contrário, o mestre-sala tinha por obrigação retirá-la do salão. Assim, a moça ficava reservada em um canto de parede, ou ia para a cozinha fazer café, como comenta o senhor Cícero Lourenço: “Olhe, porque naquele tempo, se dizia assim, num é pra dá corte, si fosse, se dé corte em alguma pessoa você vai fazê café, nera, era contina né.”¹⁷⁸

No jogo dos relacionamentos entre os gêneros, mulheres e homens se constroem no tempo e no espaço. Neste sentido como nos proclama Buther (2003, p.24), “[...] o gênero é culturalmente construído [...]”. O homem é produzido cotidianamente para assumir a posição de senhor da sociedade, aquele que tem autoridade sobre as mulheres; já as mulheres por sua vez, deveriam assumir a posição de abnegadas e acolher um comportamento de aceitação das práticas de mandonismo do masculino. A moça é informada deste cedo, que quando estivesse em um salão dançando não podia dizer não a figura masculina, dar um corte.

Como esta maneira de comportar-se no forró, por parte das mulheres, configurava-se numa norma de convivência da sociedade, quando esta não fosse cumprida, a cobrança era posta em ação. O homem que recebeu o corte vinha logo junto ao mestre-sala, informá-lo para que este tomasse alguma atitude, caso contrário, poderia querer acabar com a festa. Sobre esta prática, Severino Passos no informa:

Severino Passos: Era. Aquele problema de, de, a moça dá um corte. Mané gordo era o chefe do, o mestre-sala, aí quando:

— Vamo dançar! Meninos, daqui um bocado de irmão, vamo dançar mais um bocado de irmão. A moça que der um corte no rapaz vai fazer café.

Eu levei mais de um corte. Mas tinha uns cabrinha sanho danado. A mãe dessa, é, o pai dessa Fátima de Major que anda aqui, Neguim de Chico Joana, esse era sanho que era danado e outro, todos dois já morreram. Foi num foi, tavam fazendo uma confusão.

— Bota a moça pra cozinha.

— Quando foi um dia, nos tava uma frota de rapaz, aí Neguim disse:

— Agora aqui tem um cabra que tem doce nos braços. Uma moça não dá um corte nele, nem o diabo pedino.

— Quem é?

— Severino Passos.

Eu disse:

— Vocês não sabem ajeitar as moças, rapaz. Ajeite as moças.

Tivero de me dá diversos, mas quando, pronto, ficava calado. Depois:

— Você quer dançar comigo?

A moça ficava agradecida porque não ficou decepcionada. Pronto, o resto da noite. [...]

¹⁷⁸ Entrevista realizada em 04 de Novembro de 2011.

Janielly: Naquela época, aí ia mesmo pra cozinha fazer café? [...]
Severino Passos: Ia pra cozinha fazer café. Num tinha esse negócio não. Era.¹⁷⁹

Nesta narrativa, Severino Passos propõe que apesar de existir aqueles que queriam acabar com o baile por causa do corte recebido, ele não era adepto a esta prática, sendo também uma forma de conseguir com que as moças que havia lhe dado o corte ficassem gratas e aceitassem as próximas danças com ele; o que implica uma produção tática. Neste contexto, Certeau (2007, p.102) considera:

[...] As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de duração e ritmos heterogêneos etc. [...]

As táticas operam no tempo, na hábil utilização do tempo e do espaço que lhes são propostos. Diante da fronteira que é posta a frente do sujeito, do permitido e do proibido, o homem procura caminhos de transpô-la, assim produzindo táticas, maneiras de romper o jogo social e cultural que impõe normas de conduta. Saber intervir no instante preciso, transformando, muitas vezes, as desventuras a seu favor, é o que caracteriza a produção de uma tática. Tática esta gestada pelo senhor Severino Passos no momento que não denuncia o corte feminino, passando a atrair atenção deste gênero pelo sentimento de gratidão, mesmo que para isso ele venha a desfavorecer seus pares do gênero masculino.

Essa tática proposta ainda nos leva a pensar a possibilidade de mudança da prática ao longo do tempo, pois caso os seus companheiros quisessem produzir os mesmos usos, a norma social do corte iria perder força perante a sociedade, o que não aconteceu nas décadas de 1950 e 1960. Diante destas considerações, a senhora Joana nos narra como conseguia sutilmente sair deste código social e cultural colocado pela sociedade:

Eu era meia sapeca, aí o cavaleiro que eu não gostava de dançar com ele, eu pisava nos pés dele pra ele num chamar nunca mais eu, porque eu tinha um namorado, né, aí o meu namorado num gostaria que eu dançasse com outros, mas tinha que ir, o cavaleiro chamasse a pessoa, a pessoa tinha que ir, né, aí o meu namorado num gostava que eu fosse dançar com outro, aí então eu fazia isso, quera pra só pra dançar com meu namorado, né.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Entrevista realizada em 02 de Agosto de 2011.

¹⁸⁰ Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

Pisar no pé daqueles que a moça não tivesse interesse em dançar também se configurava numa tática. Jogar com o terreno do outro, promover um drible a partir do jogo do outro, isso foi o que a senhora Joana realizou, pois ao fazer acreditar que não sabia dançar, pois estava a pisar no pé dos cavaleiros, ela fazia com que os próprios cavaleiros não quisessem dançar com a mesma. É importante também considerar que por trás dessa tática estava o desejo de satisfazer o namorado, que não gostava que ela dançasse com outro rapaz. Neste campo de atuação dos gêneros, com Pinsky (2010, p.34) percebemos que “[...] Um ‘lado’ só pode ser compreendido se comparado com outro e, mais do que isso, num movimento de interação. E, se o feminino existe relacionado ao masculino, qualquer definição ou redefinição de um deve levar em conta o outro.”

Em ambos os casos, de Severino Passos e Joana, a redefinição do código cultural do corte levou em consideração o outro gênero, o que nos possibilita afirmar que os gêneros somente devem ser pensados a partir da relação, das práticas de relacionamentos cotidianas que assumem do acordar ao adormecer, diante da aprovação ou resistência a determinadas normas propostas pela sociedade, em uma determinada temporalidade, diante das sensibilidades produzidas.

Sensibilidades que nos levam as paisagens olfativas cantadas por Luiz Gonzaga ao fazerem parte do espaço do forró, também conhecido como samba. Sendo composta por Amorim Roxo e Zé Gonzaga, gravada em 1956, a música ‘O Cheiro da Carolina’, coloca-nos diante da atuação do cheiro no espaço em festa, desta vez um odor bastante agradável, que chega para seduzir e encantar aqueles que participassem do salão de dançar. Observemos um trecho dessa música:

Carolina foi pro samba
 Carolina
 Pra dançá o xenhenhém
 Carolina
 Todo mundo é caidinho
 Carolina
 Pelo cheiro que ela tem
 Carolina
 Hum, hum, hum
 Carolina, hum, hum, hum
 Carolina, hum, hum, hum
 Carolina
 Pelo cheiro que ela tem
 Carolina¹⁸¹

¹⁸¹ Letra de Amorim Roxo e Zé Gonzaga. **O Cheiro da Carolina**. RCA Victor: 1956. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=155&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

Pisar no pé daqueles que a moça não tivesse interesse em dançar também se configurava numa tática. Jogar com o terreno do outro, promover um drible a partir do jogo do outro, isso foi o que a senhora Joana realizou, pois ao fazer acreditar que não sabia dançar, pois estava a pisar no pé dos cavaleiros, ela fazia com que os próprios cavaleiros não quisessem dançar com a mesma. É importante também considerar que por trás dessa tática estava o desejo de satisfazer o namorado, que não gostava que ela dançasse com outro rapaz. Neste campo de atuação dos gêneros, com Pinsky (2010, p.34) percebemos que “[...] Um ‘lado’ só pode ser compreendido se comparado com outro e, mais do que isso, num movimento de interação. E, se o feminino existe relacionado ao masculino, qualquer definição ou redefinição de um deve levar em conta o outro.”

Em ambos os casos, de Severino Passos e Joana, a redefinição do código cultural do corte levou em consideração o outro gênero, o que nos possibilita afirmar que os gêneros somente devem ser pensados a partir da relação, das práticas de relacionamentos cotidianas que assumem do acordar ao adormecer, diante da aprovação ou resistência a determinadas normas propostas pela sociedade, em uma determinada temporalidade, diante das sensibilidades produzidas.

Sensibilidades que nos levam as paisagens olfativas cantadas por Luiz Gonzaga ao fazerem parte do espaço do forró, também conhecido como samba. Sendo composta por Amorim Roxo e Zé Gonzaga, gravada em 1956, a música ‘O Cheiro da Carolina’, coloca-nos diante da atuação do cheiro no espaço em festa, desta vez um odor bastante agradável, que chega para seduzir e encantar aqueles que participassem do salão de dançar. Observemos um trecho dessa música:

Carolina foi pro samba
 Carolina
 Pra dançá o xenhenhém
 Carolina
 Todo mundo é caidinho
 Carolina
 Pelo cheiro que ela tem
 Carolina
 Hum, hum, hum
 Carolina, hum, hum, hum
 Carolina, hum, hum, hum
 Carolina
 Pelo cheiro que ela tem
 Carolina¹⁸¹

¹⁸¹ Letra de Amorim Roxo e Zé Gonzaga. *O Cheiro da Carolina*. RCA Victor: 1956. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=155&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

Um cheiro que inebria os participantes do forró, que atua na conquista. Ao contrário do odor desagradável narrado pelo senhor Manoel de Melo que eliminava o desejo de dançar com os cavaleiros, este provoca atração, torna o corpo desejanste, ao ponto de todos os participantes do baile querer dançar com Carolina. Quantas moças, inspiradas em Carolina não se produziram e perfumaram para atrair o par desejado. Homens procuravam aparentar ser um bom partido, e para isso, uma boa apresentação com um cheiro encantador era uma boa pedida. Na década de 1960, aqueles que tinham condições financeiras, incendiavam os salões com o trio da Avon ‘Topaze, Charisma e Toque de Amor’.

Um cheiro que marca e remete às emoções vividas, saboreadas, que evoca memórias, que traz o passado para junto do presente, que sensibiliza o depoente, um cheiro que representa experiências do vivido, que atua na construção da história, dos forrós das Braúnas/Baraúnas e sítios vizinhos. Um cheiro que por ser fruto do cotidiano, vem ao presente pela memória para nos fazer falar do passado. Certeau (2008, p.31) ao citar Paul Leuilliot proclama:

“[...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, dos prazeres, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. [...]”

Muitas vezes somos envolvidos pelo uso da memória olfativa, ao nos lembramos de um odor do passado, de um cheiro que nos marcou, e que ao recordarmos nos possibilita uma mistura de sensações. Sensibilidades que vão da produção de risos de alegria a lágrimas de tristeza pelas saudades sentidas, ao vir habitar nossos pensamentos lembranças de momentos que ficaram guardados no passado, na nossa mente, na história.

Na história de nossa vida, na história da sociedade da qual fizemos parte, numa dada temporalidade e espacialidade. Olfato que nos leva a memória de um abraço em uma pessoa amada que não mais faz parte de nossas vidas, ao perfume de uma pessoa por quem nos apaixonamos. E porque não, do cheiro do café na cozinha e das bebidas que vinham do botequim no forró.

3.5 FORRÓS: EU QUERO UM PRA DEGUSTAR

A memória olfativa das bebidas que faziam parte do cotidiano dos forrós nos possibilita pensar que as paisagens gustativas também atuaram nestes espaços. A partir do instante que, assim como os signos olfativos, os gustativos convocam cenas, paisagens marcadas por sensações e sentimentos, através das memórias eles nos chegam para que possamos pensá-los como resultado do jogo das experiências de gêneros no espaço em festa.

Relações de gêneros que se produziam e evidenciavam no casamento. Casar-se, nas décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas e sítios vizinhos, era estar preparado(a) para assumir aquilo que a sociedade construiu como modelo de união entre os gêneros. Como nos aponta Bassanezi (2004, p.626):

O casamento-modelo definia atribuições e direitos distintos para homens e mulheres. Tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos e limpar a casa eram consideradas deveres exclusivamente femininos. Dentro da casa, os homens deveriam ser solicitados apenas a fazer pequenos reparos. [...]

A sociedade conjugal pressupunha uma hierarquia, respaldada pela legislação, em que o marido era o chefe, detentor de poder sobre a esposa e os filhos, a quem cabiam as decisões supremas, a última palavra. Logo abaixo vinha a autoridade da esposa. [...]"

Apesar do modelo padrão de família da década de 1950 e 1960 no espaço estudado, colocar a mulher em posição inferior ao homem, àquela que submissa fazia as suas vontades, era considerado o caminho da felicidade, caminho a ser seguido. A figura feminina fora construída socialmente com o objetivo de tornar-se esposa e mãe de família. Esse era o destino 'natural' que cabia as moças de família, educadas com todo cuidado para não fugir a regra. O sonho de casar de branco, com véu e grinalda na Igreja fazia parte do cotidiano da maioria das moças, e quando este se realizava, uma festa para comemorar era preparada.

Joana Maria nos conta, ao lembra com saudade, de sua festa de casamento: "Teve, é, quase três dias de festa, porque eu casei [...] nessa época chamava assim, em honra de casamento, né. Eu casei, foi de véu e capela, foi maravilhoso, foi três dia de festa. [...] Foi bom, inté, mataram inté um garrotzinho. Foi maravilhoso."¹⁸² Em honra de casamento a família da noiva, que tivesse condições financeiras, produzia uma festa para familiares e amigos, procurando demonstrar a sociedade que aqueles pais souberam criar sua filha.

As festas de casamento duravam de um a três dias, com muita comida durante o dia e a noite o forró, onde a família mostrava aos convidados sua felicidade pela realização da

¹⁸² Entrevista realizada em 20 de Outubro de 2007.

cerimônia. A senhora Sebastiana Azevedo nos narra como eram estas festas, principalmente a partir das comidas que eram servidas:

Sebastiana: Festa de casamento era bale, dois, três dias de festa. Era baile e muita comida, matava um boi, fazia aquelas festança, aí ali, aqueles palanque, tinha mestre-sala, pra tirar aquelas moças pra dançar. Era assim.

[...]

Janielly: As festas eram durante o dia ou à noite?

Sebastiana: Era tudo a festa à noite, num tinha festa de dia não, de dia era as comida.

Janielly: Como eram as comidas naquela época, eram as mesmas de hoje?

Sebastiana: Fazia um arroz de casamento [...]

Janielly: Arroz de casamento? Como era?

Sebastiana: Arroz de casamento é, um arroz, não é solto não, aquele arroz, uma arroz assim, com aquelas graxa daquelas carne [...] aquele arroz mole, botava aquelas graxa por cima, ficava uma delícia. [...] Macarrão num tinha. Não, aquilo é novo, macarrão num tinha, só tinha arroz e arroz da terra. Você sabe o que é arroz da terra?

Janielly: Sei.

Sebastiana: O arroz era aquele, num era aquele arrozinho branco não. Festa era assim. [...] Arroz, carne, farofa, farofa num era daquelas sequinhas não, que ele chamam hoje de farofa, daquelas não, uma farofa assim com, bem embuluada.

Janielly: Interessante.

Sebastiana: Ele matava, só era isso aí mesmo, somente, num tinha verdura, naquele tempo num existia aqueles tomate que tem hoje, num tinha aquela batatinha, num tinha aquelas verduras, olhe só alcancei só arroz e farofa e carne. [...] Era, a pessoa só comia arroz em festa assim, festa de natal era difícil. Num tinha arroz na comida não.¹⁸³

Quando Dona Sebastiana salienta que o ‘arroz de casamento’ ficava uma delícia, sua boca enche d’água, o que nos remete a percepção que as sensibilidades do passado atuam no presente, durante as narrativas de memórias. Diante de um cardápio considerado hoje não variado, mas que marcou pelo sabor, as pessoas recordam com saudade destas comidas que dão a ler as produções de festas de casamento, que define contornos do espaço e sensações vividas.

Na preparação da festa, o lugar se transformava em espaço de solidariedade, pois vinham mulheres amigas e da família da mãe ou pai da noiva para preparar as comidas, que a depender da quantidade eram preparadas de um dia para outro. Esta situação marca ainda o lugar do gênero feminino, na cozinha, ao mesmo tempo, que se estabelecia um espaço de sociabilidades entre estas mulheres, que trabalhavam, mas também conversavam atualizando umas as outras sobre as suas vidas, suas famílias, as últimas fofocas etc. Mas os homens não ajudavam na preparação das comidas do casamento? Sim, mas apenas na matança dos animais de grande e médio porte, como bois, carneiros e porcos no espaço do terreiro da cozinha.

¹⁸³ Entrevista realizada em 03 de Setembro de 2011.

O Casamento da Rosa, música cantada por Luiz Gonzaga em 1953, de autoria sua juntamente com Zé Dantas, possibilita-nos pensar como a festa de casamento era um importante espaço de sociabilidades e de lazer, assim como atuava na produção de paisagens gustativas:

[...]
 Coroné Zeca
 Com muita alegria
 Hoje casa a fia
 E pra festejá
 Tá convidando
 Toda a vizinhança
 Pra encher a pança
 Beber e dançar

Coroné Zeca matou três zebu,
 Muita galinha e muito peru
 E vai tê dança, pois Zé Sanfoneiro
 Com João do Pandeiro
 Já foram pra lá
 [...]¹⁸⁴

Apesar dessa música, colocar um elemento que não fazia parte das comidas das festas de casamento nas Braúnas/Baraúnas e sítios vizinhos, a carne do zebu, ela nos chama a atenção para percebermos que muitas famílias saiam de suas casas, percorrendo uma distância considerável até o lugar da festa de casamento, quando não de bicicleta ou de jumento, a pé, já que os meios de transportes motorizados como o carro e a moto eram raros na região. O que movia estes convidados a fazerem, em grande medida, esse sacrifício? O desejo de saborear as comidas especialmente preparadas para a ocasião; bem como, a vontade de habitar o palanque armado para aquela data, feito geralmente com pendão de agave e palha de coco, e se colocar em meio à dança.

Comer e dançar, paisagem gustativa, paisagem tátil, ao mesmo tempo, que auditiva que se colocam a partir do espaço em festa. Paisagens que se entrelaçam. As quais ainda se somam à visual e a olfativa. Os espaços dos forrós analisados pelos usos dos cinco sentidos possibilitam-nos perceber que a história é fruto de sujeitos que atuam em sua sociedade, numa dada temporalidade, que se situam nos meandros das relações de gênero. E que ao promoverem sociabilidades também produzem sensibilidades que marcam, e que se

¹⁸⁴ Letra de Zé Dantas e Luiz Gonzaga. *O casamento da Rosa*. RCA Victor: 1953. Disponível em http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=154&Itemid=103 Consultado em 10 de Janeiro de 2012.

estabelecem nos corpos e na memória. Memória que ao ser narrada contribui na construção de leituras históricas do sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ÚLTIMOS MOMENTOS NOS BAILES

Depois de termos habitado bailes históricos nas Braúnas/Baraúnas nos quais conversamos, rimos, ouvimos músicas, dançamos, degustamos bebidas, nos emocionamos, chega o momento de compartilharmos nossas últimas reflexões sobre estes bailes; propormos as considerações finais, assim como aquelas conversas realizadas entre amigos e familiares, ou mesmo conhecidos, nos dias posteriores a realização das festas.

No primeiro capítulo buscamos pensar a construção histórica das Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960 a partir dos espaços de sociabilidades, dos encontros entre os gêneros, como terreno fértil para produção do que hoje denominamos município de Baraúna. Foi nas referidas décadas que se produziu condições de construção do que viria a ser chamada a cidade de Baraúna - PB. Cidade que possui historicamente suas singularidades, mas que ainda se relaciona(ou) com imaginários de outros espaços, principalmente com Picuí, já que foi esta que a gestou.

No caminho das construções das cidades convém observar com Rezende (2008, p.46) que “[...] ao construir suas cidades, as sociedades fundam convivências, estabelecem ordens [...] tecem identidades, aproximam-se de novas linguagens e novos objetos de cultura [...]”. Neste sentido, os sujeitos que produziram Baraúna, a partir lá das Braúnas/Baraúnas das décadas de 1950 e 1960, os fizeram por meio das convivências estabelecidas; das ordens, identidades, linguagens culturais construídas nas convivências, principalmente junto aos espaços de sociabilidades.

É neste campo de ação que percebemos que o primeiro baile se relaciona diretamente com os demais capítulos, assim como com as temáticas dos namoros e casamentos. A cidade surge, pois namoros começam nestas festas, casamentos são gerados nos espaços de lazer, filhos começaram a nascer a partir destes casamentos, contribuindo para povoamento do espaço. Espaço que ultrapassa a concretude da arquitetura e que é invadido também pelas dimensões afetivas.

No percurso do segundo baile, observamos a festa como um produto do cotidiano, um terraço que se deixar invadir, habitar pelas sociabilidades entre os gêneros, o masculino e o feminino, que possibilita a construção de relacionamentos duradouros ou efêmeros. Duradouros no sentido do namoro e/ou noivado firmado com os pais, e efêmero no que concerne a prática do flerte, um namoro de momento. Nesta perspectiva, ainda podemos pensar as amizades que começam e perduram por toda a vida, inclusive para além daquele

espaço em festa, ou aquelas momentâneas que duram apenas aqueles instantes da prática do espaço.

O tempo aqui trabalha marcando as pessoas e sendo marcado por elas. Marcas deixadas no corpo e na alma daqueles que experimentaram a vida, nas suas múltiplas facetas e desdobramentos. Marcas deixadas no calendário, junto à espera de mais uma festa para ir habitar com seus sonhos e desejos, bem como, com sua estética corpórea preparada para a ocasião do evento.

Neste conjunto, convém observar quais festas apareceram nas décadas de 1950 e 1960 nas Braúnas/Baraúnas, como as festas da colheita e da padroeira, e também, aquelas que morreram ao longo do tempo neste espaço, como o boi de reis, a exibição de cinema. Umas ainda mais importantes que outras, como as festas da colheita e da padroeira que eram aguardadas no mês de junho e de dezembro respectivamente.

Existiram ainda aquelas que apareceram e permaneceram, porém passaram por reformulações na vivência do tempo pelos sujeitos, nas metamorfoses produzidas cotidianamente junto à vida em sociedade, que não é estática, mas mutante. Como foi o caso do pano de roda, hoje denominado circo e das novenas e festas de casamentos que seguem o mesmo ideal de organização, devoção a Maria e a comemoração do casamento, as quais se estruturam num ritmo próprio do tempo presente.

No terceiro e último baile, fomos convidados a conversar com os praticantes de espaços regidos pelo som do fole ou da sanfona, os forrós, que nos possibilitaram pensar as sensibilidades construídas entre os gêneros, bem como as estratégias e táticas produzidas pelo masculino e pelo feminino, frente à sociedade das décadas de 1950 e 1960, que se propunha em constante vigilância, na busca de fazer com que normas de condutas fossem evidenciadas no cotidiano da comunidade das Braúnas/Baraúnas, principalmente quando pensado nos comportamentos dos mais jovens, moças e rapazes.

Neste baile, buscamos ler as festas como sistemas relacionais onde os gêneros se encontravam e que mesmo diante das regras propostas pela sociedade, tinha-se a possibilidade de produção de astúcias e resistências. Para isso, utilizamos leituras baseadas nos cinco sentidos. Junto às paisagens visuais, sonoras, táteis, olfativas e gustativas construímos relatos sensíveis do espaço em festa, dos forrós realizados nos sítios circunvizinhos as Braúnas/Baraúnas.

Nas festas, as pessoas puderam experimentar múltiplas sensações, fazendo com que hoje sejam produzidas memórias, tristes ou alegres, talvez permeadas pela saudade. Quantas alegrias puderam ter as moças nas festas ao encontrarem seus namorados, ao dançar com o

par desejado, ao desfilar como garçõnete, ao ser escolhida como rainha da colheita. Quantas moças não passaram o dia, ou mesmo a semana se preparando para ir a um forró encontrar seu(s) pretendente(s). Ao chegarem lá, suas expectativas não se realizavam, voltando para casa abraçada com a tristeza. Dessa forma, alguns sujeitos lembram-se do passado com nostalgia, pensando aquele tempo como 'um tempo bom', outros ainda lembram como 'um tempo difícil'. Este é o jogo da vida, que nos encanta, faz rir, chorar, provoca e transmite sensibilidades.

Sensibilidades narradas, afetividades transmitidas que atuaram na construção deste trabalho. Depoentes que merecem destaque junto a estas considerações finais, pois a partir de suas narrativas de memórias, desenhamos contornos de experiências, construímos imagens dos espaços e dos relacionamentos que se desdobraram nestes. Pessoas que ao nos contarem suas experiências de vida, produziram também construções históricas dos gêneros nas Braúnas/Baraúnas nas décadas de 1950 e 1960.

Neste caminho, no momento em que a história deste espaço está ligada diretamente aos depoentes que ora se apresentam como importantes ao nosso trabalho. Torna-se ainda interessante observar que estes depoentes ao narrarem suas vidas e, conseqüentemente, os relacionamentos edificados nos espaços das Braúnas/Baraúnas, deixaram ocultos nas narrativas, muitas vezes propositalmente, fatos, ações, leituras que não consideravam interessantes de serem reveladas ao público. Neste sentido entra em cena o não-dito.

Trabalhar com narrativas de memórias é lidar com pessoas vivas que, muitas vezes, não acreditam ser interessante tornar público determinados fatos, situações e impressões da sociedade constituída. É neste caminho que muitas experiências escapam ao gravador e à transcrição. Pelas identidades construídas ao longo da vida, nossos narradores não consideraram relevante publicar, determinados fatos, determinadas narrativas. Portanto, devemos pensar que possibilidades de análises nos escapam pela colocação do não-dito, pelo não pronunciamento de determinadas lembranças por parte dos narradores, imagens que se deixam esquecidas propositalmente.

Diante do exposto até o presente momento, é importante ainda notar a presença dos autores com os quais dialogamos durante o trabalho. Contribuições pertinentes quanto às teorias, conceitos, análises metodológicas e experiências de escrita, que nos possibilitaram através de suas leituras, nos reconstruirmos, de maneira a produzirmos uma leitura nossa, mas que é também dos outros, daqueles que no tocaram, nos inspiraram durante a pesquisa e a escrita.

Neste campo de ação, torna-se relevante citar uma autora que contribuiu com nosso trabalho, para pensarmos um conceito importante na construção desta dissertação, e que ainda cabem reflexões. Assim, nas andanças com os gêneros ao longo do trabalho, surgiu a necessidade de discutirmos o porquê do uso do conceito de gênero. Nesta perspectiva, é interessante pensar com Rago (1998, p.92) que:

“A categoria de gênero permitiu, portanto, sexualizar as experiências humanas, fazendo com que nos déssemos conta de que trabalhávamos com uma narrativa extremamente dessexualizadora, pois embora reconhecemos que o sexo faz parte constitutiva de nossas experiências, raramente este é incorporado enquanto dimensão analítica. [...]”

Quando trazemos esta citação para discussão, chamamos num primeiro momento a atenção para observarmos que o conceito de gênero, apesar de imbricado com o de sexualidade que vai além da dimensão sexual, segue pela estrada da subjetividade, das práticas cotidianas, numa partilha cultural entre o universo feminino e o masculino. Nesse conjunto, na contramão da separação dos corpos, onde cada gênero se constituiria independente do outro, o gênero é pensado a partir do relacional. Relação que, muitas vezes, distingue, nomeia, mas não isola, partindo do princípio de que um gênero elabora a si mesmo na e através da produção do outro.

De um modo geral, podemos considerar que o nosso trabalho traz contribuições ao campo da História, por propor reflexões acerca da constituição do espaço no tempo, através das experiências dos sujeitos, que acabam por dar contornos a este espaço. Além disso, quando lidamos com análises da cultura, de identidades, de sensibilidades, de festas e de gêneros, estamos discutindo temáticas históricas importantes à historiografia contemporânea, em que as experiências dos sujeitos, na vivência em sociedade, são valorizadas, assim como as memórias por eles narradas.

Chegada a hora do sanfoneiro guardar a sanfona e parar de tocar, pedimos mais uma música. Durante o seu desenrolar, propomos as últimas considerações. Começamos por dizer que na produção deste trabalho, nos encantamos com as conversas junto aos nossos depoentes, rimos com histórias narradas por eles, ouvimos músicas citadas que vieram nos ajudar na construção do trabalho. Dançamos ao ouvir essas músicas, ao nos inebriarmos pelo som da sanfona, degustamos bebidas, a exemplo do café, que nos deu ânimo para vencer o sono da madrugada. Ficamos felizes a cada frase, a cada parágrafo que acreditávamos estar

permeado por afetividades. Choramos também, em alguns momentos, pelas dificuldades surgidas no caminho.

Neste campo de ação, fruto de todas estas sensibilidades construídas, demos por concluída mais uma etapa da vida, um texto que se apresenta como fruto de um trabalho árduo, mas gratificante.

Esperamos que esta escrita tenha sensibilizado o caro leitor, de forma a perceber que somos sujeitos que nos construímos na relação com o outro, na vivência do dia-a-dia, seja no trabalho, no lazer, nos namoros, e quem sabe nos casamentos, nas pessoas que passam por nossa vida e nos tocam, que deixam saudades, por situações que nos marcam diferentemente. Que todo este trabalho sirva para dar força a quem quer iniciar uma caminhada, coragem a quem está se sentido desanimado, e ainda desejo de continuar para aqueles que ao chegarem ao fim de uma caminhada, pensam em não mais estabelecer outras jornadas.

Nisso, não deixamos aqui um ponto final no estudo, pois ele não se esgota aqui. Muitos caminhos ainda podem ser percorridos, experiências ainda necessitam serem narradas, novas problemáticas precisam ser pensadas e discutidas. Como um baile que termina, mas que deixa o desejo de habitação de outro, esta dissertação se produziu. Na busca de construção de uma dissertação que fizesse com o leitor fosse afetado pelas sensibilidades produzidas, este texto foi pensado. Esperamos que este objetivo tenha sido alcançado. Até os próximos bailes.

permeado por afetividades. Choramos também, em alguns momentos, pelas dificuldades surgidas no caminho.

Neste campo de ação, fruto de todas estas sensibilidades construídas, demos por concluída mais uma etapa da vida, um texto que se apresenta como fruto de um trabalho árduo, mas gratificante.

Esperamos que esta escrita tenha sensibilizado o caro leitor, de forma a perceber que somos sujeitos que nos construímos na relação com o outro, na vivência do dia-a-dia, seja no trabalho, no lazer, nos namoros, e quem sabe nos casamentos, nas pessoas que passam por nossa vida e nos tocam, que deixam saudades, por situações que nos marcam diferentemente. Que todo este trabalho sirva para dar força a quem quer iniciar uma caminhada, coragem a quem está se sentido desanimado, e ainda desejo de continuar para aqueles que ao chegarem ao fim de uma caminhada, pensam em não mais estabelecer outras jornadas.

Nisso, não deixamos aqui um ponto final no estudo, pois ele não se esgota aqui. Muitos caminhos ainda podem ser percorridos, experiências ainda necessitam serem narradas, novas problemáticas precisam ser pensadas e discutidas. Como um baile que termina, mas que deixa o desejo de habitação de outro, esta dissertação se produziu. Na busca de construção de uma dissertação que fizesse com o leitor fosse afetado pelas sensibilidades produzidas, este texto foi pensado. Esperamos que este objetivo tenha sido alcançado. Até os próximos bailes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de historia oral**. 3ªed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005a.

_____. História dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005b. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2.ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.

_____. As sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (et alii). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p.117-139.

_____. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ARAÚJO, Eronides Câmara. Pavor e insegurança no controle da carne: corpo e infidelidade no discurso masculino. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 8. Florianópolis, 2008. p. 1-8. Disponível em <http://www.fazendogenero8.ufsc.br> Consultado em 06 de Janeiro de 2012.

ARAÚJO, Severino Ramos de. **Memória viva: A história de Baraúna baseada na memória e pesquisa de Severino Passos**. Baraúna, PB: [s.n.], 2005.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.607-639.

BASSANEZI, Maria Silvia. Registros Paroquiais e Cíveis: Os eventos vitais na reconstituição da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.141-172.

BOURDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989. p.7-15.

BURITI, Iranilson. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EDUFPG, 2011.

BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Fotografias: Usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.29-60.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1995.

_____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 13.ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

_____. Anais do cotidiano. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b. p.31-33.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce. Espaços privados. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 7. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p.203-207.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História Oral. Memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011a.

_____. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011b.

DIWAN, Pietra. Corpo. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010. p.119-134.

DREYFUS, Dominique. **Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga**. São Paulo: Ed.34, 1996.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre; LOURO, Guacira Lopes. (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.28-40.

FERREIRA, Carla Georgea Silva. Ressignificando fronteiras: Territorialidades e identidade no Bumba-meu-boi do Maranhão. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidades e (Des)igualdades, 11., 2011, Ondina. **Anais eletrônicos**. Ondina: UFBA, 2011. p.1-12. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307635760_ARQUIVO_ArtigoLusoAfrosemresumo.pdf. Consultado em 16 de Janeiro de 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (orgs.) **Festa: Cultura & Sociabilidades na América Portuguesa**, Volume II. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. p.969-975.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. Memórias de “histórias femininas”, memórias e experiências. In: PISCITELLI, Adriana. (org.). **Cadernos Pagú: Gênero, narrativas, memórias**. 1997 (8/9). p. 343-354.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: _____. **Linguagem e Educação depois de Babel**. Tradução de Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LIMA, Elisabeth Christina de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. João Pessoa: Idéias, 2002.

_____. **A Festa de São João nos discursos bíblico e folclórico**. Campina Grande: EDUFCG, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.443-481.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: Cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MATOS, Maria Izilda S. de. Do público para o privado: Redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). In: ALGRANTI, Leila Mezan. (org.). **Cadernos Pagú: Fazendo história da mulheres**. 1995 (4). p.97-115.

_____. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 67-75.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Produções do Medo: algumas trilhas. (1955-1964). In: MONTENEGRO, Antonio Torres; NETO, Regina Beatriz Guimarães; REZENDE, Antônio Paulo (et al.). **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008. p.13-43.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo, 2005. p.235-289.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Oralidade e canção: a música popular brasileira na história. In: LOPES, Antonio Herculano; VELOSSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.) **História e linguagens. Texto, imagem, oralidade e representações**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006. p.245-254.

PAES, Marcelo Renato de Cerqueira. **Do Azeite de Mamona à Eletricidade – Anotações para uma História da Energia Elétrica na Paraíba**. 2ª ed. Editora Rivaisa: João Pessoa, Paraíba, 1994. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000114.pdf. Consultado em 24 de Agosto de 2011.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Apresentação. In: _____. (org.) **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004a. p.7-15.

_____. A vitória de Antígona sob signo de Babel, a cidade brasileira dessacralizada. In: _____. (org.) **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004b. p.165-192.

_____. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005a.

_____. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2005b, [En línea], Puesto en línea el 04 febrero 2005. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/229> Consultado em 22 de agosto de 2010.

_____. Na contramão da vida: Razões e sensibilidades dos filhos malditos de Deus (Antônio Rasgado, Benjamin o Degolador, João Foguista). In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes. (orgs.) **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006. p.161-177.

_____. Sensibilidade: Escrita e leitura da alma. In: LANGUE, Frédérique; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 9-21.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: _____ (org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 29-54.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. Apresentação. In: _____. (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p.7-8.

PROST, Antoine. Social e cultural indissociavelmente. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). **Para uma história cultural**. Tradução Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 123-137.

RAGO, Luiza Margareth. **Do cabaré ao Lar: utopia da cidade disciplinar: Brasil 1830-1930**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1985.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1991.

_____. Descobrimo historicamente o gênero. In: BESSA, Karla Adriana Martins (org.). **Cadernos Pagú: Trajetórias do gênero, masculinidades...**, 1998 (11). p. 89-98.

REIS, José Carlos. **História, a ciência dos homens no tempo**. Londrina: EDUEL, 2009.

_____. O tempo histórico como “Representação cultural”. In: **Revista Sophie: A História Cultural em foco: Cultura, sociedade e sensibilidades**. Recife – PE, n.1, 2011. p.8-29.

REZENDE, Antonio Paulo de Moraes. Cidade e modernidade: Registros históricos do amor e da solidão no Recife dos anos 1930. In:). In: MONTENEGRO, Antonio Torres; NETO, Regina Beatriz Guimarães; REZENDE, Antônio Paulo (et al.). **História: cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008. p.45-71.

ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PÔRTO JR., Gilson. (org.) **História do tempo presente**. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p.277-296.

SANTOS, Janielly Souza dos. **Memórias que produzem história: práticas culturais dos “forrós” em Baraúna – PB (Anos 50 e 60)**. Campina Grande: UEPB, 2007.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTIAGO, Márcia Maria Santos. Padroeira: A festa de Nossa Senhora D’Ajuda em Itaporanga. In: **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, Volume 4, Jul-Dez de 2008. p.153-160.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (org.) **História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-619.

SILVEIRA, Paulo Webber da. **Guia dos namorados**. São Paulo: Prelúdio, 1959.

SOUSA, Maria da Conceição Gomes de. **Hino de Baraúna**. Baraúna – PB, 2011. Disponível em <http://barauna-pb.blogspot.com.br/2011/08/concurso-do-hino-municipal-de-barauna.html> Consultado em 10 de Fevereiro de 2012.

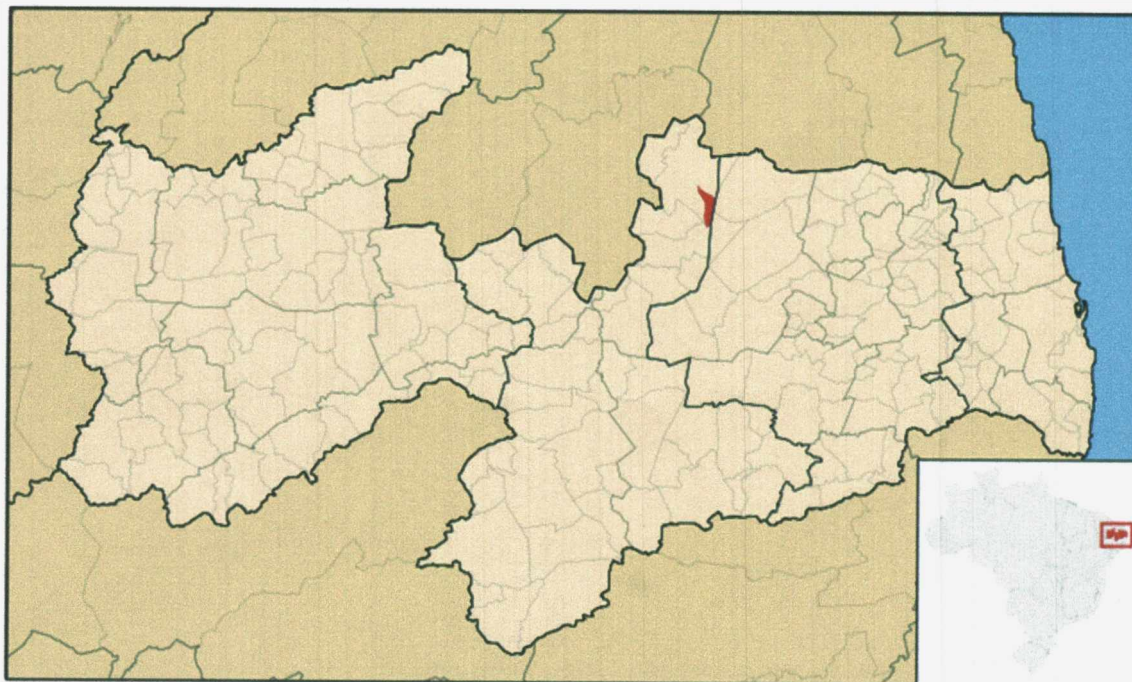
SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Arrochar a titela, chambregar e criar um furdunço: divertimentos e tensões sociais em Campina Grande (1945-1965). In: Ó, Alarcon Agra do. (org.). **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**. 2.ed. João Pessoa: Idéia, 2005. p.185-226.

STEARNS, Peter N. **História das relações de gênero**. Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Contexto, 2007.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Triunfo às ondas do mar: Linguagens e espaços urbanos no Rio de Janeiro. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. (org.) **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p.193-214.

ANEXO

MAPA 1 – Mapa da Paraíba destacando o município de Baraúna.



MAPA 2 – Mapa do município de Baraúna.

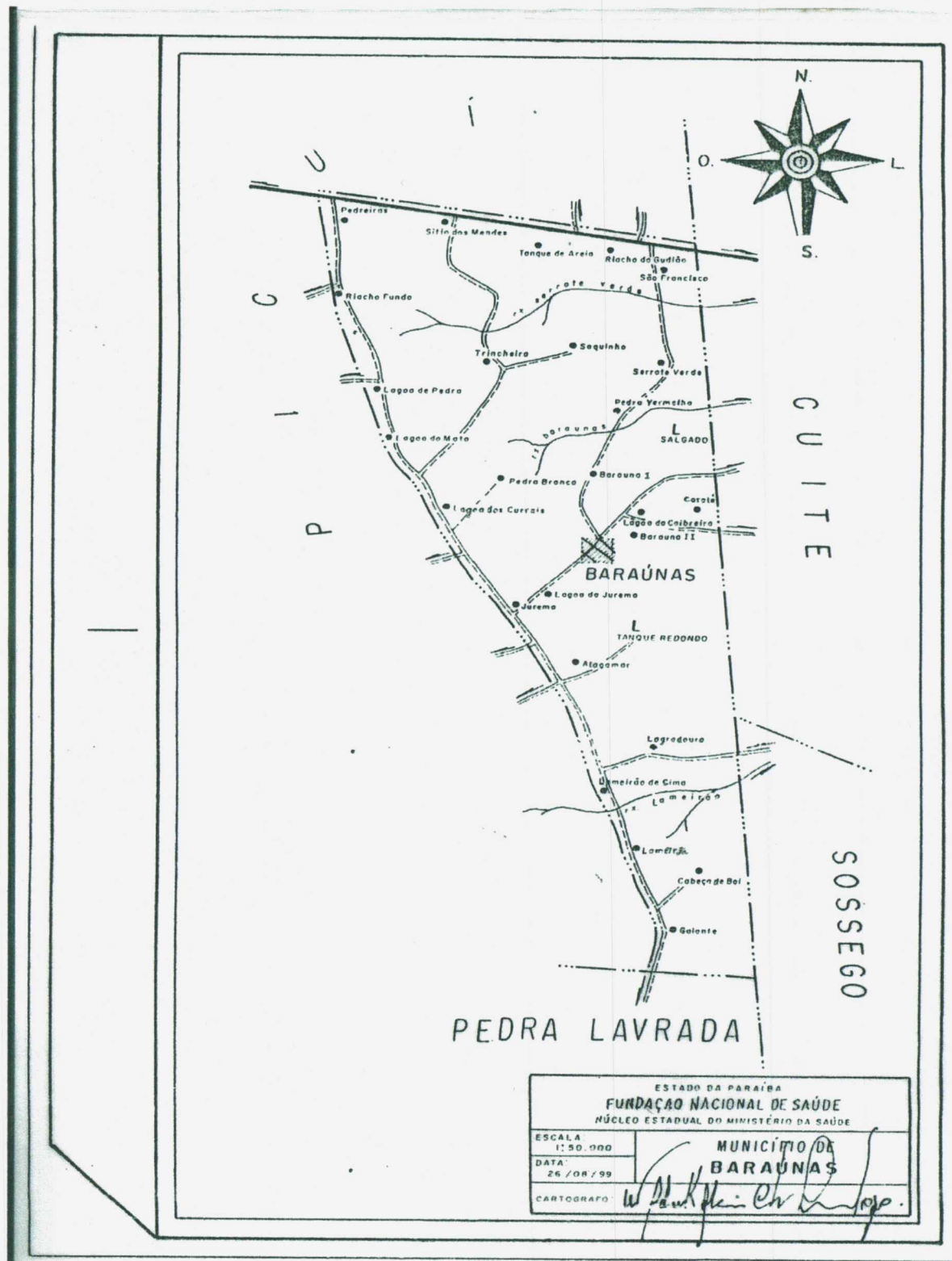


FOTO 1 – Foto da Igreja de Nossa Senhora do Desterro em Baraúna – 2012.

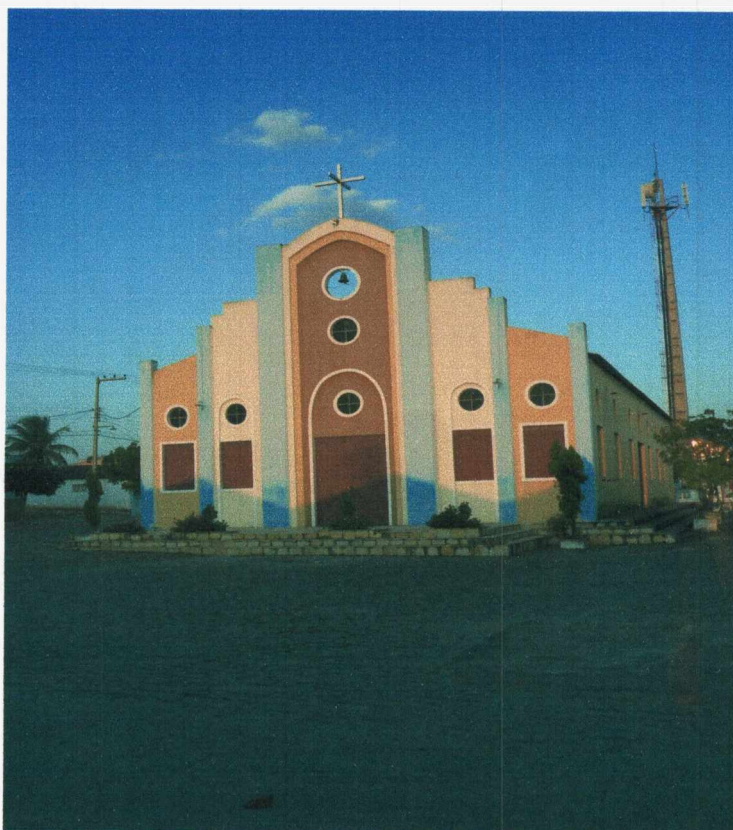


FOTO 2 – Foto da Escola Estadual de Ensino Fundamental de Baraúna, antigo Grupo Escolar Professor Muribeca – 2012.



FOTO 3 – Foto atual do local onde existia o terraço de Zé Lourenço – 2012.

